

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – CCHE/FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

Querida

N.º 160 — JANEIRO DE 1961
2.ª QUINZENA — Cr\$ 25,00
(PARA ADULTOS)

LAURA PERETTO SALERNO

**QUERIDA ENSINA: PRECEITOS DE COMPORTAMENTOS
FEMININOS EM PÁGINAS DA REVISTA QUERIDA (1958-1968)**

FLORIANÓPOLIS – SC

2009



LAURA PERETTO SALERNO

**QUERIDA ENSINA: PRECEITOS DE COMPORTAMENTOS
FEMININOS EM PÁGINAS DA REVISTA *QUERIDA* (1958-1968)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof. Dr^a Maria Teresa Santos Cunha
Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

FLORIANÓPOLIS – SC

2009

LAURA PERETTO SALERNO

**QUERIDA ENSINA: PRECEITOS DE COMPORTAMENTOS
FEMININOS EM PÁGINAS DA REVISTA QUERIDA (1958-1968)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____
Prof. Dr^a Maria Teresa Santos Cunha
PPGE UDESC

MEMBROS

Prof. Dr^a Raquel de Barros Pinto Miguel
UFSC

Prof. Dr. Tito Sena
UDESC

Prof. Dr^a Gladys Mary Ghizoni Teive
PPGE UDESC

Florianópolis/SC, 04 de dezembro de 2009

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Teresa, querida orientadora, o meu reconhecimento ao seu esforço e paciência em minorar os percalços do caminho. Aos professores Raquel de Barros Pinto Miguel, Gladys Mary Ghizoni Teive e Tito Sena, pela leitura cuidadosa e sugestões fundamentais apresentadas durante o Exame de Qualificação. À Vânia, diretora do NEI Tapera, pelo apoio. Aos professores e demais funcionários do NEI Tapera, meus colegas e amigos, por compreenderem as minhas ausências. À querida colega Raquel, pela receptividade e acolhimento às minhas dúvidas e ansiedades, pela parceria em todos os outros momentos. À Gabriela e Anderson, da secretaria acadêmica, pelos simpáticos e ágeis atendimentos aos meus pedidos. Aos professores e funcionários do programa de pós-graduação da UDESC, sempre muito gentis. À UDESC e à Prefeitura Municipal de Florianópolis, por proporcionarem as condições para dedicar-me ao Mestrado. Aos meus pais, peças-chave na minha formação escolar. Às tias Clara e Carmen, pelas tantas revistas que hoje compõem o meu acervo. Ao meu marido e companheiro, por tudo. À Deus, sem o qual nada seria possível... A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão do saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault (1998, p.13)

Toda leitura difere de outra menos pelo texto que pela maneira que é lida e [...] um sistema de signos verbais e icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido.

Michel de Certeau (1994, p.264)

RESUMO

SALERNO, Laura Peretto. ***Querida* ensina: Preceitos de comportamentos femininos em páginas da Revista *Querida* (1958-1968)**. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação – Linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

Este trabalho tem como objetivo procurar reconhecer e analisar modos de comportamento que circulavam nos discursos presentes em espaços significativos do periódico, tais como contos, coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, seções de cartas, e propagandas das Revistas *Querida* (1958-1968). Busca-se compreender, ainda, que representações de uma época estes discursos, veiculados nas páginas das revistas selecionadas, ecoaram. As fontes da pesquisa são compostas por 31 volumes da Revista *Querida* com exemplares que representam os anos compreendidos entre 1958 e 1968. A presente pesquisa busca apresentar um pouco do contexto em que o periódico analisado estava inserido, procurando evidenciar um possível “lugar” da mulher leitora de *Querida*, bem como a importância das revistas femininas para esta mulher neste dado lugar e momento histórico. A partir disto privilegia-se fazer uma breve caracterização acerca da revista: surgimento, produção, editora, circulação, enfatizando o poder educativo deste tipo de impresso. Deste modo faz-se necessário buscar perceber o que a revista *Querida* fez circular entre suas leitoras e, assim, que imaginários e comportamentos contribuiu para criar. Para a consecução deste trabalho foi realizado um diálogo teórico com os pressupostos dos Estudos Culturais em Educação e da História Cultural, em interface com os discursos de gênero em mídia impressa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação feminina. História da educação. Revistas. Discursos de gênero. Civilidades.

ABSTRACT

SALERNO, Laura Peretto. ***Querida* teaches: Precepts of female behaviors in pages of the *Querida Magazine* (1958-1968)**. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação – Linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

This paper aims to try to recognize and analyse which ways of behaviour were presented by the speeches in significant spaces of the journal, such as stories, *Right and Wrong in Little Things* column, letter pages and advertisements of *Querida* magazines (1958-1968). It is looked to understand, still, which representations of a time these speeches, conveyed in the pages of the selected magazines, echoed. The fountains of this research are composed by 31 volumes of the *Querida* magazine with examples that represent the years between 1958 and 1968. The present research looks to present a little of the context in which the analysed magazine was inserted, trying to show a possible "place" for the *Querida*'s reader, as well as the importance of the women magazines for this woman at this given place and historical moment. From this, the research privileges to show aspects of the magazine trajectory: its appearance, production, circulation, emphasizing the educative power of this type of press. It is also necessary to look for what the *Querida* magazine made circulate between his readers, and, that way, what imaginary and behaviors it contributed to create. To achieve this research there was a dialogue with the theoretical assumptions of Cultural Studies in Education and Cultural History, interfaced with gender discourses in printed media.

KEY-WORDS: Women education. History of education. Printed media. Gender discourses. Civilities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - <i>Querida</i> nº106, p.19, 1958.....	30
Figura 02 - <i>Querida</i> nº354, p.09, 1968.....	30
Figura 03 - <i>Querida</i> nº133, p.50, 1959.....	31
Figura 04 - <i>Querida</i> nº354, p.4, 1968.....	32
Figura 05 - <i>Querida</i> nº168, p.76 e77, 1961.....	39
Figura 06 - <i>Querida</i> nº 172, p.86 e 87, 1961.....	39
Figura 07 - <i>Querida</i> nº 133, p.50, 1959.....	44
Figura 08 - <i>Querida</i> nº 176, p.53, 1961.....	44
Figura 09 - <i>Querida</i> nº 122, p.109, 1959.....	47
Figura 10 - <i>Querida</i> nº 177, p.31, 1961.....	48
Figura 11 - <i>Querida</i> nº 354, p.69, 1968	51
Figura 12 - <i>Querida</i> nº 274, p.38, 1965.....	51
Figura 13 - <i>Querida</i> nº 270, p.14, 1965.....	51
Figura 14 - <i>Querida</i> nº 246, p.30, 1964.....	63
Figura 15 - <i>Querida</i> nº 122, p.34, 1959.....	76
Figura 16 - <i>Querida</i> nº 172, p.32, 1961.....	77
Figura 17 - <i>Querida</i> nº 172, p.32, 1961.....	77
Figura 18 - Capa Revista <i>Querida</i> nº 122, 1959.....	83
Figura 19 - Capa Revista <i>Querida</i> nº 172, 1961	83
Figura 20 – Capa Revista <i>Querida</i> nº 160, 1961.....	84

Figura 21 - Capa Revista <i>Querida</i> nº 342, 1968	85
Figura 22 - Capa Revista <i>Querida</i> nº 351, 1968	85
Figura 23 - <i>Querida</i> nº 133, p.09, 1959.....	88
Figura 24 - <i>Querida</i> nº 133, p.13, 1959.....	88
Figura 25 - <i>Querida</i> nº 348, p.31, 1968.....	89
Figura 26 - <i>Querida</i> nº 348, p.32, 1968.....	89
Figura 27 - <i>Querida</i> nº 122, p. 45, 1959.....	96
Figura 28 - <i>Querida</i> nº 122, p. 45, 1959.....	99
Figura 29 - <i>Querida</i> nº 168, p. 93, 1961.....	101
Figura 30 - <i>Querida</i> nº 133, p. 89, 1959.....	102
Figura 31 - <i>Querida</i> nº 348, p. 09, 1968.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exemplos das Revistas <i>Querida</i>	15
Tabela 2 – Categorias de Análise	17

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A REVISTA <i>QUERIDA</i> NAS DÉCADAS DE 50 E 60	27
2.1	REVISTA <i>QUERIDA</i> : SURGIMENTO, PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO.....	27
2.2	DÉCADAS DE 50 E 60 NAS PÁGINAS DE <i>QUERIDA</i>	35
3	NAS PÁGINAS DE <i>QUERIDA</i>: PRINCÍPIOS DE CIVILIDADE PARA SUAS LEITORAS	55
3.1	<i>CERTO E ERRADO NAS PEQUENAS COISAS</i>	62
4	DE MOÇA DIREITA À RAINHA DO LAR: PERFIS DESEJADOS	75
4.1	MOÇA DIREITA/MOÇA LEVIANA.....	75
4.2	A RAINHA DO LAR	90
5	PARA ALÉM DAS PÁGINAS DE <i>QUERIDA</i>	108
	BIBLIOGRAFIA	111
	ANEXOS	118

1 INTRODUÇÃO

Ao debruçar-se sobre a vida e a morte dos homens no passado, o historiador debruça-se sobre sua própria. (DEL PRIORE 2002, p. 18)

Mídia impressa, educação feminina, gênero. A iniciativa de desenvolver uma investigação sobre tais temas é fruto de inúmeros questionamentos feitos em relação à presença da mídia, em especial a mídia impressa feminina, na construção das relações de gênero que envolveram e envolvem minha trajetória pessoal, escolar e profissional.

Por muitas vezes estranhei as relações de gênero que se mostravam presentes em meu círculo familiar e de amizades. Quando ingressei na Universidade e, por intermédio de alguns estudos realizados, percebi o quanto a mídia poderia auxiliar a estabelecer ou perpetuar determinados padrões, passou a preocupar-me o fato de amigos e familiares próximos trabalharem com publicidade e jornalismo. Eu ansiava compreender de que forma e até que ponto as concepções de gênero que eles possuíam poderiam ser repassadas a outras pessoas através de seu trabalho.

No decorrer de meus estudos e de minha atuação como professora, vários foram os momentos em que as relações entre os gêneros se mostraram importantes, mas foi especialmente durante a disciplina de Currículo e Programas que tive no Curso de Pedagogia e, posteriormente, na disciplina de Currículo e Cultura do Curso de Especialização em Currículo e Cultura, que despertei para o tema.

Neste curso tive contato com uma concepção de currículo diferente da que possuía e que me fez encarar a educação de uma forma mais ampla, percebendo o currículo como construção social, como uma seleção de cultura que atende a interesses específicos, como toda e qualquer relação social que ocorra dentro e fora da escola, em uma variedade de locais sociais, incluindo o espaço escolar, mas não se restringindo a ele. Percebi, assim, que currículo é mais do que uma simples coletânea de disciplinas escolares; ele está presente em nossas atitudes, nas organizações de espaço e tempo e se apresenta não apenas no ambiente escolar,

mas em todo o contexto educacional, como em teatros, escolas, igrejas, músicas, livros, revistas, mídias em geral. Além disso, foi-me importante perceber que o currículo pode perpetuar discursos de gênero, assunto que sempre chamou minha atenção.

Apesar de esse estudo ter me proporcionado novos entendimentos a respeito das questões de educação, gênero e mídia, senti necessidade de aprofundar o tema, a fim de clarear pontos ainda incompreendidos por mim. Desse modo, ao ingressar no curso de Mestrado em Educação, tive a oportunidade de folhear manuais de civildade e revistas brasileiras de décadas passadas, integrantes do acervo de periódicos do LABPAC / UDESC¹, o que acabou por influenciar a minha decisão de realizar uma pesquisa a partir de mídia impressa. Com isso veio logo à minha lembrança um conjunto especial de revistas femininas veiculadas nas décadas de 50 e 60, no Brasil. Revistas que foram lidas, colecionadas e que permaneciam ainda guardadas por queridas familiares e algumas de suas amigas. Conjunto de revistas que já, em outro momento, havia atraído muito a minha atenção: as revistas *Querida*.

A revista *Querida* surgiu no ano de 1954, editada pela Rio Gráfica Editora e circulou pelas bancas das principais cidades brasileiras. Revista de entretenimento com edição quinzenal, *Querida* tinha como público alvo mulheres adultas, letradas, de classe média das principais cidades do Brasil. O próprio título, “*Querida*”, já poderia ser entendido como um protocolo de leitura, que designava seu público leitor. *Querida* pretendia ser amiga, companheira, confidente; leitura voltada especialmente às mulheres. Mas quem eram as mulheres que liam estas revistas? Que discursos de gênero estavam presentes em suas colunas, capas, propagandas? Até que ponto estes discursos veiculados nas páginas das revistas *Querida* ecoaram representações de uma época?

É bem verdade que provavelmente eu não estaria fazendo tais questionamentos se não tivesse recebido parte das revistas *Querida*, que serviram de fontes à pesquisa realizada, de familiares muito próximas que foram outrora

¹ LABPAC / UDESC - Laboratório de Patrimônio Cultural institucionalizado no primeiro semestre de 2008, pelo Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. O LABPAC é coordenado pela professora Doutora Janice Gonçalves e vice-coordenado pela professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha, e está aberto à participação de docentes e discentes de outros cursos de graduação e pós-graduação da UDESC, bem como de profissionais e interessados em geral nas questões relacionadas à preservação do patrimônio cultural.

leitoras deste periódico. Todavia é importante ressaltar que, possivelmente, estas revistas chegaram a mim porque demonstrei interesse, um interesse que de algum modo tem suas razões em minha história. Talvez seja esta uma forma de procurar no passado fatos que me auxiliem a compreender melhor certas questões do presente. Neste sentido Raquel Glezer (2007, p. 24) coloca:

É o presente que direciona o conhecimento histórico, pois é sempre do momento vivido que surgem as questões para o conhecimento de determinado aspecto do passado. É nas angústias e necessidades da sociedade que o historiador encontra o elemento inicial de seu trabalho – as suas hipóteses orientadoras. A História é construção de conhecimento sobre uma questão perturbadora do presente, que analisa o passado para explicar, compreender ou interpretar o fenômeno em questão.

De acordo com Peter Burke (1992, p. 31), para compreender o presente é importante buscar conhecer as normas e práticas do passado e as transições que foram ocorrendo em diferentes períodos. Nesse intento dois aspectos devem ser considerados: as mudanças e as continuidades. Às vezes, práticas e atitudes parecem assumir apenas uma outra roupagem, mostrando, numa análise mais aprofundada, que a maneira de pensar certas questões ainda se encontra presa aos padrões de outras épocas. Deste modo, a história contada pelas páginas de *Querida* (1958-1968) será, de certa forma, revista e recontada a partir dos problemas do presente e das perguntas que farei aos documentos.

As fontes de que disponho para pesquisa são compostas por 31 volumes da Revista *Querida* com exemplares que representam todos os anos compreendidos entre 1958 e 1968, como é possível visualizar na tabela a seguir.

Tabela 1 - Exemplares das Revistas *Querida*

Ano	Jan	Fev	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1958										Nº106		Nº109
1959						Nº122						Nº133
1960												Nº158
1961	Nº160				Nº168		Nº172		Nº176	Nº177		
1962										Nº202	Nº204	
1963					Nº216							
1964								Nº245 Nº246			Nº251	
1965							Nº268	Nº270		Nº274		
1966			Nº285								Nº303	Nº305
1967	Nº308				Nº316							
1968		Nº335			Nº342			Nº348	Nº350 Nº351	Nº352	Nº354	

Acervo pessoal de Laura Peretto Salerno - 2008

Revistas de entretenimento são objetos ordinários², e como tais facilmente descartáveis. É difícil encontrar quem valorize estes materiais a ponto de guardá-los por tantos anos. Os números que possuo fazem parte de meu acervo pessoal coletado a partir de doações de familiares, antigas leitoras de *Querida*, além de inúmeras buscas em sebos³.

Com as fontes de pesquisa em mãos surgiu o propósito de investigar nestes exemplares da Revista *Querida* (1958-1968) quais eram os discursos para o feminino que se descortinavam a partir de suas reportagens, contos, capas, colunas, propagandas. Foram escolhidas para estudo a seção de cartas, por representar muito da subjetividade das leitoras; a coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, por ter uma inclinação clara à prescrição de normas de civilidade, aqui entendidas no sentido dado por Norbert Elias (1994) como um "abrandamento das pulsões"; os contos, por sua importância na formação do imaginário feminino; além das capas e

² Objetos ordinários são aqui compreendidos como objetos da ordem do comum, sem qualquer intenção de concedê-los um sentido pejorativo. No Brasil o termo está consagrado numa vasta produção. Destaca-se a produção de um grupo que tem se dedicado ao tema composto por Ana Chrystina Venâncio Mignot (2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2008), Maria Helena Câmara Bastos (2000, 2002, 2005, 2006), Maria Teresa Santos Cunha (2000, 2002, 2003, 2005, 2006, 2007, 2008) e Maria Stephanou (2005, 2008), conforme consta nas referências bibliográficas desta pesquisa.

³ Além das revistas cedidas por parentes próximas, algumas das revistas do acervo foram encontradas em sebos de Porto Alegre (Sebo Leal), Curitiba (Sebo Ousados) e São Paulo (Total Usados).

publicidades, por entender que estas trabalham com imagens e, também por isto, produzem uma forma de pedagogia, educam e seduzem.

O objetivo seria então procurar compreender que modos de comportamento tais discursos poderiam ter contribuído para sugerir e que representações⁴ de uma época estes discursos, veiculados nas páginas das revistas *Querida* (1958-1968), ecoaram. Como as fontes utilizadas constituem-se de 31 revistas *Querida*, pareceu-me importante ir à procura de sua história. Partindo disto busquei perceber o que a revista *Querida* fez circular entre suas leitoras e, assim, que imaginários⁵ contribuiu para criar sobre os comportamentos esperados para as ditas “moças direitas” da época.

A análise de documentos escritos, neste caso revistas femininas, requer leitura vigilante e minuciosa, que se atente não apenas às linhas a serem lidas, mas também à forma de composição do texto da revista, à forma de produção e apresentação do impresso, sua provável circulação. Isso se vincula às análises advindas da História da Leitura e da Cultura Escrita⁶.

⁴ A respeito do conceito de representação, o sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p.42) afirma: “homens e mulheres constroem representações de si mesmos e explicam suas práticas de acordo com tais representações. Dessa forma, numa sociedade patriarcal, as referidas práticas determinam atitudes de dominação/submissão. A sociedade através da família e depois através de outros canais (escola, religião, meios de comunicação), introjeta nos indivíduos as representações geradoras de atitudes e comportamentos que se mantêm ao longo de suas vidas.” Sabe-se, todavia, que o conceito de representação é polissêmico e pode remeter a uma gama de formulações teóricas, como o conceito de representações sociais, coletivas, mentais, cognitivas, simbólicas, entre outras. Deste modo, parece importante esclarecer que, no presente trabalho de pesquisa, o conceito de representação a ser utilizado será o conceito advindo da História Cultural, trazido pelo historiador Roger Chartier, que compreende a representação como produto de uma prática. Para Roger Chartier (1990, p.20), a representação pode ser entendida como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”.

⁵ Compreende-se o imaginário como habilidade de criação/recriação própria ao ser humano, como capacidade humana para representação do mundo, segundo Sandra Pesavento (2003). Para Jacques Le Goff, por sua vez, o imaginário é dimensão (1994: p. 11). Ele pertence ao campo da representação, na medida em que traduz uma realidade exterior percebida, tradução que alimenta o homem e o faz agir.

⁶ Ver Gomez, Antonio Castillo. Historia de La cultura escrita: Del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada. Sotiello-cenero: Ediciones Trea, 2002; e DARTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. (org.). A Escrita da História. Novas perspectivas. trad. Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

A fim de organizar conceitos e possíveis discursos de gênero que surgiam diante de meus olhos durante a leitura de tais periódicos, fez-se necessário criar categorias que auxiliaram no momento da análise dos dados. Estas categorias são: moça direita/moça leviana, beleza feminina, sexualidade contida, infidelidade, marido feliz – família feliz, rainha do lar, a mulher divorciada, contos ousados, regras de civilidade, moda feminina, vida profissional, industrialização e bens de consumo, lazer. A tabela subsequente apresenta estas categorias, juntamente com as edições em que podem ser encontradas e o número, total, de vezes que aparecem:

Tabela 2 – Categorias de análise

Categorias	Número de vezes que aparecem	Edições em que aparecem
Moça direita/Moça leviana	86	Todas
Beleza feminina	92	Todas
Sexualidade contida	23	122, 133, 158, 160, 172, 176, 177, 204, 216, 245, 246, 251, 268, 270, 274, 285, 303, 305, 308, 316,
Infidelidade	19	168, 176, 202, 204, 216, 245, 246, 251, 268, 270, 274, 285, 303, 305, 308, 316, 352.
Marido feliz – família feliz	77	Todas
Rainha do lar	91	Todas
A mulher divorciada	11	158, 177, 202, 216, 245, 251, 268, 285, 308, 335, 352.
Contos ousados	29	106, 109, 133, 158, 160, 168, 172, 176, 202, 204, 216, 245, 246, 251, 268, 274, 285, 303, 305, 308, 316, 335, 342, 348, 350, 351, 354.
Regras de civilidade	85	Todas
Moda feminina	36	Todas
Vida profissional	14	168, 172, 246, 270, 274, 285, 303, 316, 335, 342, 348, 352, 354
Industrialização e bens de consumo	61	Todas
Lazer	17	109, 122, 133, 158, 177, 202, 204, 216, 245, 285, 303, 305, 308, 316, 335, 350, 351.

Fonte - Acervo pessoal da autora

É importante considerar que, assim como tais categorias emergiram das fontes, foi também a partir da leitura atenta das revistas que identifiquei algumas categorias que pareciam repetir-se com maior frequência que as demais, são elas: moça direita/moça leviana, marido feliz - família feliz, rainha do lar, beleza feminina, regras de civilidade, como é possível notar na tabela 2. Nestas categorias inspirei-me para criar os capítulos desta dissertação, que serão posteriormente apresentados.

A partir disto retornei às fontes, mas neste momento com um novo olhar. As categorias acima referidas me ajudaram a destacar nas revistas *Querida*, por mim já lidas, as seções que mais as representavam, ou seja, aquelas seções em que as categorias selecionadas pareciam se mostrar mais presentes. Estas seções seriam: a seção de cartas, os contos, a coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, e algumas das propagandas veiculadas nestas revistas. Como não seria possível que eu esgotasse as fontes, nem mesmo tais seções nesta pesquisa, optei por “pinçar” frases, parágrafos, expressões e imagens que, a meu ver, bem representassem ditas categorias, e passei a trabalhar com elas a fim de tecer os capítulos do presente trabalho.

Esta pesquisa está inserida no âmbito da História da Educação e, uma vez que possui como objeto a educação feminina através de uma determinada mídia impressa, parece viável buscar compreender as contribuições que os Estudos Culturais brindam ao referido trabalho. Os Estudos Culturais são uma área multifacetada de estudos que concebe a cultura como campo de luta e arena política. Nasce da movimentação intelectual que surge no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, em meados do século XX, provocando uma grande reviravolta na teoria cultural. Este campo de estudo surge em meio às movimentações de certos grupos sociais que procuram se apropriar de saberes que emergem de suas leituras do mundo; que buscam uma educação em que as pessoas comuns pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (COSTA, 2003). Segundo Silva (2002, p. 133):

No campo dos Estudos Culturais a cultura deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano. Nessa visão, não há nenhuma diferença entre, de um lado, as ‘grandes obras’ da literatura e, de outro,

as variadas formas pelas quais qualquer grupo humano resolve suas necessidades de sobrevivência. Inicialmente restrita às manifestações culturais 'autênticas' de grupos sociais subordinados, essa definição inclusiva de cultura iria posteriormente ser ampliada para abranger também aquilo que na literatura anglo-saxônica é conhecido como 'cultura popular', isto é, as manifestações da cultura de massa: livros populares, rádio, televisão, a mídia em geral.

De tal maneira, os Estudos Culturais analisam instâncias culturais tais como museus, filmes, livros, revistas, televisão, publicidades etc, sob a ótica de que ditas instituições expressam significados social e culturalmente construídos, buscam influenciar as pessoas e estão envolvidas em complexas relações de poder. Como afirma Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2003, p. 68):

A valorização do cotidiano não significa negligência em relação aos conflitos sociais e culturais, na verdade presentes nele. A questão é que nem sempre os conflitos se mostram com clara evidência [...] eles podem estar nas pequenas estratégias cotidianas, nas diversas apropriações de valores, saberes, poderes.

A toda forma de educação que tem ficado a cargo de práticas culturais ou instituições que não a escola, no domínio dos estudos culturais, dá-se o nome de pedagogias culturais. Tal noção destaca justamente a centralidade da mídia nos processos educacionais tecidos para além do espaço escolar. Em outras palavras, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, o currículo não consiste apenas no conteúdo aprendido na escola, engloba também o conhecimento transmitido por outras instâncias, como as midiáticas, por exemplo. Neste sentido, livros, revistas, televisão etc., possuem um currículo que ensina uma infinidade de práticas, comportamentos, sonhos e desejos. O currículo, compreendido como um artefato cultural, é um sistema de significação implicado na produção de identidades e subjetividades, ou seja, uma prática de produção e veiculação de significados, um espaço de representações.

Através da perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura passa a ser vista como uma pedagogia, e a pedagogia passa a ser vista como uma forma cultural. Neste sentido, pode-se inferir que outras instâncias culturais e processos extra-escolares, são também pedagógicos. Assim sendo, essas instâncias culturais

produzem conhecimento, produzem uma pedagogia cultural que contribui para construir certo tipo de subjetividade e identidade social. É neste contexto que autores como Marisa Costa, Guacira Lopes Louro e Tomáz Tadeu da Silva tem importantes contribuições para com este estudo.

É necessário, também, assumir a relevância da História Cultural para esta pesquisa. De acordo com Fonseca (2003, p. 72), “a contribuição que a História Cultural, como campo dotado de aportes teórico-metodológicos, pode dar ao avanço da História da Educação está no descortinamento de dimensões ainda pouco exploradas, fora da escola e da escolarização [...]”

O referencial da História Cultural contribui para o entendimento do aspecto da “cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2003, p. 15). Desta forma a referida pesquisa apóia-se nos conceitos de Roger Chartier, que traz grandes contribuições para este trabalho, dentre elas esclarece:

A História Cultural é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. (CHARTIER, 1990, p. 18).

Ao enfatizar a expressão “dada a ler”, Roger Chartier coloca em destaque a questão da interpretação. É preciso compreender que história é reinterpretação, reescritura. Não há como recuperar o passado exatamente como ele se deu.

Ainda na esfera da História Cultural encontra-se a História do Livro e da Leitura. Segundo Roger Chartier (1999, p. 12) três pólos definem o espaço desta História: a análise dos “textos decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, em suas pretensões”; a história do impresso; e o estudos das práticas de leitura “que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciados”. No entanto este trabalho pretende se ater apenas aos dois primeiros vértices deste triângulo, quais sejam a análise dos textos em seus objetivos e a história do impresso.

A fim de colher contribuições que instrumentalizem teoricamente esta pesquisa sobre revistas femininas, parece relevante perpassar a história do livro e da leitura, sem qualquer pretensão de realizar uma digressão sobre a historiografia da mesma. Neste sentido Robert Darnton, Roger Chartier e Jean Marie Goulemot auxiliam a compreender a leitura como prática cultural e social. Para pensar a leitura de revistas femininas como um suporte a normas de civilidade às leitoras, Norbert Elias traz importantes contribuições.

Carla Bassanezi, Constantina Xavier Filha, Denice Catani, Joana Maria Pedro, Leoní Serpa, Maria Teresa Santos Cunha, Maria Helena Câmara Bastos, Raquel de Barros Pinto Miguel, Tito Sena destacam-se por suas pesquisas sobre imprensa, mídia impressa feminina e educacional. Outros autores e autoras, não menos importantes, também dão suporte teórico a esta investigação.

Com a intencionalidade de reforçar a importância do papel das revistas femininas para as mulheres que as liam nas décadas de 1950 e 1960, buscarei rever alguns pontos da incursão feminina ao mundo da leitura e sua trajetória até a popularização da mídia impressa feminina, sem a intenção de aprofundar a pesquisa neste aspecto, mas procurando apontar a função educativa de tais periódicos; um percurso que permitirá compreender a emergência de práticas de leitura feminina.

Lígia Maria Moreira Dumont, em um artigo intitulado “Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento” (2007), pontua que a leitura feminina começa a tomar espaço com o Iluminismo. Segundo esta autora:

A era do Iluminismo, na tentativa de reformar a sociedade, estimulou os progressos na direção da alfabetização no mundo ocidental, criando um número novo de leitores nos quais as mulheres foram incluídas; elas que até então estavam relegadas, em sua maioria, ao plano de ouvintes das leituras dos homens e do clero. No entanto, obtiveram permissão de apreciar apenas os textos passados pelo crivo destes mesmos senhores. (DUMONT, 2007, p. 29).

Ainda de acordo com a referida pesquisadora, “aos poucos se toma consciência do poder do conhecimento e da discussão pública de determinados assuntos como sendo uma “arma” em favor de interesses particulares.” (DUMONT, 2007, p. 30). A esfera pública literária adquire, então, um caráter político e passa a

discutir que tipo de assunto seria de interesse público manter em pauta. Por outro lado, a literatura contribuiu para endossar e difundir o discurso sobre atributos considerados naturalmente femininos, que excluía, inclusive, a criação literária, um dom tido como essencialmente masculino. A Igreja Católica dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, incentivava as mulheres a ler, mas condenava-as a não escrever, acreditando assim impedi-las de se expressarem livremente (GOMEZ, 2002). Afinal, o papel que lhes cabia na sociedade era de mantenedoras da moral e dos bons costumes e não de criadoras e difusoras de novas idéias.

É somente a partir de 1827 que as meninas são aceitas oficialmente nas escolas brasileiras. O estudo era de acesso para poucas; lugar de mulher era em casa cuidando do lar, idéia que persiste até início da segunda metade do século XX.

A expansão do mercado editorial, no final do século XIX e início do século XX, resultou na fundação e circulação crescente de jornais, revistas literárias, folhetins, edições populares etc. e conquistou novas camadas de leitores, principalmente entre o público feminino (GOMEZ, 2002). Os jornais e revistas deste período, de olho no novo mercado consumidor, dividiam-se por temas correspondentes ao sexo de seus leitores.

Assim, começa a se ampliar o acesso feminino à leitura, sendo que a maior diferença entre a leitura masculina e a feminina ficava a cargo do conteúdo. A elas, em geral, eram dedicados os romances, as reportagens e artigos sobre moda, culinária, decoração, leituras que objetivavam o divertimento e os cuidados com o lar; aos homens, também de modo geral, destinavam-se as notícias sobre eventos públicos, leituras que objetivavam a informação e o estudo.

A valorização das mulheres leitoras como um segmento para o qual deveriam ser produzidos discursos específicos aparece a partir de meados do século XX. Uma nova função social, pretendida para a mulher nesse determinado período, favoreceu a valorização da instrução feminina e, conseqüentemente, o aumento do segmento de leitoras. O discurso positivista⁷ agregou às funções de mãe, dona-de-casa e

⁷ De acordo com Clarisse Ismério (2007, p. 02) “O Positivismo, linha teórica da sociologia criada pelo francês Auguste Comte (1798-1857) que atribuía fatores humanos às explicações dos mais diversos assuntos, fundamentava-se em um discurso conservador, uma vez que buscava nos vultos e heróis do passado os exemplos para a organização da sociedade. O caráter conservador é observado no discurso referente à mulher. Considerando a mulher responsável pela manutenção da moral e pela realização do culto privado, Auguste Comte propôs modelos de conduta feminina baseados na

esposa a função de educadora dos filhos da pátria. O magistério converteu-se em extensão da tarefa doméstica e maternal. Instruíam-se as mulheres para que elas próprias pudessem educar “melhor” a sociedade dos homens e ter um trabalho qualificado aos seus próprios olhos. Poderiam, assim, ser reconhecidas como colaboradoras para o progresso da humanidade.

Essa mulher, que já se encontrava a trabalhar em cargos que fossem uma extensão de seu papel no lar, tais como os de professora e enfermeira, “tinha como práticas de leitura a leitura solitária de romances e livros de civilidade; a leitura coletiva de folhetins encartados em jornais e revistas durante serões de família; assim como a leitura de conselhos sobre moda, higiene, culinária, saúde das crianças, contos, piadas publicadas em revistas femininas.” (ALMEIDA, 2006, p. 14).

À mulher moderna eram consentidas diversas leituras. Isso, entretanto, não significava que não houvesse preocupação com o que poderia chegar às mãos e aos olhos, principalmente de moças solteiras (ALMEIDA, 2006). Contudo, apesar de ainda haver esse tipo de “cuidado” com o conteúdo da leitura destinada às mulheres, já não era possível ter um total controle do que era lido por elas. De acordo com Chartier (1990), a leitura silenciosa possibilitou a fuga aos padrões determinados de leitura feminina e auxiliou na constituição de uma intimidade individual e intelectual, pois a relação pessoal com o texto, trazida pela leitura solitária, dificultava os controles do grupo.

As mulheres, dentro de suas casas, tinham tempo para se dedicarem aos suspiros e soluços das histórias de amor, às fofocas, aos conselhos, às dicas de moda e culinária das revistas femininas, mas os afazeres do lar vinham em primeiro lugar. Talvez um dos motivos do sucesso das revistas quinzenais voltadas ao público feminino tenha sido devido a estes periódicos possibilitarem à mulher planejar melhor sua leitura, que era feita nos intervalos entre os trabalhos domésticos. Deste modo as revistas femininas se popularizaram rapidamente e, nas décadas de 50 e 60⁸, época em que a televisão era ainda incipiente no Brasil, viveram um momento de sucesso e altas vendagens (BUITONI, 1981). Carla

mentalidade patriarcal, formada ao longo da História da Humanidade. A mulher deveria ser a *rainha do lar* e o *anjo tutelar* de sua família.

⁸ Recorte temporal desta pesquisa.

Bassanezi entende as revistas femininas como uma das melhores portas de entrada das normas sociais vigentes em um dado período:

As revistas femininas veiculam o que é considerado próprio do “mundo feminino” pelos seus contemporâneos. Seu conteúdo é marcado pela história. Nunca surgem como idéias revolucionárias, não abrem caminhos, mas também não podem ficar muito distantes das transformações de seu tempo, pois correm o risco de perder o seu público leitor. Ao mesmo tempo, as revistas são capazes de formar gostos, opiniões, padrões de consumo. Acabam servindo muitas vezes como guias de ação, conselheiras persuasivas e companheiras de lazer. (BASSANEZI, 1996, p. 15).

Uma forte particularidade da imprensa feminina é seu cunho sentimental. As revistas femininas da metade do século XX passam a ser companheiras de suas leitoras, dialogando com elas sobre problemas cotidianos (BUITONI, 1981). De tal maneira, estes periódicos podem colaborar para a manutenção de determinados padrões, veiculando papéis ‘tradicionais’ de mulher, de comportamento, de sexualidade. As evidências apontadas em vários estudos indicam que as revistas femininas participam da edificação da compreensão sobre o que significa ser mulher, indicando formas de pensar sobre elas mesmas e seus estilos de vida.

É importante pensar no papel das revistas, de um modo geral, mas atendo-se aqui mais especificamente às revistas femininas, como veiculadoras de pedagogias culturais, uma vez que aconselham as mulheres a como agir com seus maridos, filhos, como cuidar da casa, qual a melhor forma de vestir-se, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Conforme afirma Santos (2004, p. 37), o conceito de pedagogia cultural supõe que a educação ocorra “numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar, compreendendo bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, livros etc.”. Estes contextos educacionais diversos fazem circular concepções de gênero, raça, etnia, sexualidade, infância, classe social, indicando possíveis maneiras de se comportar, de ser e sentir. Desta forma as revistas femininas são também veiculadoras de pedagogias, uma vez que contribuem para instrução de suas leitoras, levando a elas formas de comportamento e conceitos considerados válidos para uma determinada parcela da sociedade em um determinado momento histórico e contribuindo, assim,

para a formação de imaginários. A esse respeito Tomáz Tadeu da Silva (2002, p. 139) coloca que:

Se é o conceito de “cultura” que permite equiparar a educação a outras instâncias culturais, é o conceito de ‘pedagogia’ que permite que se realize a operação inversa. Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. Agora a equiparação está completa: através dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que a cultura geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural.

Compreendendo as revistas femininas como pedagogias culturais pode-se afirmar que, mesmo sem terem o objetivo explícito de ensinar, elas o fazem. Diferentemente do conhecimento escolar, as revistas femininas apresentam seus conteúdos de uma maneira sedutora, atraente, irresistível. Os conteúdos que são transmitidos através de suas páginas levam consigo uma série de formas de conhecimento e saberes que contribuem para formar imaginários e influenciar comportamentos e que não podem deixar de ser entendidos como elementos pedagógicos. Em vista disso, sua importância é merecedora de pesquisas, tais como o fizeram Carla Bassanezzi (1996), Luciana Fornazari (2001), Raquel de Barros Pinto Miguel (2005, 2009), Lílian Henrique de Azevedo (2009), entre tantas outras que me encorajaram a ingressar neste estudo sobre a Revista *Querida*.

A presente pesquisa apresenta-se dividida em três capítulos, a fim de melhor organizar a análise dos dados. O primeiro capítulo, intitulado *A Revista Querida nas décadas de 50 e 60*, intenciona apresentar a revista objeto desta pesquisa, demonstrando um pouco do contexto em que estava inserida. Sendo assim, para que se possa melhor compreender o cenário no qual surgira a revista *Querida*, será feita uma breve explanação sobre aspectos políticos e sociais do Brasil nas décadas de 50 e 60, procurando evidenciar um possível “lugar” da mulher de classe média, urbana nesta sociedade, bem como um dos possíveis papéis das revistas femininas para esta mulher neste dado lugar e momento histórico. A partir disto torna-se importante fazer uma breve caracterização acerca da revista: surgimento, produção,

editora, circulação, enfatizando, nessas condições, o poder educativo deste tipo de impresso.

O segundo capítulo, *Nas páginas de Querida: princípios de civilidade para suas leitoras*, pretende demonstrar de que modo a revista *Querida* (1958-1968) irradiou normas e preceitos de civilidade para suas leitoras, por ter sido uma mídia impressa bastante difundida e por ter dado suporte material a textos e imagens que indicavam modos de comportamento, formas de vestir-se e portar-se. Outra intencionalidade deste capítulo é a de estudar a coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, que prescrevia normas de civilidade às leitoras da revista. Entendida, neste trabalho, como “modo de dever ser, a civilidade visa transformar em esquemas incorporados, reguladores, automáticos e não expressos das condutas, as disciplinas e censuras que ela enumera e unifica numa mesma categoria.” (CHARTIER, 2004, p. 48).

De moça direita à rainha do lar, capítulo terceiro, anseia trazer trechos da revista *Querida* (1958-1968) que tragam à tona a intencionalidade do periódico ao explicitar as suas leitoras quais atitudes seriam as ideais para uma *moça direita*, quais a tornariam uma *moça leviana*, e qual a forma de comportamento seria digna de uma *rainha do lar*. Os discursos presentes em páginas de *Querida* (1958-1968) a respeito da feminilidade e da sexualidade feminina são caracterizados pelos papéis que delimitam os lugares a serem ocupados pelos gêneros. A partir disso, busca-se entender como deveria agir a mulher depois de casada. Como enfrentar as ausências, os ciúmes e as traições do marido? Como organizar as tarefas diárias de uma boa mãe e dona de casa e ainda manter-se bela para seu marido? São estas algumas das questões que os trechos recortados da revista *Querida* (1958-1968) neste capítulo procuram responder.

2 A REVISTA *QUERIDA* NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? (LISPECTOR, 1977, p. 11)

As décadas de 1950 e 1960 representaram um período de efervescência cultural e transformações sociais, em especial no cenário urbano brasileiro. Os anos de 1950 iniciam trazendo ares de modernidade, crescimento e desenvolvimento urbano, inovações tecnológicas. Tudo isso se depara com ideários conservadores de que a mulher deveria dedicar-se ao marido, aos filhos e aos trabalhos domésticos, enquanto ao homem caberia a tarefa de sustentar este lar. Em meados da década de 1960 novas idéias começam a surgir. Ao passo que a ditadura instaura-se no Brasil, principia uma luta por igualdade de direitos e os movimentos sociais ganham força no país. A concepção de que o lugar da mulher é cuidando da casa já não é mais tão forte e começam a surgir espaços para a mulher no mercado de trabalho e nas universidades.

É neste contexto que eram produzidas as revistas *Querida*. Em meio a tantas mudanças, o que diziam as páginas dessas revistas? O que expressavam suas imagens? Como a revista se comportou frente a tais transformações?

2.1 Revista *Querida*: surgimento, produção, circulação

No ano de 1958 *Querida* estava em seu *ano V* de publicação e era tida como um dos maiores periódicos femininos da época, como afirma Carla Bassanezi (1996, p. 34). A revista surgiu em junho de 1954, editada pela proeminente Rio Gráfica

Editora. Fundada na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1952, a Rio Gráfica Editora fazia parte das organizações Globo, pertencentes ao jornalista Roberto Marinho, e possuía um dos maiores parques gráficos da América Latina. Passou a chamar-se Editora Globo ao adquirir, em 1986, a gaúcha Editora Globo.

Com dois exemplares a cada mês, *Querida* possuía 24 números anuais até o ano de 1966, quando passou a contar com 26 números anuais. Por entender que “a tiragem é um significativo indicador da repercussão da revista”, conforme indica Maria Helena Câmara Bastos (2002, p. 54), frisa-se o fato de que dados do IBOPE apontavam que *Querida* era a revista quinzenal favorita na segunda metade dos anos 50 (BASSANEZI, 1996). Apesar disso, os exemplares não apresentavam, em seu editorial, os números de tiragem de cada edição.

Querida tinha seu público bem definido; além de trazer escritas as palavras “para adultos” em muitas de suas capas, o próprio título já designava e determinava quem a leria: a revista era claramente dirigida às mulheres. De certo modo *Querida* reverberava os preceitos passados nas escolas brasileiras no início do século XX, uma vez que trazia em seus textos e imagens “o discurso sobre a importância da educação na modernização do país” (LOURO, 1997, p. 443), que segundo Guacira Lopes Louro já estavam presentes nos debates do final do século XIX. Isso apesar de que nas décadas de 1950 e 1960 grande parte da população brasileira continuava analfabeta. O discurso presente nas páginas de *Querida* (1958-1968) reforçava os princípios difundidos pelas escolas do período como a prática de leitura, os benefícios alcançados com as atividades físicas, os cursos de corte e costura, bordados e culinária. Tudo isto marcado por uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que era promovida a necessidade da mulher modernizar-se, estudar, ler, era também enfatizada a idéia da moça casadoira, ligada a casa e à maternidade (LOURO, 1997).

No período analisado, o formato das revistas era de 21 cm x 27,50 cm (Largura x Altura) e o número médio de 98 páginas por revista manteve-se constante. As páginas das revistas *Querida* mostravam-se bem divididas entre páginas coloridas e em preto e branco. As imagens e publicidades veiculadas nas revistas também apresentavam-se desta forma; algumas em preto e branco e outras em cores, sem uma regra aparente para tal. Estas referidas imagens e publicidades são uma constante nas páginas de *Querida*, embora a revista *Cláudia* (contemporânea de *Querida*) tivesse a marca da publicidade bem mais acentuada e

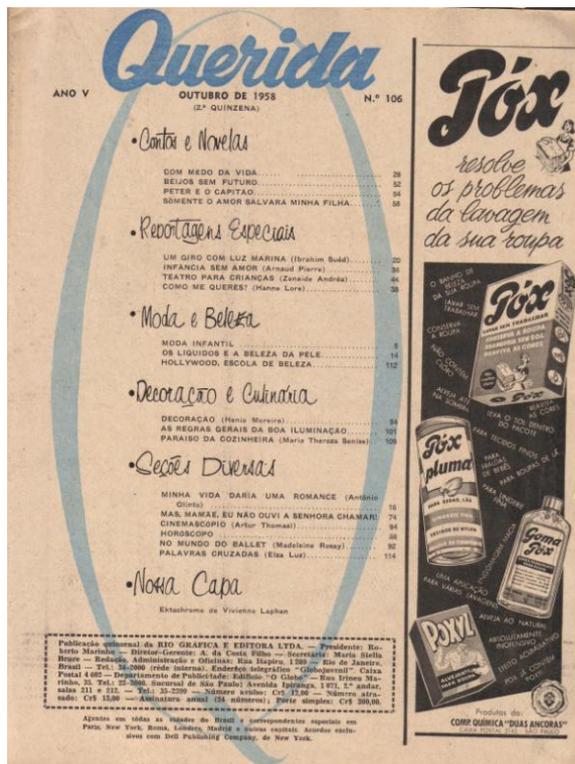
diversificada (BASSANEZI, 1996). As capas das revistas eram impressas em papel *Couchet*, 150 gramas, sempre em cores bastante vivas e atraentes aos olhos.

A revista *Querida* era contemporânea de outras revistas especificamente femininas como *Jornal das Moças*, *Capricho*, *Grande Hotel*; ainda que as duas últimas, diferentemente de *Querida*, fossem mais voltadas a explorar as fotonovelas, bastante populares na década de 50. A partir do ano de 1961 entra no mercado de revistas femininas a revista *Cláudia*, que conforme cita Bassanezi (1996, p. 37) “é considerada por muitos um marco na história da imprensa por ter introduzido o estilo ‘magazine moderno’ feminino.” Ainda de acordo com esta autora:

Uma avaliação de grau de modernidade aparente que levasse em conta a ousadia de conteúdo e qualidade de produção gráfica colocaria a revista *Querida* numa posição intermediária entre *Jornal das Moças* (revista de classe média com suas esposas “perfeitas”, seus “maridos insubstituíveis” e suas “moças de família”) e *Cláudia* (revista que inova com artigos que giram em torno do “viver melhor”, da “posição da mulher no mundo”, da relação com os homens, da juventude; artigos que entram em contradição com outros artigos e contos de *Cláudia*). (BASSANEZI, 1996, p. 35 – 36)

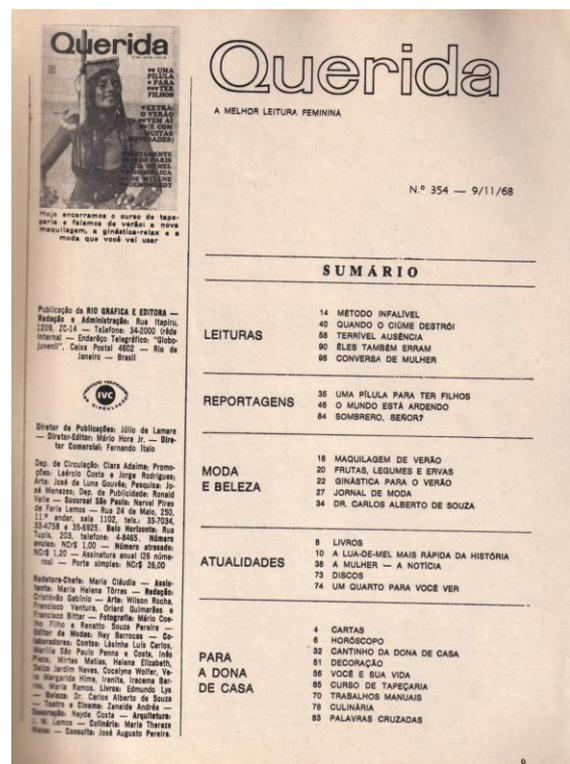
Em conformidade com o afirmado por AZEVEDO (2009), boa parte do que foi publicado nas revistas *Querida*, em termos de reportagens e artigos, era importado dos Estados Unidos e precisava passar por traduções ou adaptações ao público brasileiro. Integravam quinzenalmente a revista *Querida* seções como: contos, reportagens, atualidades, moda, beleza, decoração, culinária, seções diversas. Apesar de tais seções acompanharem a revista em todos os números constantes no acervo desta pesquisa, elas sofreram algumas modificações no decorrer destes dez anos, como é possível perceber nas figuras a seguir:

Figura 01 - Querida nº 106, p. 19, 1958.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 02 - Querida nº 354, p. 09, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 1 apresenta o índice de uma revista do ano de 1958. Este modelo de índice, bem como as seções nele presentes, segue assim até o ano de 1962, quando o índice da revista passa a figurar como o representado pela figura 2. A alteração no estilo de configuração do índice é visível. Há uma modificação na própria apresentação visual do sumário, que vai desde a mudança no tipo de letra utilizado, até a retirada do 'Q', de *Querida*, do entorno do sumário. Com a mudança, a seção antes chamada *Contos e Novelas*⁹ passa a chamar-se *Leituras*. Apesar da alteração da nomenclatura da seção, seu conteúdo não sofrera muitas modificações; ambas as seções veiculavam contos românticos. A seção de *Moda e Beleza* não sofre alterações e a de *Reportagens Especiais* passa a denominar-se apenas *Reportagens*; sendo que ambas continuam a veicular o mesmo tipo de conteúdo. A

⁹ *Contos e Novelas* era uma das seções da revista *Querida*. Por contos compreende-se uma história, narração escrita, que iniciava e terminava na mesma revista. Por novelas entende-se os contos que tinham continuidade em números posteriores da revista.

maior mudança acontece com as seções de *Decoração e Culinária* e *Seções Diversas*. Como esta última trazia assuntos referentes ao cotidiano da dona-de-casa, bem como novidades sobre cinema, teatro, horóscopo e música, ela foi dividida e seus artigos direcionados ao dia-a-dia da rainha do lar passaram a integrar a seção intitulada *Para a Dona de Casa*, juntamente com a seção de *Decoração e Culinária*. As novidades do mundo das artes passaram a figurar na seção de *Atualidades*.

Até o ano de 1961 não havia um espaço específico, indicado no sumário da revista, para as cartas. Em algumas edições não se encontrava cartas de leitoras e naquelas em que as cartas estavam presentes era possível encontrá-las apenas no entremeio de algumas reportagens, como ilustra a *figura 3*, que apresenta conselhos e sugestões de mães sobre como cuidar da beleza de seus bebês, parte integrante da reportagem *Tratamento da pele das crianças* (*Querida* nº 133, p. 49-52, 1959):

Figura 03 - Querida nº 133, p. 50, 1959.

O que as mães aconselham

- Para curtir as anhas de seu filhinho, use uma tesourinha recurvada, como as usadas em bordados. Como todas as crianças são inquietas, procure fazer este serviço enquanto dormem, tomando o máximo de cuidado para não ferir as moléculas ou pés. D. C. Abranches — Rua Dr. Marcolino, 308 — Patos de Minas, MG.
- Ao fazer visitas às amigas que estão gripadas, resfriadas ou com qualquer outra doença contagiosa, nunca leve seu filhinho. O organismo das crianças é mais fraco e pode ser contaminado com muito maior facilidade. N. Costa — Avenida Brasil, 434 — Campinas, SP.
- Se o seu filhinho usa chapéu, não o prenda ao pescoço com correntinha ou barbante, evitando assim os perigos de machucaduras ou sufocação. Carmen Avejar — Rua Mosca, 949 (Mosca) Petrópolis, RJ.
- Especialmente na época do calor, as crianças se tornam um problema quanto à alimentação e as mães levam muito a sério este fato, quando é perfeitamente normal. O apetite é variável e nunca devemos forçar as crianças a comerem. M. A. Machado — Rua Vinhosa, 248 — Itaperuna, RJ.

Algumas sugestões

de CLAUDE DA SILVA
Conselheira Infância de JOHNSON & JOHNSON

- Suponhamos que V. esteja nos últimos dias de gravidez. Achamos que, nesse caso, será interessante saber o seguinte: 70% dos primeiros filhos chegam depois de data marcada. Os rebates falsos são comuns. Mantenha-se calma. Se o médico a assistir e disse que tudo correrá bem, não se preocupe. O bebê nascerá na hora certa. V. terá uma advertência prévia. Quando as contrações se fizerem regulares, com espaços de 30 ou 20 minutos, avise o médico.
- Para limpar os ouvidos e o narizinho do bebê, use os Cotonetes Johnson. São patinhos com ponta de macio algodão, firmemente torcidos. E após o banho e para trocar as fraldas, use o Talco Johnson para Crianças. Fresca, é delicadamente perfumado e não irrita como os talcos comuns.

Cr\$ 1.000,00
PARA V., MAMAE!

- Se V. tiver alguma sugestão útil para os cuidados do bebê, envie-a para Cláudia da Silva, Cx. P. 136, S. Paulo. Se sua sugestão for publicada, V. ganhará Cr\$ 1.000,00 em produtos Johnson. Havendo duplicata, a primeira sugestão recebida será premiada. (Carta Paulista 203)

um bebê
Johnson
é um bebê feliz!

COTONETES
para limpar o narizinho do bebê

TALCO Johnson
para crianças

Johnson-Johnson
o nome que garante qualidade

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir do ano de 1962 as cartas ganharam um espaço específico na seção *Para a Dona de Casa*. No entanto, de um modo geral, a revista as reservava apenas meia página, como mostra a figura seguinte:

Figura 04 - Querida nº 354, p.04, 1968.

NO SUOR DOS PÉS E AXILAS

POLVILHO ANTISSEPTICO GRANADO

TRIBUNAL DE QUERIDA

Compreendi seu problema e pretendo ajudá-lo. Faça questão de dizar-me que não a estou censurando e sim falando de mulher para mulher. Você quer um filho, muito natural e bellissimo, mas antes pense em:

1. Se você der o passo que pretende, veja que não poderá regressar.
2. Se você assim agir, talvez mais tarde venha a se arrependar por muitos motivos.
3. E se seu marido mais tarde tiver confirmada as suas suspeitas? Como você poderá explicar a existência deste pequenino ser? Será que ele aceitará seus argumentos?

Portanto, seja corajosa e num futuro próximo procure delicada e cuidadosamente abordar o assunto com seu marido. Não desista na primeira esquivia por parte dele. Afinal, vocês são marido e mulher. Fagão, com delicadeza e paciência, analisar a realidade. Será uma fase difícil, eu sei; mas com dedicação e amor tudo se consegue. Deus abençoar a união de vocês e cabe principalmente à mulher consentir a bela e pura. Tenha fé. Quem sabe o milagre não se realize? Delco, portanto, com você a dedicação. Lembrese de que terá em algum lugar da cidade uma amiga que rezará por você.

Uma amiga — GB.

Lendo e relendo o seu caso, cara leitora, acho que há bem em recorrer a esta revista, pois só ela poderá dar a verdadeira solução para o seu caso muito delicado. Pense que seu marido tem razão de saber a verdade sobre sua incapacidade sexual, que acredito muito falta. Caso ele a amasse verdadeiramente, pode ser que eu esteja enganado, a ouvir a secretária o seu conselho, mesmo que fosse só para atendi-la. Presada senhora, acho preferível não ter um filho a praticar o adultério, pois este seu filho não seria fruto de amor. Você já pensou estar casada com um homem e ter um filho de outro, que poderá um dia contar a verdade a seu marido? Fale com seu marido para ajudá-la a falar com seu esposo. Sua missão de esposa é de consolar seu marido a fazer um exame médico. Caso não aceite meu conselho, por que não adota uma criança? Você já pensou o que seu marido pensaria de você? Acho difícil que ele atenda. Este seu pedido apenas por uma vez. E se tudo desse certo, como você idealizou, ele poderia forçá-la a ser sua amante, ou caso você se negasse a isso, poderia contar tudo a seu marido. Tenho quinze anos e estou no primeiro ano colegial. Admito o amor que tem por seu esposo — o que demonstra pelo sacrifício que pensou em fazer.

João Torres Assunção — Alagoas.

Cartas

Li com muito interesse seu problema e acho que eu não agiria da maneira que você pensa. Não acho você que algum dia seu marido poderia reclamar a criança? E se ele também não pudesse ter filhos? Se ele não acompanha seu raciocínio, não a compreende e faz um pensamento errado de você? Poderá também, para o futuro, casar com uma mulher que não lhe possa dar filhos e então reclamar seu filho, não acha você? Por que não falar com seu marido para adotar uma criança? Se isto é totalmente impossível, uma vez que ele não pensou ainda de que parte vem esta inutilidade, o único jeito é o adultério, mas a meu ver, nunca com o seu marido, pois este acontecimento estaria sempre presente em sua vida e a deixaria com um péssimo constante na consciência e você não poderia viver totalmente tranqüila. Você teria que dar um jeito de ficar só com você e este agrado. Teria de encontrar algum do tipo de seu marido, mas alguém que você não conheça e com quem não haja oportunidade de encontrar novamente. Um homem completamente desconhecido, que não soubesse do seu drama e a considerasse, para sua segurança (perdoe a expressão), uma qual-quer "para satisfazê-lo" e nunca mais vê-lo. Este encontro seria num dia fértil e pronto. Nada de ele saber seu verdadeiro nome ou coisa que o faça querer encontrá-lo com você novamente. Como a minha solução haverá muitas outras e dentre elas escolho a que mais se ajusta à vida de ambos.

Nanci Colovitz — GB.

A constatação da existência de homens como o marido em questão é penosa, pois significa que estamos ainda longe de chegar à tranqüez e ao relacionamento entre as pessoas. A solução que essa mulher apresenta para resolver seu próprio problema é absurda e envolve complicações novelescas. Será que esse casal nunca pensou em adotar uma criança... suponhamos que já tenham verificado essa hipótese e a tenham destruído por julgarem que "nunca seria como um filho verdadeiro". Nesse caso paremos que só há uma saída: essa esposa deve procurar o melhor meio para insular seu marido do que acontece... Um psicólogo poderia, talvez sem grande dificuldade, convencê-lo de que ele não é o primeiro a passar por isso e que seu mal talvez seja controlado. Se, na pior das hipóteses, ele se decidisse a não "magoar" seu marido, o melhor que teria a fazer, seria dedicar-se a qualquer atividade humanitária.

Maris Elias e Lourdes — São Bernardo do Campo.

Hotel São Moritz
Km. 42 da Estrada Teresopolis — Friburgo

RESERVAS: NO RIO OU FINANCIAMENTO HOTEL ARGENTINA
Tel: 25-7233 ou

SOSETE
REPRESENTAÇÃO DE HOTéis E TURISMO LTDA.
Largo da Carioca — 5
Chacara 95 — Rio, GB.
Tel: 22-3889 ou 22-2679

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Pode-se afirmar, então, que independente da configuração das revistas temas como decoração, culinária, moda, beleza, horóscopo, cartas, cinema, livros, balé e teatro nacional e internacional, estavam constantemente presentes em suas páginas. O que mais uma vez traz indícios de seu público leitor. Mulheres que além de dispensarem um tempo para casa e beleza, frequentavam ou apenas interessavam-se pelo que se passava, no Brasil e no mundo, em termos de teatro, cinema, dança. A partir disto pode-se inferir que, apesar de não exclusivamente, grande parte do público leitor de *Querida* era composto por mulheres letradas de classe média das principais capitais brasileiras. Segundo Azevedo (2009, p. 72):

A força simbólica que reside em diversas cidades, divididas em classes economicamente dominantes, em bairros nobres, de um lado, e proletárias por residirem nas periferias, de outro, deu a tônica da matéria e do projeto da revista como um todo. Não eram as “copeiras”, ou as “suburbanas” ou proletárias o público-alvo da revista. Não era nelas que *Querida* se inspirava. Mas poderiam participar como arremedo do meio, caso adquirissem os produtos nela veiculados, aprofundando a sua dependência proletária e simbólica, em um período no qual a compra de crédito passou a ser mais difundida e largamente aplicada.

Há indicativos, também, de que muitas das mulheres que liam a revista *Querida* eram jovens e o faziam às escondidas. A pesquisadora Lílian Henrique de Azevedo, que analisou revistas *Querida* das décadas de 1960 e 1970, alerta que: “o aviso de que se tratava de uma revista destinada a adultos pareceu, no entanto, estratégia em detrimento do conteúdo [...]. A partir de 1970 várias questões ainda tidas como tabu no início da década de sessenta passam a ser tratadas à luz do dia pela revista.” Neste sentido Carla Bassanezi (1996, p. 35) também afirma:

O fato de existirem muitas críticas à *Querida* na época e de muitas jovens lerem esta revista sem a aprovação dos pais, às escondidas, é um indício dos preconceitos e da rigidez moral, pelo menos aparente, de muitas famílias. Mas também é uma amostra da indisciplina e dos limites do controle sobre as jovens. Estas, se não são o público alvo da auto-intitulada “revista para adultos”, pelo menos recebem uma significativa atenção em vários artigos de *Querida*.

Não obstante, ainda em conformidade com Bassanezi (1996), o ponto forte de *Querida* estava na seção de *Contos e Novelas* que, apesar de considerados ousados para a época pelo fato de abordarem temas como divórcio, traições femininas, paixões proibidas; traziam sempre uma lição de moral a favor dos “bons costumes” e frisavam que a prioridade feminina deveria ser o casamento e a maternidade.

Apesar de alguns dos contos de *Querida* abordarem temas mais ousados que os de *Jornal das Moças* (mas equivalentes aos de vários contos de *Cláudia*) como o divórcio, relações ilícitas, filhos ilegítimos ou

paixões proibidas: estes contos e as “histórias verídicas”, reforçam mais do que ameaçam a moral estabelecida. Um exame mais detalhado mostra que todos os contos de *Querida* trazem uma lição de moral (basicamente a mesma moral das outras revistas). (BASSANEZI, 1996, p. 32)

É importante lembrar a maneira sutil com que estas mensagens chegavam às leitoras através dos contos, uma vez que os mesmos sugeriam uma leitura de entretenimento, assim como as demais seções da revista. Miguel (2009, p.144) lembra que não é sem motivo que contos românticos com lições de moral faziam sucesso nas revistas femininas, pois “toda essa ligação entre mulheres e romances está associada também à idéia de que o mundo dos afetos, dos sentimentos, das emoções seja inerente ao universo feminino.” Os contos ou novelas de *Querida* eram redigidos por escritores brasileiros ou estrangeiros; grande parte das histórias aconteciam nos Estados Unidos, tendo seus personagens nomes americanos.

Outra importante característica da seção de *Contos e Novelas de Querida* (1958-1968) é a de que muitos dos contos apareciam divididos pelas páginas das revistas. As palavras “*continua na página ...*” eram bastante comuns até o ano de 1965, quando a revista sofreu uma modificação e seus contos passaram a aparecer em página consecutivas, do início ao final da estória. A esse respeito Lílian Henrique de Azevedo coloca (2009, p. 43):

É possível que a interrupção funcionasse como um balizador da leitura a partir de uma média de tempo que as leitoras poderiam se dedicar à matéria em questão. Tal como hoje se vê nos programas de televisão entremeados de propagandas. Ao anunciar que a matéria continuaria em página posterior, a leitora folhearia toda a revista até chegar onde interessava. Esta especificidade das revistas, do período analisado, as tornam excelentes fontes históricas, pois tinham a possibilidade de serem guardadas, manipuladas, rasgadas, recortadas, colecionadas e relidas. E, por isso, diferentes dos demais produtos culturais com conteúdo informativo e de entretenimento veiculados nos meios de comunicação, como televisão, rádio e cinema.

A revista *Querida* foi editada até o ano de 1971. Relançada pela Editora Globo em 1989, teve as adolescentes como seu público alvo e circulou até o ano de 1998¹⁰.

2.2 Décadas de 50 e 60 nas páginas de *Querida*

Em um período ainda considerado “dourado”¹¹ para parcelas de classe média que compunham a sociedade brasileira, em que a televisão era incipiente, as revistas femininas ocupavam um importante papel na vida de suas leitoras. Eram ao mesmo tempo conselheiras e confidentes; companheiras de lazer.

Vós, tu, você: o texto da imprensa feminina sempre vai procurar dirigir à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as idéias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. (BUITONI, 1981, p.125).

Diferenças sociais entre homens e mulheres coexistem com os avanços tecnológicos e sociais e aparecem sutilmente desde a escolha de brinquedos diferenciados para meninas e meninos até as funções ocupadas em casa e no trabalho por mulheres e homens. Nas páginas já amareladas pelo tempo das revistas *Querida* (1958-1968) é possível perceber diferenças sociais prescritas para uma época. As representações de feminino e masculino, entendidas como resultado de uma prática, aparecem estampadas em suas capas, colunas, reportagens,

¹⁰ Acredito ser interessante uma pesquisa sobre as permanências e mudanças entre as revistas *Querida* analisadas neste trabalho e as edições publicadas a partir de 1989.

¹¹ De acordo com Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes (2002, p. 67) “Há cerca de duas décadas, difundiu-se amplamente, sobretudo no Rio de Janeiro, o mito dos anos dourados, relacionado ao início da década de 50 até parte da década de 60, fase em que a cidade, ainda capital da República, afirmava sua identidade como pólo da cultura nacional. Na interpretação da historiadora Angela de Castro Gomes (1991), esses foram os tempos de JK, identificados com o espírito otimista, democrata e empreendedor do “presidente bossa-nova”, como passou a ser chamado.”

contos, publicidades. Era a *verdade* de uma época, modos de comportamento prescritos para uma parcela sociedade brasileira, impressos nas páginas de uma revista. Ao observar mais atentamente as fontes de que dispunha, percebi que possuía uma década de revistas (1958-1968). E não uma década qualquer. Conforme Miguel (2009, p. 19):

Do ano de 1958, repleto de otimismo e patriotismo, para 1968, marcado por lutas estudantis, protestos, desejos de mudança. Dos “anos dourados” para os “anos rebeldes”, transformações significativas aconteceram. Foram duas décadas que viveram em ebulição, berços de questões que, ainda hoje, são alvos de debates, de lutas e de desejos.

O ano de 1958 foi representado pela mídia¹², de um modo geral, como um ano de grande afirmação cultural, política, social e econômica, em que tudo aparentava dar certo num Brasil que tivera grandes conquistas nos esportes, vira nascer a Bossa Nova e o Cinema Novo, e a economia parecia ir de vento em popa. Já 1968 deixou cicatrizes. Foi um ano marcado por momentos de tensão, lutas e repressão como a sexta-feira sangrenta, a marcha dos cem mil, o XXX Congresso da UNE em Ibiúna, a reunião que decidiu pela implantação do novo Ato Institucional, o AI5. De acordo com Zuenir Ventura (1988, p. 42) “as mulheres, os negros, os homossexuais eram chamados de ‘minorias’ não por serem poucos, ao contrário, mas pela desimportância social que tinham. Foi 68 que ensinou a valorizá-los. Depois desse ano eles não foram mais os mesmos.”

As revistas selecionadas apontam para comportamentos esperado por suas leitoras, comportamentos estes que, conectados na cor de seu tempo, estiveram a sofrer modificações ao longo destes onze anos, mas que não deixaram de demarcar o lugar da mulher em oposição ao do homem. O que se intenta conhecer é que lugar era este dado ao feminino pelas páginas da revista *Querida* (1958-1968), neste período de inflexão nacional.

A segunda metade dos anos 50 é marcada por uma saliente euforia. O apoio das massas ao projeto desenvolvimentista de estado é notável. A longa era Vargas,

¹² A rede Globo de televisão lançou a minissérie Anos Dourados, em 1985, retratando este período e o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos lançou o livro *Feliz 1958 - O Ano que não Devia Terminar*.

de ditadura e desmandos, havia acabado há pouco. O sorridente e pragmático Juscelino Kubitschek fora eleito presidente da República e com sua política desenvolvimentista juntamente a seu pretensioso Plano de Metas, cujo bordão era "cinquenta anos em cinco", pretendia modernizar o Brasil, dotando-o de indústrias de base e de bens de consumo duráveis. Com isso abriu o país ao capital externo, importando indústrias e tecnologia. Tinha também como finalidade a geração de empregos, contribuindo, assim, para melhorar o nível de vida da população. Essa ideologia desenvolvimentista, que conciliava os interesses de empresários, políticos, militares e assalariados, ocultava com sucesso a subordinação do capital nacional ao estrangeiro.

O Brasil passou por intenso desenvolvimento industrial dos anos de 1955 a 1960 e o êxito do Programa de Metas foi inegável na implantação do setor de bens de consumo e de produção (FAUSTO, 1999). Brasília foi construída no governo de Juscelino Kubitschek e, em 21 de abril de 1960, tornou-se capital federal. Mas é também neste período que começaram a crescer a inflação e a dívida externa, em consequência da política desenvolvimentista.

Este período, ainda hoje, desperta opiniões diversas no que tange às análises sócio-políticas. Para alguns é tido como momento positivo e otimista, para outros, um período negativo marcado pelo populismo. De qualquer forma as memórias dos “anos dourados” e do avanço da modernidade do final dos anos 50 e início dos anos 60 são até hoje evocadas. Miguel (2009, p. 16) afirma que:

A era juscelinista (1956-1960) impulsionava o clima desenvolvimentista no país. Com seu Plano de Metas, que tinha como lema “50 anos em 5”, Juscelino Kubitschek almejava trazer para o país os setores industriais mais avançados [...] em 1958 foram lançados o primeiro barbeador elétrico e o primeiro rádio a pilhas brasileiros.

O Brasil vive uma fase de acelerado desenvolvimento econômico, com veloz ampliação dos processos de industrialização e conseqüente urbanização. Esta última gera uma série de mudanças no cotidiano e na infra-estrutura das cidades; as diferenças regionais aumentam e os grandes centros passam a atrair inúmeros migrantes. Com isso os padrões de consumo modificam-se. O salário mínimo, ainda que dentro de suas limitações, possibilita aos trabalhadores maior acesso aos

produtos industrializados. Os bens de consumo e a tecnologia moderna ficam acessíveis a um número cada vez maior de pessoas e o incentivo ao consumismo é bastante grande.

Neste quadro de transformações o mercado de trabalho não fica para trás. Aumenta a diversidade de cargos e ocupações e o número de trabalhadores dos serviços urbanos cresce consideravelmente; tudo isso faz com que haja uma expansão das classes médias no país, em especial nos grandes centros urbanos. Para a mulher este processo traz alterações de extrema importância, pois com ele surgem novas possibilidades de participação feminina no mercado de trabalho, bem como a educação escolar destas passa a ser mais valorizada. O acesso à universidade torna-se mais possível para as mulheres, em especial àquelas de classe média, sobretudo no que se referia aos cursos de licenciatura e enfermagem, pois o ingresso feminino a cursos como engenharia e direito era ainda restrito e mal visto. Havia um lugar social previsto para a mulher que ainda era muito fortemente ligado ao espaço privado e doméstico. Nesse sentido Anne Higonnet (1991, p. 420) esclarece:

Os estereótipos perpetuaram-se a si próprios. As mulheres artistas trabalharam frequentemente em domínio que lhes eram familiares, e pouco encorajamento tinham para explorar outros assuntos ou atitudes. As mulheres arquitetas, por exemplo, eram orientadas durante os seus estudos para a construção de casa privadas e era muito mais provável que só recebessem encomendas para este tipo de obras, enquanto as fotojornalistas eram geralmente encarregadas de histórias de 'interesse humano' que se limitavam ao retrato, a casa, à família, às emoções.

As mulheres, quando decididas a trabalhar, eram incentivadas a escolherem profissões como as de professora, enfermeira ou secretária, por serem estas mais voltadas ao lado maternal, de prestar cuidados e assistência, características consideradas femininas. Nas propagandas de *Modess*, bastante freqüentes nas revistas *Querida*, eram exatamente estas as profissões femininas retratadas:

Figura 05 - Querida nº 168, p. 76 e77, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nesta figura uma enfermeira escreve a uma amiga, contando sobre uma colega de trabalho que descobrira *Modess*. O absorvente é apresentado como um produto inovador, que promete segurança, higiene e liberdade de movimentos. Há que se atentar para o fato de que tais publicidades ocupavam meia folha e duas páginas de revista, sendo muito difícil passarem despercebidas. Ainda na *figura 5*, a imagem que aparece é a de uma enfermeira atendendo, sorridente, outras mulheres com suas filhas.

Figura 06 - Querida nº 172, p. 86 e 87, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A escrita feminina por meio de cartas é novamente evocada na *figura 6*. Uma amiga escreve à outra contando de sua rotina de trabalho e de como uma colega maravilhou-se com o uso de *Modess*. Ambas as ‘cartas’ presentes nas publicidades retratam a ‘descoberta’ do absorvente como sendo o acontecimento mais importante em um período de trabalho destas profissionais. A apresentação do produto como inovador, capaz de transmitir segurança e liberdade à mulher, permanece. Mas desta vez o ambiente de trabalho representado é um escritório e a imagem mostrada às leitoras é mais ousada que a primeira. Mulheres e homens aparecem juntos, segurando bebidas em uma festa depois do expediente.

É importante frisar que tais transformações não impediriam que o trabalho feminino continuasse cercado de preconceitos e visto como inferior ao do homem, o “chefe da família” (BASSANEZI, 1996). As publicações de *Querida* não podiam ignorar as modificações que estavam a acontecer no mercado de trabalho, no entanto nem todas as formas de trabalho feminino eram apoiadas. Na edição de número 251, *Querida* traz, na reportagem “Seu tipo de mulher”, uma afirmação de um jovem rapaz a respeito do trabalho feminino, em que este fala de suas colegas de trabalho que saem de casa antes do marido acordar e retornam apenas no final da tarde, sem terem tempo para preparar o almoço do marido ou dar atenção adequada aos filhos. Ele afirma que “a mulher que trabalha é concebível somente com limitação de compromissos.” (*Querida*, nº 251, p. 73). E continua: “Eu trabalhando (e trabalharei muito mais) terei o prazer de saber que meus filhos vivem em casa com a mãe [...]. O trabalho de uma mulher deve ser subordinado às exigências da vida familiar.” (*Querida*, nº 251, p. 74).

No ano de 1964 a revista *Querida* nº 246 trouxe um artigo intitulado: “Ganhar dinheiro é divertido... Se soubermos escolher o meio ideal”. Este artigo inicia afirmando que “a mulher moderna não mais admite uma total dependência ao marido ou à família, no campo financeiro. Todas nós gostamos de ter nosso próprio dinheiro para ajudar no orçamento da casa ou simplesmente para nossos eternos ‘alfinetes’.” (*Querida*, nº 246, p. 92, 1964). Na sequência são descritas algumas atividades remuneradas consideradas “especiais para a mulher moderna, que são dinâmicas sem perderem em feminilidade e beleza.” (*Querida*, nº 246, p. 92, 1964). Tais atividades são: fazer arranjos de flores ou plantas, confeitar bolos e arrumar mesas para aniversários de crianças, ser correspondente de jornais ou revistas, cultivar abelhas, vender legumes e flores, tomar conta de um jardim de infância, ser

vendedora de boutique de artigos femininos elegantes, ser demonstradora de modas ou produtos de beleza, ser decoradora. Para encerrar o artigo, as seguintes palavras:

Estas são apenas algumas possibilidades que se apresentam à mulher inteligente e dinâmica que, mais feminina do que nunca, luta ao lado do homem, sem no entanto tentar ultrapassá-lo, cumprindo com serenidade e segurança sua missão de mulher; companheira nas horas boas e más, ajudando, cada uma a seu modo, a construir o mundo dos dois e dos filhos [...]. (*Querida*, nº 246, p. 92, 1964).

É interessante perceber a sutileza que era utilizada ao definir o lugar feminino no espaço de trabalho. A mulher poderia trabalhar desde que em profissões que a permitissem manter-se bela e que não interferissem em suas atividades de esposa, mãe e dona de casa. Azevedo (2009) chama atenção para o fato de que o trabalho feminino fora do lar e as tarefas domésticas não se anularam, como costuma ocorrer em relação aos homens:

Neste caso há também que se considerar a invenção de tradições que se confundem com heranças culturais historicamente construídas e que se tornaram tradicionais. Como exemplo das primeiras, está o fenômeno do acúmulo de funções para as mulheres que passaram a trabalhar além dos limites domésticos, como proletárias, ou que estudavam, ou, ainda, que passaram a desempenhar as três funções. Se o contexto se modificou, essa relação prática também, em tese, deveria ter se modificado. O problema que se buscou demonstrar aqui, dá-se em relação ao segundo ponto que é uma tradição na maioria das civilizações: o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e a dedicação ao esposo, como tarefas femininas. (AZEVEDO, 2009, p. 35).

Tudo isso aliado à idéia de que o trabalho desta mulher jamais deveria “ultrapassar” o do homem em termos financeiros e de prestígio social. No conto *A macieira*, o preconceito com relação ao trabalho feminino é claramente retratado:

Mas era quase hora do almoço quando regressou, pois não fora fácil arranjar emprego após quase três anos sem trabalhar. [...] Além disso, parecia que as pessoas ficavam desconfiadas de sua situação de casada. Nunca se sabe o que pode acontecer com uma mulher casada. Vem trabalhar porque quer ganhar dinheiro extra, ou porque brigou com o marido, e daí a pouco fazem as pazes, ou então o marido ganha um aumento, ou então ela fica esperando bebê e adeus empregada. (*Querida* nº 168, p. 72, 1961).

Os contos de *Querida* não costumavam apresentar mulheres que trabalhavam fora do lar, mas quando o faziam enfatizavam o fato de o trabalho feminino ser uma maneira de contribuir com as despesas em momentos de necessidade: “A crise de empregos já abrandava e, passado algum tempo, ele conseguiu um lugar numa loja de ferragens. Eu continuei a trabalhar durante um ano, findo o qual pude deixar o serviço, pois Dell já estava ganhando satisfatoriamente.” (*Querida* nº 168, p. 78, 1961). Afinal, de acordo com Lagrave (1991, p. 507), neste período o que ocorre é que:

Exortam-se os homens ao trabalho para suprirem as necessidades da família enquanto as mulheres são culpabilizadas por desleixarem essa mesma família a troco de um salário complementar. Os homens ‘fazem uma carreira’, as mulheres ‘abandonam o lar’ [...]. É esse o *leitmotiv* do século XX: uma educação e um trabalho para as mulheres, sim, mas sob vigilância e sob condições, com a reserva de que nenhuma conseqüência daí resulte para a família, com a reserva de elas se manterem naquilo que é aceitável para as mulheres em cada época, com a reserva de que não criem problemas à escassez e à excelência dos títulos e dos postos ocupados pelos homens [...]. O século XX escreveu portanto a história da entrada maciça das mulheres na educação e no salariedade, mas eivada de uma desigualdade das possibilidades escolares e da não miscibilidade das profissões.

Apesar de todas as transformações sociais que vinham acontecendo na década de 60, muitos estereótipos e preconceitos ainda prevaleciam. As idéias de quem deveria realmente trabalhar fora era o homem, de que mulher muito instruída não arranja marido, de que “a beleza é a promessa da felicidade” (*Querida* nº 335, p. 21, 1968) de que “as mulheres são bichos de cabelos compridos e idéias curtas”

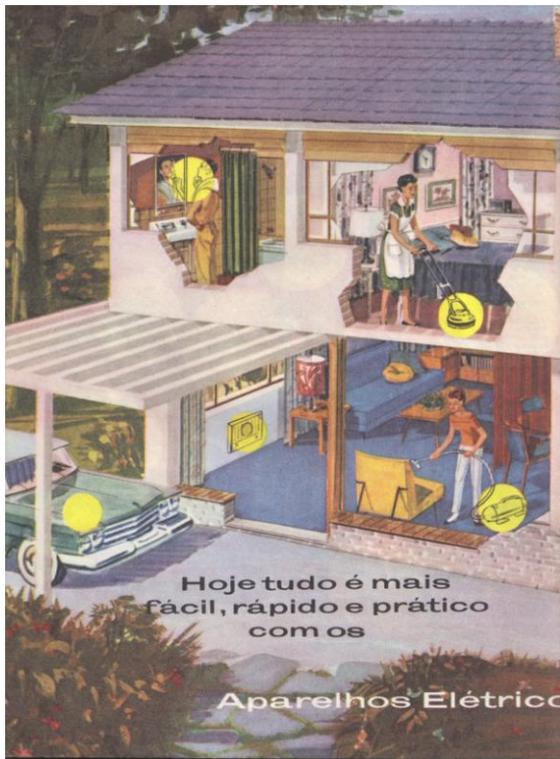
(*Querida* nº 168, p. 21, 1961), ainda se mostravam muito presentes nas páginas de *Querida*. Carla Bassanezi (1996, p. 49) explica que:

Com as novas condições de vida nas cidades, diminuem muitas das diferenças e distâncias entre homens e mulheres. Surgem novas formas de lazer, novos pontos de encontro. Modificam-se regras e práticas sociais que vão do namoro à intimidade do relacionamento familiar [...]. Por outro lado, prevalecem muitos aspectos tradicionais das relações de gênero – como as divisões de papéis, a valorização da virgindade feminina, a ‘dupla moral sexual’ etc. – embora alguns já com novas ‘justificativas’ e máscaras de modernidade [...]. Nas classes médias a família é tipicamente nuclear com um número reduzido de filhos. Os padrões tradicionais de casamento estão com toda sua força até 1965. A autoridade máxima da família é conferida ao pai, o chefe da casa, e garantida pela legislação que incentiva o moralismo tradicional, a ‘procriação’, o trabalho masculino e a dedicação da mulher ao lar.

Com as transformações que foram se consolidando ao longo da década de 1950, alteraram-se o consumo e o comportamento de parte da população que habitava os grandes centros urbanos. Novos hábitos foram alavancados pela produção em massa de bens de consumo, especialmente os destinados ao uso doméstico e pessoal. O progresso vem colado a novos estilos de vida e, o que aumenta a sensação de modernidade. A paisagem urbana também se moderniza com a construção de edifícios e casas de formas mais livres, mais funcionais e menos adornadas, acompanhadas por uma decoração de interiores mais despojada, segundo os princípios da arquitetura e do mobiliário moderno.

Através das propagandas veiculadas pela imprensa escrita é possível perceber a mudança nos hábitos de uma sociedade em processo de modernização: produtos fabricados com materiais plásticos e/ou fibras sintéticas tornavam-se mais práticos e mais acessíveis. Nas *figuras 7 e 8*, a seguir, estão representadas duas publicidades que exaltavam eletrodomésticos e tecidos de fibra sintética: inovações que prometiam mais conforto, praticidade e melhorias na qualidade de vida de seus consumidores.

Figura 07 - Querida nº 133, p.50, 1959.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 08 - Querida nº 176, p.53, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na *figura 7* aparecem duas mulheres: uma encerando o chão e outra aspirando o pó da casa, enquanto, no banheiro, o homem aparava a barba com um barbeador elétrico. “Tudo mais fácil, rápido e prático, com os aparelhos elétricos Arno”, como afirma o referido anúncio publicitário. Já a *figura 8* apresenta uma novidade no mundo da moda: uma fibra de *polyester* que promete um plissê permanente, resistente “a todas as provas”.

Consolidava-se a chamada sociedade urbano-industrial, sustentada por uma política desenvolvimentista que se aprofundaria ao longo da década, e com ela um novo estilo de vida, difundido pelas revistas, pelo cinema, sobretudo norte-americano, e pela televisão, introduzida no país em 1950.

A solidificação da chamada sociedade de massa no Brasil trouxe consigo a expansão dos meios de comunicação, tanto no que se refere ao lazer quanto à informação, muito embora seu raio de ação ainda fosse local. O rádio cresceu no início dos anos 50, época em que houve um aumento da publicidade. As populares radionovelas, por exemplo, tinham como complemento propagandas de produtos de

limpeza e toalete. Na televisão, a publicidade não se limitava a vender produtos, e as próprias empresas eram produtoras dos programas que patrocinavam. Houve um aumento da tiragem dos jornais e revistas e popularizaram-se as fotonovelas, lançadas no início da década de 1950. Monica Kornis (2006) aponta para o fato de que o cinema e o teatro também participaram desse processo, tanto do lado das produções de caráter popular quanto das produções mais sofisticadas, aliás, de acordo com Sena (2007, p. 109) “o cinema se tornou no decorrer dos anos 50 e 60, uma das grandes paixões e fonte de entretenimento, principalmente as produções americanas, francesas e italianas.”

No contexto de modernização promovido pela industrialização e conseqüente urbanização, meios de comunicação de massa como rádio, cinema, imprensa também caminham para um forte desenvolvimento. Na década de 50 o “rock n´roll” chega ao Brasil, trazendo com ele novos “heróis” da juventude, como Elvis Presley e James Dean. Em 1958 nasce oficialmente a bossa nova, que expressa o gosto da juventude brasileira, urbana e de classe média da época. O cinema nacional surge com romances comportados, mas não consegue competir com a hegemonia do cinema norte-americano, que exerce grande influência cultural sobre o público jovem brasileiro. Os valores norte-americanos são “importados” pelos jovens brasileiros e trazem consigo um ideal de vida moderna, o qual pressupõe o cultivo da beleza e do bem-estar conjugal. O *american way of life*¹³, suposto estilo de vida praticado pelos habitantes dos Estados Unidos da América, torna-se modelo ideal de muitos grupos de jovens de classe média no país. Segundo Bassanezi (1996, p. 621):

O imaginário brasileiro da década de 50 recebeu grande influência dos valores norte-americanos. Os filmes norte-americanos seduziam os brasileiros e atraíam especialmente os jovens, com o *American Way of Life* e a crença no futuro e na modernidade. E não

¹³ *American way of life*. Apesar de este conceito ter nascido antes do século XX, é partir deste século que a junção de uma União fortalecida no pós-guerra, de sindicatos que através da ação coletiva conseguiram um maior poder aquisitivo para o trabalhador e de corporações fortes proporcionou uma produção em massa que conseqüentemente exigia um consumo também de massa. Este foi estimulado pelo grande leque de novos bens duráveis, eletrodomésticos, automóveis, residências de subúrbio e o consumo do lazer. Com isso os Estados Unidos experimentaram um período de aparente prosperidade e bem-estar social. Esse modelo de classe média branca, confortável, bem remunerada e inserida no mercado de consumo exportado para todo o mundo através da grande influência do país é conhecido como *American way of life*. (KORNIS, 2006).

poucas garotas aprenderam a beijar, manifestar afeto e comportar-se mais informalmente vendo filmes americanos.

Durante os anos de 1950 o rádio era tido como o principal veículo de comunicação de massa. Ele estava presente na maioria dos lares e trazia as últimas notícias, participava na constituição da opinião pública, vendia produtos, lançava modas e cultivava a fama de atores e atrizes. Neste período a imprensa brasileira sofre um amplo avanço, especialmente no que se refere à revistas ilustradas e femininas. De acordo com Carla Bassanezi (1996), na década de 50 a TV não chega a competir com o rádio ou com revistas em termos de público consumidor, situação esta que permanece até meados da década de 60. A imprensa continua prevalecendo como fonte de informação e entretenimento.

Dos anos 50, até aproximadamente metade da década de 60, “a vinculação consumo/imprensa feminina estabelecia-se com uma intensidade progressiva, devido ao crescimento das indústrias relacionadas à mulher e a casa.” (BUITONI, 1986, p. 49). Para conquistar as donas-de-casa, especialmente as de classe média, surgem as batedeiras, enceradeiras, liquidificadores, aspiradores de pó, entre outros utensílios que prometiam facilitar o trabalho doméstico. O ideal de modernidade vendido através dos enlatados, eletrodomésticos, produtos descartáveis anunciava novos padrões de consumo que passaram a fazer parte da realidade doméstica urbana, como é possível evidenciar nas duas propagandas retiradas das revistas *Querida* (1958-1968), a seguir.

Figura 09 - Querida nº 122, p. 109, 1959.

MAIS CONFÔRTO-
MAIS
ELOGIOS-
MAIS
TEMPO
LIVRE!

Como por encanto, sua vida se transforma! As horas lhe sobram – e no entanto a limpeza sai muito mais bem feita – porque ARNO faz todo o trabalho com Você!
A ENXALDEIRA NOVA ARNO
tem duplo-jato, dupla-função! Seca melhor e mais depressa, e faz fideis as operações com um só movimento. Possui controle centralizado, para mais fácil manejo, e pode ser equipada com espalhador de cera eletro-motociclística.
O ASPIRADOR DE PÓ ARNO
com poderoso motor e alta capacidade de limpeza, tira rapidamente o pó das tapetes, assoalhos, paredes, móveis, cortinas, roupas, persianas etc. Com Aspirador de Pó ARNO, dia de limpeza é dia de descanso!

— A MARCA
DIZ
TUDO!
ARNO

Fonte: Acervo pessoal da autora

Os novos eletrodomésticos e os alimentos enlatados prometiam facilitar a vida da dona-de-casa, como é possível perceber através da publicidade apresentada pela *figura 9*. Uma mulher bem vestida, usando sapatos de salto e colar, aparece sorridente junto ao aspirador de pó, que lhe prometia mais elogios aos seus trabalhos domésticos e mais tempo livre. Na mesma publicidade, nas letras menores constam os seguintes dizeres: “Como que por encanto a sua vida se transforma! As horas lhe sobram – e no entanto a limpeza sai muito mais bem feita – porque Arno faz todo o trabalho com Você! [...] Com aspirador de pó Arno, dia de limpeza é dia de descanso!”. Estas palavras evocam romantismo, a idéia da Cinderela que tem sua vida transformada, com mais tempo para cuidar de si; mas não deixam de lembrar à leitora que uma limpeza bem feita, realizada pela mulher, continua sendo importante.

Figura 10 - Querida nº 177, p. 31, 1961.

Grill Automático

Fritadeira Automática

Enceradeira

Ferro Anatómico

Ferro Automático

Ferro Automático à Vapor

“Querida! Como você consegue participar tão ativamente da vida social sendo uma dona-de-casa?”

“Atualizei-me, meu bem! Com aparelhos portáteis G-E reduzi ao mínimo minhas preocupações caseiras!”

aparelhos portáteis
ajudam Você em seu lar!

produtos garantidos por assistência técnica direta da própria fábrica.
GENERAL ELECTRIC S.A.

Fonte: Acervo pessoal da autora

No diálogo presente na *figura 10* a idéia do tão almejado tempo livre reaparece. Duas mulheres muito bem vestidas estão sentadas à mesa do que aparenta ser a casa de uma delas, por ter um gato doméstico deitado aos pés desta mesma mesa. Enquanto bebem chá ou café, conversam: “Querida! Como você consegue participar tão ativamente da vida social sendo uma dona-de-casa?” A outra moça responde: “Atualizei-me, meu bem! Com aparelhos G-E reduzi ao mínimo minhas preocupações caseiras.” Supostamente, nesta situação, os aparelhos domésticos reduziram seus encargos de dona-de-casa e lhes deram mais tempo para participar de atividades sociais.

De um modo geral os alimentos enlatados também auxiliaram na transformação do trabalho doméstico. Com eles as donas-de-casa poderiam ter mantimentos na dispensa por mais tempo, sem precisar ir diariamente ao mercado. Além disso, a praticidade de alguns enlatados semi-prontos cobravam menos tempo

de trabalho da cozinheira. Esta exploração do tempo livre pelas publicidades não era sem razão. Miguel (2009, p. 237) lembra que:

De acordo com Figueiredo, tempo livre estaria associado ao lazer e este, por sua vez, ao consumo, sendo esta relação construída entre os anos 50 e 60. Destarte, “o consumo aparecia assim como o meio pelo qual o homem [sic] se liberta do trabalho e, ao mesmo tempo, significa sua recompensa.” (FIGUEIREDO, apud MIGUEL, 2009, p. 237).

Ou seja, o estabelecimento da cultura de massas nas sociedades modernas, promoveu valores ligados ao tempo livre e ao lazer, além de uma juvenilização da sociedade. Articulado a isso está o ideal de auto-realização, supondo o desfrutar de um eterno presente em que há amor, aventura, beleza, vigor, felicidade e não se envelhece. “A juvenilização se liberta da idade, convertendo-se em um imaginário moderno de força, saúde, beleza e aventura em busca de amor e paixão, completando um imaginário de felicidade e plenitude que extrapola a faixa etária, transformando-se num modelo buscado pelos adultos.” (PEREIRA, 2005, p. 10).

Um padrão médio de vida que prometia felicidade, aventura, beleza e juventude foi se solidificando, colocando liberdade e consumo como lados da mesma moeda. Surgia uma idéia de modernidade aliada ao ideal de progresso e euforia pela democratização do país e que era expressa em uma nova música, um novo teatro e um novo cinema: uma sociedade “bossa nova”¹⁴. Já se podia perceber nas grandes cidades brasileiras, neste período, expressivas camadas médias formadas por funcionários públicos, profissionais liberais e comerciantes, além de executivos que surgiam com o desenvolvimento industrial dos anos de governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). Nas páginas das revistas *Querida* analisadas percebe-se a participação da publicidade impulsionando e dinamizando o consumo, assim como uma maior visualidade e valorização da tecnologia e da vida urbana.

¹⁴ Segundo Simone Luci Pereira (2005), “sociedade bossa nova” era uma expressão muito corrente à época, designando tudo o que fosse moderno, renovador, atual, fruto do progresso e sinônimo da modernidade que a década de 1950 trouxe à tona.

Era nesse cenário social que se ancorava a promoção da juventude que, por sua vez, ingressava cada vez mais no mundo do consumo fortalecido por um novo ciclo de desenvolvimento industrial, com maior diversificação da produção. Segundo Pereira (2005, p. 12):

Aliado a uma maior valorização social do tempo livre, passa a haver um aumento da oferta de empregos para os jovens recém-saídos da escola, o que, provocando um aumento da renda familiar, permitia aos jovens um emprego de seu dinheiro no consumo de bens para uso próprio, como a motocicleta ou automóvel, o violão, os discos, as roupas, etc. Isso, paulatinamente, foi gerando uma certa autonomia dos jovens em relação à família e provocando a distância entre as gerações, elementos que culminariam nos anos 1960.

A valorização da juventude que desponta neste momento não pode ser desvinculada de outros fatores como, por exemplo, o fato desta mostrar-se um importante segmento de mercado a ser explorado na cultura de massas. Uma cultura da juventude e de manter-se jovem passa a ser enaltecida e, com ela, surge um aumento da fase entre a infância e a vida adulta e são criados produtos de consumo destinados aos jovens como roupas, música, cinema. As seções e publicidades de *Querida* marcam a importância da juventude neste período, como se faz notar nas três imagens selecionadas:

A *figura 11* retrata uma publicidade de uma revista feminina direcionada ao público jovem. Na chamada os seguintes dizeres, alusivos à juventude e sua conexão com a modernidade: “Você garota, que é moderna e avançada, que está sempre na crista da ‘onda’, que usa mini-saia e gosta de iê-iê-iê, não pode deixar de ler *Garotas*.” A *figura 12* apresenta uma página da seção de *atualidades* da revista *Querida*, inteiramente dedicada a indicar livros para a infância e juventude, enquanto a *figura 13* inicia um artigo sobre *lingerie*. O título do artigo “*Lingerie 65 - Charme, juventude, elegância*” já evoca a mocidade. Ainda na mesma página os seguintes dizeres: “os criadores da *lingerie 65* pensaram em todas as mulheres: nas muito jovens, nas muito esbeltas... e nas outras.” As jovens e esbeltas certamente estão no foco principal do artigo. No final da página consta a descrição da *lingerie* que a modelo está vestindo: “tergal branco, raiado de preto e vermelho, faz pijama confortável, enfeitando as noites no contraste das cores, no estilo juvenil.” Parece que a juventude rendeu, então, um estilo e este estilo está aqui representado não apenas nas *lingeries*, mas também pela figura de uma moça sentada com as pernas entre os braços e com os cabelos presos aos ombros, remetendo o leitor à idéia de infância, mocidade, juventude. Simone Luci Pereira (2005, p. 11) argumenta:

Desta forma, a promoção da juventude ou de valores juvenis nos anos 50 fazem parte de um processo de formação não só das camadas médias, mas de um padrão médio de consumo e de estilo de vida, em que a aquisição de bens não demarca apenas um fator econômico mas também, como sugere Pierre Bourdieu (1983), a estruturação de uma diferenciação social, distinção ou estilo de vida, demarcando um gosto próprio ao capital cultural formado pelo *habitus* dos sujeitos, mapeando a posição de cada indivíduo na sociedade. Isso teve como contrapartida uma setorização também da produção de bens de consumo, especificando roupas, eletrodomésticos, cosméticos e também músicas para estes novos setores sociais que entravam para o mercado de trabalho no pós-guerra, e que também poderiam consumir, como as mulheres e os jovens. [...] uma sociedade que estava em franca transformação, em que aspectos novos do mundo moderno do consumo, da modernização, industrialização e do crescimento da vida urbana deveriam ser assimilados, ainda que devessem estar em conformidade e justapostos aos aspectos mais tradicionais da sociedade e dos costumes, para assim, adequar-se às novidades mais condizentes com a modernidade e com o desenvolvimentismo que o país e a época pediam.

Ao passo que o tempo livre, o lazer, a juventude e o consumo começavam a serem aclamados, fatos marcantes ocorriam no país. No ano de 1958 se deu pela primeira vez o concurso Miss Brasil, no Maracanãzinho, localizado na cidade do Rio de Janeiro, com transmissão pela TV Tupi. Adalgisa Colombo, do antigo Distrito Federal, foi eleita Miss Brasil 1958. Vinte e três candidatas disputaram o título. Foi a primeira vez que o Brasil enviou uma candidata para disputar o Miss Mundo. O período que vai da metade dos anos 50 até a metade dos anos 60 foi caracterizado pelo que se poderia chamar de efervescência cultural. Fundavam-se movimentos teatrais e cinematográficos e a Bossa Nova surgia para o mundo, inovando, criando e mudando a música popular brasileira. A Guerra Fria corria solta no mesmo ano em que o país parou para comemorar. O mundo se rendeu ao nosso futebol. O Brasil conquistou a Copa Jules Rimet. O historiador Boris Fausto (1999, p. 429) lembra que “na memória dos brasileiros, os cinco anos do governo Juscelino são rememorados como um período de otimismo, associado a grandes realizações cujo maior exemplo é a construção de Brasília.”

Esse período de transformações, de nacionalismo, desenvolvimentismo, reformas e mobilizações sociais chega ao fim com o golpe militar, em abril de 1964. De acordo com Joana Maria Pedro (2003, p. 241) a década de 1960 foi, especialmente na sua segunda metade, uma época de grande efervescência cultural e social. A pílula anticoncepcional, que chegou ao Brasil no início dos anos 1960, deu início a profundas mudanças na vida das mulheres, tanto com relação à vida profissional, quanto no que diz respeito à sexualidade e às relações entre homens e mulheres. Consoante a isso, Sena (2007, p. 161) expõe que “a invenção e a comercialização da pílula contraceptiva passou a ser associada a uma proposta libertária, dissociando sexo de reprodução, prazer de reprodução.” Movimentos pacifistas, feministas, a favor da igualdade racial ajudavam a compor a “cara” de um novo tempo. Mas é com a institucionalização do AI-5, em 1968, que tem início um período de conflitos mais intensos, marcados pela repressão à liberdade de expressão, período este não contemplado pelo recorte histórico temporal determinado pelas fontes.

Em um momento de crescimento urbano e forte industrialização no país, ampliavam-se as possibilidades de acesso à educação, informação, trabalho, consumo, lazer para homens e mulheres; transformavam-se as práticas sociais. Em meio a tantas mudanças, cabe questionar qual era a postura feminina esperada pela

sociedade de classe média? Ou melhor dito, por este segmento da sociedade que produzia e lia tais revistas. De que forma e até que ponto as revistas femininas, através de seus conteúdos, contribuíam para criar imaginários sobre comportamentos femininos? Isto é o que se vai perseguir nos capítulos vindouros.

3 NAS PÁGINAS DE *QUERIDA*: PRINCÍPIOS DE CIVILIDADE PARA SUAS LEITORAS

Não leve crianças a visitas. Somente o faça no caso de parentesco ou de grande intimidade; mas mesmo assim não se esqueça daquela importante “conversinha” de preparação antes de sair de casa. (*Querida*, nº 251, p. 96, 1964)

Desde o século XVI há registros de divulgações de etiquetas¹⁵, o que aponta para o fato de que desde aquela época alguns comportamentos considerados inconvenientes já faziam parte do imaginário das elites. A etiqueta era vista como uma espécie de limite entre o civilizado/refinado e o grosseiro.

Entre os séculos XVI e XVIII as sociedades de corte cresceram na Europa e com elas surgiram normas, refinamentos de conduta que geravam distinções sociais. Ao tomar como exemplo o reinado de Luis XIV, na França, Pereira (2003) observa que o grupo de cortesãos que acompanhava o rei diferenciava-se pelo vestuário, pelas expressões e pelo modo de falar; marcas exteriores que denotavam distinção e prestígio. No entanto, o que se pretendia como símbolo de altivez passou a despertar desejos de ascensão em segmentos mais baixos, como bem coloca Norbert Elias (1996, p. 201):

Tal busca fez com que os que estavam acima se esmerassem em mais refinamentos, sendo nesse movimento de difusão para baixo, da desvalorização dos sinais de distinção que foi acontecendo um avanço do patamar do embaraço e da vergonha sob a forma de “refinamento” ou como “civilização”.

¹⁵ Erasmo de Roterdã publicou, em 1537, *De civilitate morum puerilium*, a primeira tentativa de sistematização das boas e más maneiras para crianças. Quase três décadas depois surge *Galateo*, manual de civilidade escrito por Giovanni della Casa, em 1558.

A partir daí essa noção de civilidade, de refinamento, transformou-se em uma prática cultural que se tornou um produto a ser consumido. Aos poucos, as regras de civilidade passaram a ter um foco coletivo, como indica o historiador Jacques Revel (1991, p. 185):

As regras de civilidade visavam criar entre os homens as condições de um relacionamento agradável, lícito e, cada vez mais, conforme as reforçadas exigências da religião. Impunham a seus leitores comportamentos que satisfaziam as normas de uma sociabilidade cada vez mais imperativa situando todo ato individual sob o olhar de todos.

É interessante notar que o que vai compondo a etiqueta desde sua origem é a preocupação com marcas exteriores que distinguem ou separam camadas sociais. Segundo Daniela Scridelli Pereira (2003, p. 11) “aquilo que se capta no movimento dos corpos das elites, primordialmente em situações coletivas, é o que se almeja.” Ainda no que se refere à propagação dessas regras de civilidade, Jacques Revel (1991) ressalta que houve uma intenção pedagógica em relação aos comportamentos, enfatizando o fato de que as regras se diferenciavam conforme o grupo ao qual eram ensinadas.

Em muitas das páginas de *Querida* (1958-1968) foram produzidos discursos que aproximaram educação feminina a aprendizados de civilidade, sendo que civilidade é compreendida nesta pesquisa como uma experiência historicamente construída e capaz de produzir princípios acerca de uma regularização dos instintos. Há que atentar-se para o fato de que neste caso, como afirma Maria Stephanou (2006), não se trata apenas de instrução, de aquisição de modos de fazer, mas especialmente a prescrição da educação como modo de bem viver das mulheres. Como ressalta Maria Ângela D’Incao, as mulheres da elite deveriam “bem representar” o pai ou marido:

Essas mulheres tiveram que aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. Nos domínios públicos, como

as salas de jantar e os salões, lugar de máscaras sociais, impunham-se regra para “bem receber” e “bem representar” diante das visitas. (D’INCAO, 1997, p. 228).

Mas não só às mulheres eram ensinadas as “boas maneiras”, aos homens cabia aprender as regras de comportamento que estavam associadas ao mundo público. Ainda que em âmbitos diferentes, era importante que mulheres e homens dominassem as regras de civilidade. Na apresentação feita por Renata Janine Ribeiro (1996) para a edição brasileira de *O processo civilizador*, de Norbert Elias, Ribeiro afirma que Elias considera que o grau de responsabilidade dos homens amplia enormemente à medida que ele se civiliza, aumentando, conseqüentemente, o controle dos seus impulsos. Os anseios humanos tornam-se civilizados, significando que as emoções passam a ser contidas e os impulsos controlados.

A contenção de pulsões, a civilização, segundo Norbert Elias (1996), através de práticas de leitura pode ser constatada na recomendação de leituras de livros religiosos, catecismos e manuais de civilidade, por exemplo. Segundo Cunha (2006), principalmente a partir da segunda metade do século XX, impressos que não especificamente manuais de civilidade passaram a ser difundidos e funcionavam como suportes materiais de textos e imagens, atuando como veículos propagadores de normas e preceitos. A pesquisadora salienta que naquele momento histórico as normas de civilidade estão reverberadas em diversos impressos, dentre os quais podem ser citados os livros escolares, revistas de variedades, livros de romances, cinema, teatros, músicas.

Visa-se, então, neste capítulo, à discussão de como a leitura de suportes textuais, que aparentemente não teriam objetivo formador, contribuiu para a civilização da mulher. Um desses suportes seria a revista feminina: leitura de fruição, portanto aparentemente despreziosa, que tem como um de seus principais objetivos entreter suas leitoras. Na compreensão de Maria Teresa Santos Cunha (2006, p. 18):

Através da análise de textos escolares (livros didáticos) e não-escolares (revistas de variedades) que circularam como práticas de leitura entre meninas e mulheres, entre as décadas de 1950 a 1960, pôde-se perceber um processo de codificação de regras e padrões

desejados informado por diferentes saberes e discursos que não levavam em sua caracterização o título específico de ‘manuais de civilidade’. Ao realizar uma pesquisa específica sobre manuais de civilidade, foi possível constatar que para além deles, revistas de variedades e textos escolares largamente difundidos funcionavam como suportes materiais de textos e imagens que atuavam como veículos de propagação de normas e preceitos que caracterizariam regras de civilidade [...]. Dispositivos textuais carregados de normas e valores que ‘ditaram’ padrões de civilidade do período e que, pela leitura, fora ou dentro da escola, educaram.

Se, conforme afirma Jean Marie Goulemot (2001, p. 107) “[...] seja popular, ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido”, há que frisar que, em um período em que a televisão era ainda embrionária, as revistas femininas, por suas altas vendas, parecem ter sido influentes e apropriadas por seu público leitor. Deste modo pode-se afirmar que as referidas revistas estiveram a ensinar, a educar estas leitoras, uma vez que a idéia de pedagogia cultural permite considerar a mídia impressa como educativa. Educativa porque ensina determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir; porque tais artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações constituem-se como materiais a partir dos quais as pessoas vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. São nada menos que pedagogias capazes de operar pela sedução e de educar modos de comportamento. Na concepção de Giroux e McLaren (1995, p. 144):

Existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum.

Sob esta ótica, como bem coloca Tomáz Tadeu da Silva (2002, p. 139), “todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural”. Neste sentido pode-se inferir que, assim como os textos veiculados nas páginas das revistas *Querida*, as imagens também produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo; produzem conceitos e pré-conceitos sobre

diversos aspectos sociais, produzem formas de pensar e agir, de estar no mundo e de relacionar-se com ele. A esse respeito Maria Teresa Santos Cunha (1999, p. 51) afirma:

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas; a linguagem dos títulos aguça a imaginação e faz pensar no seu conteúdo, e a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores.

E a autora vai além, procurando mostrar que estas imagens e textos educam e seduzem:

Uma educação que seduz. Uma sedução que educa. Eterno contraste: opaco e luminoso; luz e treva na luta para analisá-lo. O que educa estaria no equilíbrio tênue entre o real, portanto racionalizável, e o imaginário. O que seduz não seria o evidente, nem o absurdo. Seria o verossímil. (CUNHA, 1999, p. 75).

A partir desse ponto, o discurso criado pela mídia, de um modo geral, assume formas de regulação social que exercem uma função pedagógica. A indústria cultural, através dos meios de comunicação, participa na constituição do imaginário, cria e introjeta personagens, atitudes, ideais.

Ruth Sabat (1999, p. 28) parte da idéia de que há um círculo cultural sendo trabalhado pela mídia que ensina modos de ser homem e de ser mulher. Segundo a autora:

A publicidade utiliza mulheres e homens de determinada classe social, raça/etnia, nacionalidade, desde que de acordo com padrões estabelecidos pelas sociedades ocidentais modernas. Essas representações, porque construídas socialmente, estão carregadas de significados e, por isso, constituem identidades, reproduzem significados, produzem outros tantos.

A mídia impressa feminina é uma das instâncias sociais que produz cultura, veicula e constrói significados, identidades e representações. Através dela sujeitos podem ser constituídos a partir de um modelo predominante, correspondente ao sistema político, social e cultural do qual fazem parte.

No que concerne ao discurso sobre princípios de civilidade presente em *Querida* (1958-1968), pode-se dizer que à medida que páginas da revista são folheadas descortinam-se possíveis modos de comportamento aceitáveis para uma determinada parcela da sociedade brasileira daquela época. Ao mesmo tempo em que o cinema norte-americano apresentava cenas ousadas de mulheres solteiras beijando rapazes e comportando-se mais informalmente, casar, ao que tudo indica, continuava sendo a meta maior da mulher nesse período. E como muitos homens de classe ainda procuravam as mulheres virgens para casar, a preocupação com a “pureza” das moças continuava bastante grande. De acordo com este imaginário mulher que vestisse saia curta, sentasse com as pernas abertas ou fosse desquitada era considerada leviana. Em carta para a Revista *Querida* uma leitora registra a sua angústia:

É imoral o beijo na bôca? Meu namorado colocou a mão no meu ombro e eu na sua cintura; minha avó viu e me chamou a atenção. Será que eu estou errada? Eu gostaria de obedecê-los... sou filha única e eles gostam muito de mim...quero ser uma môça direita... tenho 19 anos e meu namorado tem 20; ele e eu temos muito juízo. (*Querida* nº 348, p. 21, 1968)

Os textos presentes nas revistas *Querida* disseminaram novos hábitos de conduta e de vida na educação de meninas e mulheres, pautados pelos valores do progresso e da civilização. Busca-se, assim, situar tais leituras em meio a um conjunto de práticas discursivas voltadas à preparação de moças na sua condição de cidadãs, lembrando, como afirma Maria Stephanou (2006, p.363), que o discurso sobre a civilidade, que parece tão natural “constitui tão somente uma experiência histórica. Ao invés de natural, representa um intenso esforço de codificação e controle dos comportamentos, esforço para conter as sensações e movimentos do corpo e da alma.” Neste sentido as revistas femininas, em especial nas décadas de 1950 e 1960, desempenhavam um papel de destaque neste intento de promover

uma educação da conduta feminina. Nas palavras de Luciana Fornazari (2001, p. 65):

[...] no século XX, as revistas, tanto femininas quanto de variedades, traziam normas que promoviam um devir desejado, idealizado, destinado principalmente às mulheres. Segundo Carla Bassanezi, as imagens das revistas femininas 'mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época'.

Com a leitura das revistas *Querida* modelos de conduta considerados corretos foram se delineando: uma moça direita deveria ser recatada, educada, vestir-se com elegância e discrição e, principalmente, saber como cuidar bem do lar, do marido e dos filhos. Um jovem para ser considerado “bom partido” teria que ser trabalhador e demonstrar condições de sustentar confortavelmente sua família. Mas as formas de comportamento, consideradas legítimas para uma determinada parcela da sociedade brasileira da época, foram sofrendo transformações no decorrer dos anos que perfazem o período recortado pelas fontes. O ano de 1964 abre a época da ditadura vivida no Brasil. Em consequência de um sistema político opressor, jovens participantes de movimentos estudantis questionavam padrões de comportamento e normas estabelecidas. A pílula anticoncepcional proporcionou às mulheres a oportunidade de pensar a sua sexualidade, as mesmas mulheres que começavam a ter espaço nas universidades e no mercado de trabalho. Iniciava-se, ainda, a era de uma cultura influenciada pela indústria cultural.

Contudo, a partir das leituras das revistas *Querida* (1958-1968) realizadas, compreende-se que no Brasil dos anos 60 conviviam as idéias da modernidade e de mudança com a do ideal do “casamento feliz”. Segundo esta revista, num momento de modificações sociais e políticas, “a virgindade, o adultério e a questão da mãe solteira são apontados como os mais sérios preconceitos contra a mulher” (*Querida* nº 335, p.12, 1968). “A virgindade é considerada um tabu, mas os rapazes ainda preferem as virgens para casar-se; pede-se compreensão para a mãe solteira, mas poucos aceitam com serenidade essa situação em sua própria família; defende-se a

liberdade de ação para a mulher, mas nem sempre ela é compreendida quando se torna emancipada.” (*Querida* nº 335, p. 14, 1968). Em uma página de *Querida* lia-se:

Tolhida pelos preconceitos, a mulher - hoje mais do que nunca - luta desesperadamente para realizar-se, pois, agora, ela também tem contra si as inconveniências dos próprios anseios da vida moderna. Ela procura seu equilíbrio entre a moda e o pudor, entre o amor e a liberdade, entre as circunstâncias e a sua própria condição feminina. (*Querida* nº 335, p. 14, 1968).

Mesmo se tratando de um período de transformações culturais, sociais e políticas, ainda se fazia possível perceber através das páginas da revista *Querida*, que diversas questões e tabus continuavam a chocar a sociedade. A discussão aberta sobre temas como o aborto, a sexualidade dos jovens, a infidelidade feminina ou a gravidez de moças solteiras, continuava sendo uma excepcionalidade. A esse respeito, em uma revista do ano de 1968 constava a seguinte observação: “É curiosa a observação de que o progresso do mundo não elimina os preconceitos. Pelo contrário, o refinamento social tende a estabelecer discriminações.” (*Querida* nº 335, p. 14, 1968).

Não obstante, apesar de ser possível encontrar preceitos de civilidade nas mais variadas seções de *Querida*, a revista possuía uma coluna, intitulada “*Certo e Errado nas Pequenas Coisas*”, que era responsável, especificamente, por prescrever modos de portar-se em determinadas situações; as ditas boas maneiras. É nessa coluna que se centrará o item a seguir.

3.1 CERTO E ERRADO NAS PEQUENAS COISAS

No ano de 1962 começou a ser publicada em *Querida* uma coluna intitulada *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, escrita por Maria Thereza Senise que, a partir de 1965 passa a assinar como Maria Thereza Weiss. A coluna tratava sobre qual a postura adequada a se tomar em diferentes situações tidas como do cotidiano das leitoras de *Querida*. Eram enfocados assuntos como namoro e noivado, visitas, solicitações de favores, postura de esposa, mulher desquitada, festas, moda, modo

de portar-se à mesa, entre outros. Não havia referência à coluna no índice das revistas e os espaços reservados a ela eram sempre de meia página, ao lado de publicidades de produtos variados, como é possível notar na *figura 14*, a seguir. A partir de tais constatações sobre o lugar desta coluna nas revistas, pode-se inferir que talvez ela não passasse de preceitos avulsos, quiçá para ocupar um espaço vago na página, mas que ainda assim anunciavam prescrições de comportamentos.

Figura 14 - Querida nº 246, p. 30, 1964.

The image shows a page from the magazine 'Querida' (issue 246, page 30, 1964). On the left is a large advertisement for Vespa underwear. It features a black and white photograph of a woman in a white, short-sleeved, high-waisted outfit. The text 'Você!' is written in large letters next to her. Below the photo, it says 'Em novo estilo... Em novo conforto!' and 'Vespa naturalmente!'. There is also a small inset image of a pair of underwear. The advertisement includes the text: 'Oito luas foi novo modelo de cinta. Em todo o ponto de vista, ela é novidade. Cinta-culca GIGI, mais outra criação VESPA, que vai fazer você sentir-se maravilhosamente jovem. Com dupla, forte costura, é uma cinta especialmente equilibrada para modelar delicadamente, mas com firmeza, um corpo fino. Ela é feita elasticamente própria, nas cores branco e rosa e custa de 33 a 40 cm. As cintas elásticas VESPA resistem ao uso contínuo e as lavagens repetidas. Peça VESPA na sua loja favorita. Um produto da Fábrica Leica RUA DO ORATORIO, 114 - PAULO HENRIQUE - SÃO PAULO. TAMBÉM À VENDA NA ARGENTINA, URUGUAI E ESPANHA.'

On the right is a column titled 'CERTO E ERRADO NAS PEQUENAS COISAS' by Maria Thereza Senise. It features a small illustration of a woman's face and a man's profile. The column contains several bullet points of advice:

- HELENA G. — Guenabara — As filhas são sempre indicadas e bem recebidas em quase todas as oportunidades. Pensemos, não gosto de enviá-las a doentes, porém, é um costume correto e até muito simpático. Quero apenas esclarecer que, neste particular, as filhas indicadas são filhas de aroma suave, jamais devendo ser enviadas a pessoas doentes: angélicas, líricas, sensuais, magnólias, etc. — "Minha opinião" — Para homenagear uma parturiente, nada mais belo do que cróis ou botões entreabertos.
- Já que falamos em filhas, devemos lembrar que aquelas que se recebem devem ser obrigadas a agradecer dentro de um breve prazo. Não fica bem esperar ocasião análoga para retribuir.
- Mandam a etiqueta e o bom senso que se evite pedir um favor a quem se encontra outro, recentemente, a não ser em caso de extrema urgência e absoluta necessidade. Como costumeiro, é aconselhável deixar transcorrer algum tempo a fim de não dar a impressão de se estar cobrando uma dívida.
- Para evitar situações embaraçosas, é conveniente meditar sobre as coisas antes de as externar e "policiar" bem as frases antes de as proferir.
- É incorreto e extremamente desagradável gesticular exageradamente, falar em voz alta, apontar pessoas ou chamá-las por nomes.
- Imperdoáveis ainda... as gargalhadas e os espirros estridentes. As pessoas que têm o hábito de fazer barulho ao tossir e espirrar, "peço por favor", que façam isto discretamente, bem baixinho...
- Em recinto fechado, havendo necessidade de cuspir, o recomendado é fazer que de um tempo.

Fonte: Acervo pessoal da autora

Através da coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas* instaura-se um processo de codificação que assume enunciações específicas, no que concerne às relações entre educação da mulher e civilidade, e produz uma determinada visão do que é polido, agradável, adequado, civilizado, enfim, educado. Segundo Maria Stephanou (2006, p. 364) "informavam para formar disposições, condutas, sensibilidades, direções de vida, para o que privilegiavam enunciados normativos

que dizem o que é ou o que deve ser a mulher bem educada, moderna, engajada em tornar seu lar, e por extensão, toda a sociedade, melhor.”

Pode-se inferir que muitas das dicas de etiqueta eram respostas a cartas de leitoras¹⁶, pois alguns tópicos da coluna eram direcionados a uma determinada pessoa, como que em resposta à mesma:

Clara Maria - Se estiver em um jantar de cerimônia e o guardanapo cair, não o apanhe de maneira alguma; deixe que o garçom ou a criada o faça. Está claro, meu bem, que este pequeno incidente não pode ser considerado como “gaffe”. Isto acontece a toda hora e a muita gente [...]. (*Querida* nº245, p.75, 1964).

Helena G – Guanabara – As flores são sempre indicadas e bem recebidas em quase todas as oportunidades. Pessoalmente, não gosto de enviá-las a doentes, porém é um costume correto e até muito simpático. Quero apenas esclarecer que, neste particular, só são indicadas as flores de aroma suave, jamais devendo ser enviadas a pessoas doentes: angélicas, lírios, jasmims, magnólias, etc. – “Minha opinião”? – Para homenagear uma parturiente, nada mais belo do que rosas ou botões entreabertos. (*Querida* nº 245, p. 75, 1964).

Os assuntos abordados pela colunista eram bastante variados, no entanto foi possível observar, dentre as revistas analisadas, duas edições em que a coluna dedicou-se essencialmente a um único assunto. Na edição de nº 202 da revista *Querida*, a coluna trata dos bons modos ao volante:

As chauffeuses mais idosas, isto é, de mais de trinta anos, devem preferir carros de cores mais escuras e discretas.

Como para as mulheres qualquer ocasião é motivo de elegância, de novidade, no que diz respeito às suas roupas, enquanto o sexo masculino dirige com roupas comuns, habituais, o sexo feminino logo

¹⁶ Com relação às cartas de leitoras retratadas nas revistas *Querida*, vale tomar de empréstimo as ressalvas feitas por Lílian Henrique de Azevedo (2009, p.155): “Tomando-se as referências sobre as cartas enviadas às redações [...] como verdadeiras, é preciso deixar claro que se está admitindo que existiram materialmente e em quantidade.” Quanto às respostas a estas cartas “igualmente válidas são as ressalvas em relação a todas, ou a quase totalidade das cartas respondidas publicamente, terem sido editadas para exemplificarem somente o que foi necessário esclarecer, aos demais leitores, pelos editores”.

encontrou uma série de regrinhas a cumprir, quanto ao vestuário ao volante:

- Saias justas serão ótimas para a mulher ao volante quando não forem muito curtas, senão você dará um espetáculo para os olhos do cavalheiro que porventura se sentar ao seu lado.
- Procure usar saias esportivas, largas, ou calças compridas de príncipe-de-gales, para facilitar os movimentos. As saias de tergal, embora plissadas e pregueadas, são incapazes de amarrotar.
- Uma mulher vestida com cores que combinem com a pintura de seu carro fica emoldurada elegantemente, de modo a ressaltar sua tez, o colorido dos cabelos e até a cor dos olhos.
- A maquiagem para dirigir deve ser simples, destituída de artifícios.
- Quando você está ao volante de um conversível, nunca dispense o lenço nos cabelos.

Quando você está sentada dentro do carro e alguém de mais idade entra, você tem a obrigação de saltar para cumprimentar essa pessoa e ajudá-la a sentar-se.

E por fim a última regra de etiqueta – essa bem feminina: você sabe entrar e sair de um carro com elegância? Para entrar: coloque a bolsa no banco de trás. Sente-se de lado, no assento, fazendo entrar as duas pernas, ao mesmo tempo. Para sair: jogue as duas pernas, também ao mesmo tempo, para fora do carro, vire o corpo de lado e num último impulso, erga o tronco para o exterior e levante. (*Querida* nº 202, p. 24, 1962).

É interessante perceber que nesta edição a colunista procura evidenciar as diferenças existentes no que se referiam às preocupações dos motoristas do sexo feminino e masculino. Enquanto para o homem dirigir parece ser apenas mais uma atividade, sem requerer trajes ou preocupações especiais que vão além da atenção ao trânsito necessária a um bom condutor; para a mulher estar ao volante demanda ser evidenciada. Portanto a preocupação com os trajes, com a maquiagem e com a postura parecem ser mais proeminentes do que o próprio fato de ser uma boa motorista. Logicamente que não bastava estar bem vestida e maquiada, tudo deveria ser pensado para que a imagem a ser transmitida fosse de elegância com simplicidade, jamais devendo chamar a atenção para si por meio de roupas justas,

saias curtas, cabelos esvoaçantes ou maquiagens fortes. Há que atentar-se ainda, para o fato de que, apesar de estar a despontar, neste período, uma maior valorização da juventude, uma mulher de trinta anos de idade era já considerada madura ou, como afirma o artigo, “mais idosa”.

Na edição de número 204 de *Querida*, era o noivado o tema destacado pela colunista Maria Thereza:

Muito embora hoje em dia o pedido de noivado tenha se tornado uma mera formalidade, manda o bom tom que certas regras sejam observadas. Ao pai do noivo cabe a incumbência de visitar a família da noiva e de fazer o pedido; à falta deste a mãe poderá substituí-lo. No impedimento dos pais o noivo recorrerá a um parente próximo ou a um amigo íntimo com prestígio em ambas as famílias. Só em circunstâncias muito especiais o rapaz o fará.

Tão logo seja feito o pedido de noivado, dois jantares de cerimônia serão oferecidos por ambas as famílias, devendo o primeiro ser em casa da noiva. Depois desses jantares os encontros entre as duas famílias serão mais íntimos, porém, evitando-se sempre o excesso de gentilezas para não se cansarem. Serão reuniões normais como é o costume entre pessoas de trato.

Está fora de uso a participação de noivado. A mesma é hoje substituída pelo convite de casamento. Quanto à duração do noivado só os noivos poderão determinar; isto depois de estudar as possibilidades de ambas as partes.

O anel de noivado é tradicionalmente o primeiro presente que o noivo oferece e deve ser entregue à noiva logo após aceito o pedido, ou em sua primeira visita. O valor desta jóia depende das possibilidades do noivo. Um brilhante ou uma pérola são mais indicados. Compete ainda ao noivo providenciar as alianças.

O enxoval é sempre levado pela noiva, entretanto, quando a situação desta é muito modesta e estando sua família sem possibilidades para prepará-la, o noivo poderá auxiliá-la oferecendo as roupas de casa. As roupas de uso pessoal jamais serão oferecidas pelo noivo; convém que a noiva, mesmo com sacrifício se encarregue delas.

Para o casamento civil os convites são feitos verbalmente, uma vez que ao mesmo só assistem as testemunhas, os parentes próximos e os amigos muito íntimos. O casamento civil precede sempre a cerimônia religiosa. Após a cerimônia civil costuma-se servir champanha aos convidados.

Os convites para o casamento religioso são impressos em termos clássicos e são enviados, de preferência, com um mês de antecedência. Em caso de haver recepção um pequeno cartão será enviado juntamente com o convite às pessoas que se deseja receber em casa. (*Querida* nº 204, p. 54, 1962).

O noivado surge na coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas* como o momento de tornar públicas as intenções de casamento dos noivos. Ele é descrito como sendo a coisa certa a se fazer; não há qualquer indicativo de outra opção para tornar o namoro mais sério perante a família, como o casal morar junto sem casar-se, por exemplo. O noivado era via direta para o casamento, que não aconteceria, apenas, se houvesse algum motivo muito forte para tal, como indicava a coluna na edição de número 303 de *Querida*: “Os pais só intervêm no rompimento de noivado de uma filha, quando o motivo é deprimente.” (*Querida* nº 303, p. 35, 1966). A presença e o consentimento das famílias dos noivos são reiteradamente afirmados, demonstrando a importância dos parentes neste processo.

Desde o noivado, o homem, que ao casar-se é tido como o responsável pelo sustento do lar, carrega consigo o fardo de prover as alianças, o presente de noivado e, caso a família da noiva não disponha de uma boa situação financeira, cabe a ele também auxiliar com as roupas de casa que compõem o enxoval. Com o noivado acertado, o cuidado com as intimidades deveria ser redobrado para que a reputação da moça permanecesse imaculada. Na edição de número 270 de *Querida* a coluna trazia os seguintes dizeres: “Não fica bem que o noivo proceda em casa da noiva (ou vice-versa) com exagerada intimidade, o que dá sempre motivos a comentários desagradáveis. É aconselhável que mantenha sempre atitude amável, porém, circunspecta.” (*Querida* nº 270, p. 68, 1965).

De acordo com a coluna uma moça educada deveria saber que a circunspeção e o recato eram características imprescindíveis ao *bom tom*. Aliás, nas palavras de Maria Thereza (*Querida* nº 245, p. 75, 1964), a discrição era “qualidade das mais apreciadas. Pessoa educada e de boa formação moral jamais faz perguntas sobre a vida íntima de ninguém, mesmo tratando-se dos mais próximos parentes.” Cuidar com as palavras proferidas fazia parte do intento em ser uma moça educada: “também na linguagem deve haver cuidado, evitando termos sofisticados que dão sempre a impressão de frivolidade. Seja natural e simples, seja

você mesma, quer esteja em companhia modesta ou em ambiente requintado.” (*Querida* nº 305, p. 67-A, 1966).

Extremamente deselegante era “gesticular exageradamente, falar em voz alta, apontar pessoas ou chamá-las aos gritos. Imperdoáveis ainda as gargalhadas e os espirros estridentes.” (*Querida* nº 246, p. 30, 1964). Cumprimentos efusivos em público também deveriam ser evitados “não só porque é aconselhável nestas ocasiões uma atitude discreta, como também porque não se sabe se a pessoa cumprimentada tem o mesmo prazer e entusiasmo com o encontro.” (*Querida* nº 216, p. 33, 1963). O mesmo se aplicava às despedidas emocionadas: “as despedidas, quanto mais breves mais expressivas são. As efusões exageradas estão fora de lugar em público.” (*Querida* nº 303, p. 35, 1966). De um modo geral, ao que parece, para ser bem vista a pessoa deveria ser discreta “as pessoas que se esforçam para chamar a atenção e parecer excêntricas nunca atraem simpatia. As que são simples, amáveis e gentis, inspiram logo uma simpatia e são as mais queridas.” (*Querida* nº 303, p. 35, 1966).

A necessidade da discrição não se restringia às atitudes. As moças que prezavam por um bom conceito de si deveriam tomar alguns cuidados ao vestir-se e maquiar-se. “A maquiagem deve ser usada com muita parcimônia e discrição. Só desta forma embeleza e faz sobressair aos dons naturais.” (*Querida* nº274, p.85, 1965). A simplicidade era sinônimo de elegância ao vestir-se; de acordo com a colunista “a naturalidade chega a ser uma virtude, tanto agrada. Vista-se com simplicidade e sempre de acordo com a ocasião.” (*Querida* nº 305, p. 67-A, 1966). Usar muitos adornos e ostentar jóias também não era de bom tom:

Tornamos a repetir: as jóias são usadas de acordo com o vestido, o lugar a que se vai e também de acordo com a idade. As jovens devem usá-las com muita sobriedade; não estava bem aquela menina moça com um enorme solitário e valiosíssimos pingentes em brilhantes. Quando se viaja, se realiza um passeio ou uma compra pela manhã, não é correto e demonstra falta de conhecimentos ostentar jóias que não sejam as indicadas para estas ocasiões. Nunca se esqueça que em tais circunstâncias a simplicidade se impõe e dá sempre a melhor das impressões. (*Querida* nº 216, p. 33, 1963).

Conforme enunciava Maria Thereza “solteira, viúva ou separada do marido, a mulher que se preza deve abster-se de comparecer sozinha a lugares públicos em horas inadequadas.” (*Querida* nº 216, p. 33, 1963). O recato mostrava-se também muito importante às mulheres desquitadas:

Julia T C – Rio – lembre-se, querida, que, em rigor, o que não convém a uma mulher casada, também não é conveniente a uma desquitada. Evite, sempre que possível, principalmente em público, as expansões ou provas de intimidade. Sendo prudente e recatada estará a salvo de comentários desfavoráveis e ainda de interpretações errôneas por parte de terceiros. (*Querida* nº 251, p. 96, 1964).

Para as desquitadas ou viúvas em segundas núpcias todo o cuidado e discrição eram importantes. A união poderia ser celebrada com festa, “mas esta deve ser simples e de proporções reduzidas.” (*Querida* nº 303, p. 35, 1966). Para a cerimônia no cartório: “não fica bem comparecer ao cartório com um vestido escuro ou demasiadamente vistoso. Aconselha-se um traje sóbrio, um costume, por exemplo, veste bem e é o mais apropriado.” (*Querida* nº 303, p. 35, 1966). Em resposta a uma carta de leitora a colunista enfatiza novamente estes cuidados:

Jandira C – S. Paulo – O aconselhável no seu caso, para esse segundo casamento, é uma cerimônia religiosa simplíssima, após a qual você poderá oferecer, em sua própria casa, aos pais e filhos de ambos, irmãos e padrinhos, uma taça de champanha e bolo. É claro que, mesmo sendo viúva, não há nada de inconveniente e que a impeça de recepcionar os amigos. Apenas procure fazê-lo de maneira discreta e elegante.

Mas notável mesmo eram as alusões aos bons modos à mesa. Segundo a antropóloga Daniela Scridelli Pereira (2003, p. 15) “a etiqueta à mesa é um dos temas que causa mais apreensões, por ser percebida como uma prática na qual se colocará à prova toda a educação recebida.” Deste modo, o bom comportamento à mesa e a melhor maneira de receber convidados em um jantar eram bastante referenciados na coluna, que funcionava também como um espaço de consultas

para quem precisasse organizar uma recepção, como é possível perceber nos excertos a seguir:

Vilma Soares – Bauru – O uso de uma só bebida do começo ao fim de uma refeição tem como finalidade facilitar, ou melhor, simplificar o serviço. É claro que, se possível, cada iguaria deve ser acompanhada do vinho correspondente. Entretanto, é correto e até por muito considerado uma forma de requinte, que seja servido, em um jantar formal, apenas champanha extra-seco ou um bom vinho rose bem gelado. (*Querida* nº 251, p. 96, 1964).

Seu jantar de cerimônia ficará melhor organizado se, para um grupo de dez ou doze pessoas, for feito serviço duplo, isto é: duas entradas, dois pratos de peixes, dois de assados e duas sobremesas. Um garçom de cada lado da mesa servirá os pratos. (*Querida* nº 274, p. 85, 1965).

Para o jantar formal, é necessário que a mesa comporte lugares para que todos os convidados possam ficar sentados. Convida-se, no máximo, dez a doze pessoas. A número maior de convivas, oferece-se o tipo americano, pois quanto mais forem os convidados, menos formal será o jantar. (*Querida* nº 274, p. 85, 1965).

Os jantares de cerimônia geralmente são oferecidos em ocasiões muito especiais: quando se deseja distinguir um amigo, homenagear pessoas graduadas, fazer uma apresentação importante e, ainda, no caso de serem convidadas pessoas idosas que não gostariam de comer em pé. (*Querida* nº 274, p. 85, 1965).

Quando preparar uma festa, procure calcular o número de pessoas que possa devidamente atender. Não pense convidar a mais, imaginando que algumas deixarão de comparecer. Não se esqueça de que haverá convidados que, por conta própria, trarão parentes e amigos. (*Querida* nº 303, p. 35, 1966).

Se as pessoas soubessem que o receber bem e com verdadeira elegância é fazê-lo com simplicidade, não o fariam com modos extravagantes e em ambiente sofisticado, como se estivessem num palco; dando impressão de que gostam de chamar a atenção dos demais e de ser alvo de comentários. (*Querida* nº 303, p. 35, 1966).

De acordo Maria Thereza Weiss, não se podia imaginar nada que ferisse “tanto os preceitos da etiqueta como ver pessoas mal comportadas à mesa. Quem não sabe estar em sociedade não deve jamais aceitar determinados convites.” (*Querida* nº 251, p. 96, 1964). “Falar com boca cheia e mastigar de boca aberta”

eram consideradas “atitudes de deselegância, descortesia e quase de ‘pecados mortais’ contra a boa educação.” (*Querida* nº 245, p. 75, 1964). Era também muito importante que, quando convidada para um jantar, coquetel ou qualquer espécie de recepção a pessoa respondesse prontamente se poderia comparecer, pois quem “convida necessita saber a tempo quantas pessoas estarão presentes, a fim de poder tomar todas as providências.” (*Querida* nº 270, p. 68, 1965). Essencial também comparecer “sempre vestida com propriedade e com aparência bem cuidada” (*Querida* nº 245, p. 75, 1964) e saber como se utilizar dos talheres, afinal “facas existem apenas para cortar. As pessoas que ao comer levam a faca à boca ou arrumam com a mesma ‘aos montinhos’ a comida sobre o garfo, demonstram pouca educação e total falta de traquejo.” (*Querida* nº 251, p. 96, 1964). O modo de sentar-se à mesa também não passava despercebido:

À mesa não se deve recostar os ombros na cadeira. O correto é sentar-se ereta, apenas tocando o encosto com a base da espinha dorsal. Pessoas educadas jamais farão suas cadeiras penderem para trás. É admissível que os comensais, entre um serviço e outro, recostem-se em uma posição mais cômoda, porém, devem evitar sempre dar a impressão de ociosidade. (*Querida* nº 216, p. 33, 1963).

Na edição de número 305 a colunista faz um desabafo com relação à falta de educação dos convidados em recepções de casamento realizadas em casa:

Cada vez que se vai a uma casa onde se realiza um casamento nota-se o pouco tato das pessoas que enviam os presentes no próprio dia da cerimônia. Esse procedimento ocasiona sérios transtornos, pois é justamente nesse dia que estão todas as pessoas da família e empregados sobrecarregados de trabalho com as providências de última hora. É, pois, conveniente e mais cômodo enviar, cada um, a sua lembrança com antecedência de alguns dias. Outro aspecto deprimente dessas celebrações é a gula da maioria dos convidados. Comem tão desordenadamente que correm o risco de adoecer. Mais penoso ainda é o estado em que fica uma casa depois de uma destas reuniões. Cinzas de cigarro por toda a parte, pondo em grave risco os tapetes e as cadeiras estofadas. Restos de comida embaixo das mesas e atrás das portas. Peças de cristal ou de porcelana, algumas insubstituíveis, que quebram por displicência; habituados que estão a descuidar as próprias coisas, descuidam-se, também, do que não lhes pertence. Com muita

razão, pessoas experimentadas evitam reuniões na sua própria casa, preferindo utilizar, para receber seus convidados, um local que se aluga expressamente para esse fim, o que representa uma defesa à propriedade. (*Querida* nº 305, p. 67-A, 1966).

Era necessário, ainda, estar atento aos presentes recebidos, pois “aqueles que os recebem ficam na obrigação de agradecer dentro de um breve prazo. Não fica bem esperar ocasião análoga para retribuir.” (*Querida* nº 246, p. 30, 1964). Ao receber um presente o pacote deveria ser aberto logo em seguida, “à vista de quem a presenteou. Agradeça novamente e não deixe de dizer algumas palavras elogiosas quanto ao bom-gosto da lembrança escolhida. Não se esqueça que conservando o pacote fechado estará dando demonstração de falta de interesse.” (*Querida* nº 246, p. 30, 1964). Mais alusões à etiqueta de presentear e ser presenteada foram encontradas em outras edições da coluna, o que poderia sugerir um certo poder aquisitivo por parte das leitoras:

Não dê de presente, nunca, um objeto que tenha recebido de outrem; causa péssima impressão ver em outras mãos uma lembrança que se ofereceu, pensando ser do agrado da pessoa. Além de livros de bons autores, pode-se também oferecer discos com trechos de boa música, em qualquer oportunidade que se queira obsequiar alguém. (*Querida* nº 303, p. 35, 1966).

Sempre que comprar um presente verifique com atenção se foi retirado o preço e ao oferecê-lo jamais faça a menor alusão ao seu custo. É imperdoável e até mesmo ridícula a atitude de certas pessoas que muito “esquecidas” dão sempre seus presentinhos acompanhados de etiqueta de preço. (*Querida* nº 245, p. 75, 1964).

Nem sempre é correto fazer presentes com freqüência, pois tornando-se uma espécie de hábito, coloca em situação de constrangimento as pessoas obsequiadas, que se vêem obrigadas a retribuir para não passarem por descortesias ou aproveitadoras. (*Querida* nº 216, p. 33, 1963).

Com relação a presentes, o natural e sensato, para que sejam recebidos sem constrangimento e com agrado, aconselha-se que sejam enviados somente em ocasiões especiais: casamento, aniversários, bodas, formaturas, etc. (*Querida* nº 216, p. 33, 1963).

Outras regrinhas de etiqueta também estavam presentes na coluna, lembrando que “quando sentados, homens ou mulheres de boa educação mantêm os joelhos juntos. Não é de bom tom conservá-los afastados. É admissível cruzar as pernas desde que se o faça de forma discreta, mantendo-se o pé suspenso, não muito distante do chão.” (*Querida* nº 251, p. 96, 1964). Ainda estando em um recinto fechado e “havendo necessidade de cuspir, o recomendável é fazer uso de um lenço.” (*Querida* nº 246, p. 30, 1964). Às mães com bebês em período de amamentação deveriam tomar alguns cuidados para não se exporem: “se você viaja num transporte coletivo é melhor que alimente o seu bebê através de uma mamadeira.” (*Querida* nº 251, p. 96, 1964). Quanto aos favores a colunista advertia: “evite pedir um favor a quem se prestou outro, recentemente, a não ser em caso de extrema urgência e absoluta necessidade, caso contrário, é aconselhável deixar transcorrer algum tempo a fim de não dar a impressão de se estar cobrando uma dívida.” (*Querida* nº 246, p. 30, 1964). Também eram preceituados os modos de uma moça educada portar-se quando na companhia de um cavalheiro:

Andando na rua, a mulher acompanhada por um homem fica, invariavelmente, do lado interno da calçada. Quando deixa cair um objeto deve dar a oportunidade para que o cavalheiro o apanhe. Pode, sem constrangimento, deixar que o seu companheiro a auxilie carregando seus embrulhos. (*Querida* nº 246, p. 30, 1964).

Mesmo tratando-se de tempos distantes entre si; os dias atuais e aqueles em que circulava a coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, é possível associar os trechos da coluna acima descritos à afirmação de Norbert Elias, em *O processo civilizador*, ao referir-se ao tratado *De civilitate morum puerilium*¹⁷, de Erasmo:

Com o mesmo infinito cuidado e naturalidade com que essas coisas são ditas – a mera menção das quais choca o homem “civilizado” de um estágio posterior, mas de diferente formação afetiva (...) Quanto mais estudamos o pequeno tratado, mais claro se torna o quadro de uma sociedade com modos de comportamento em alguns aspectos

¹⁷ *De civilitate morum puerilium*: tratado de boas maneiras para crianças, escrito em 1537, por Erasmo, e estudado por Norbert Elias (1994) em seu livro *O processo civilizador*.

semelhantes aos nossos e também, de muitas maneiras, distantes. (ELIAS, 1994, p. 70).

Ao tomar contato com as regras de bom tom propostas na coluna de Maria Thereza Weiss pode-se perceber uma aproximação e um distanciamento dos modos de comportamento atualmente aceitos, pois ao mesmo tempo em que permanece a necessidade de saber vestir-se e portar-se às mais diversas situações a fim de conquistar um *status* socialmente reconhecido, as regras de convívio social modificaram-se, fazendo com que aquelas outrora válidas soem, agora, estranhas.

Quanto à coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas* parece imperativo considerar que, apesar desta apresentar um discurso voltado a condutas de civilidade para suas leitoras, não é possível afirmar que todas, ou qualquer parte das mulheres que a liam, se comportassem de acordo com tais normas de etiqueta. O que precisa ser ressaltado com relação a tal coluna é que esta ecoava um modo de comportamento que poderia ser associado às mulheres letradas de classe média urbana da época, prováveis leitoras de *Querida*. É igualmente importante observar que preceitos de civilidade eram também difundidos através dos contos, publicidades, reportagens e capas das revistas pesquisadas. No capítulo seguinte serão estudadas normas de conduta veiculadas pelas páginas de *Querida* (1958-1968) como adequadas para as moças que almejavam um casamento “dos sonhos”.

4 DE MOÇA DIREITA À RAINHA DO LAR: PERFIS DESEJADOS

Para que foi dizer uma coisa dessas? Para que foi perder a oportunidade de agarrar tão bom marido? (*Querida* nº 109, p. 49, 1958).

4.1 MOÇA DIREITA/MOÇA LEVIANA

No final da década de 50 e início dos anos 60, as possibilidades de acesso ao lazer, à informação e ao consumo chegavam com certa facilidade às populações urbanas de classe média. Assim como os bens de consumo, os meios de comunicação sofreram importantes transformações e o cinema popularizou-se. Os filmes norte-americanos, que traziam os beijos apaixonados como sinônimo de final feliz, eram os que mais faziam sucesso entre o público brasileiro e pode-se presumir que muitos jovens aprenderam a beijar assistindo tais filmes, como lembra Carla Bassanezi (1996).

Mesmo com tantas mudanças a educação da mulher continuava voltada para torná-la uma respeitada *moça de família*. O cinema norte-americano foi criticado por alguns conservadores, que o consideravam uma má influência por mostrar moças ousadas, beijos escandalosos, intimidades consideradas desnecessárias com rapazes, namoros dentro de automóveis. Contudo é importante atentar-se para o fato de que, se por um lado o cinema norte-americano trazia consigo cenas avaliadas como impetuosas, por outro lado veiculava também uma noção bem definida do papel feminino e masculino. De acordo com Higonnet (1991, p. 416):

Imensamente popular o cinema norte-americano representou um importantíssimo papel na definição dos sexos da cultura de massas [...]. Os ' finais felizes ' de Hollywood entregam as mulheres ao lugar a que pertencem numa ordem patriarcal: ao herói, a uma morte nobre de auto-sacrifício ou, se se desviam das normas femininas, a um castigo adequado.

Independentemente do que diziam os filmes, o “ideal de toda moça” continuava sendo “casar e ser feliz por muitos e muitos anos, como nos contos de fadas que a menina tanto leu.” (*Querida* nº 335, p. 08, 1968). Nenhuma mulher queria “ficar para titia” (expressão utilizada para designar as solteironas) e os anúncios de publicidade se aproveitavam disso:

Figura 15 - *Querida* nº 122, p. 34, 1959.

Só um Milagre de Santo Antônio!...

EH!... MAS ATE VOCE! QUEM LHE DISSE ISSO?

FOI MINHA MAE! ELA DISSE QUE VOCE DEVEIA CONSULTAR O DENTISTA SOBRE MAU HALITO.

SO DENTISTA DISSE
RECOMENDO COLGATE, QUE É UM CREME DENTAL DE BOM QUALIDADE, E QUE USADO APOS AS REFEICOES, LIMPA E EMBELEZA OS DENTES, PERFUMA O HALITO E AJUDA A EVITAR A CARIE!

EXPERIENCIAS CIENTIFICAS PROVAM QUE EM 7 ENTRE 10 CASOS, COLGATE ELIMINA O MAU HALITO QUE SE ORIGINA NA BOCA!

FORMIDAVEL!... COLGATE LIMPA, DEIXANDO OS DENTES ALVOS E BRILHANTES, O HALITO PURO E PERFUMADO E QUE SABOR GOSTOSO TEM COLGATE!

DEPOIS
COLGATE NAO E BOATO... FAZ CASAMENTO DE FATO!

Escovar os dentes logo após as refeições com
CREME DENTAL COLGATE
COMBATE O MAU HALITO E AJUDA A EVITAR A CARIE!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o Creme Dental preferido por milhões de pessoas em todo o mundo!

COLGATE limpa e embeleza os dentes. Combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

CREME DENTAL COLGATE

COLGATE É O CRIADOR DOS MAIS BELOS SORRISOS!

34

Fonte: Acervo pessoal da autora

Nesta propaganda do creme dental Colgate há um diálogo entre uma tia e sua sobrinha em que a menina inicia exclamando: “Só um milagre de Santo Antônio!” Ao

que a tia responde: “Eh!... Até você!... Quem lhe disse isso?” A menina lhe conta: “Foi minha mãe!... Ela disse que você devia consultar o dentista sobre o mau hálito, titia.” Com isso a moça vai ao dentista, que lhe recomenda o uso de Colgate, que, além de deixar os dentes alvos e brilhantes, garante um hálito perfumado. No último quadro aparece a mesma moça em companhia de um rapaz, ambos sorridentes e de mãos dadas. Junto à imagem aparece um balão com o que seria o pensamento da moça: “Colgate não é boato – faz casamento de fato!” Mas as publicidades constantes nas edições de *Querida* pesquisadas não faziam alusão ao casamento apenas, elas se valiam também do ideal romântico que girava em torno do mundo feminino. A idéia da paixão, da beleza, do encanto e do grande amor era bastante evocada nas propagandas, como é possível visualizar nos anúncios destacados:

Figura 16 - Querida nº 172, p. 32, 1961.

Figura 17 - Querida nº 172, p. 35, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora



Fonte: Acervo pessoal da autora

A figura 16 apresenta a propaganda de um perfume. Os dizeres “Para você a lembrança inesquecível dos mais encantadores romances” e “Damosel, o perfume que fala ao coração” são enfatizados pela imagem de um casal sorridente. O rapaz

está com o olhar voltado para a moça, que parece ter recebido um buquê de flores de seu pretendente. A cena apaixonada muito se assemelha à mostrada no anúncio de Cashmere Bouquet, embora a última retrate um casal mais finamente vestido, evocando um certo glamour à cena. O casal aparece rodeado por flores e o olhar apaixonado do homem para a mulher persiste. Encanto, romance e poesia são evocados na publicidade: “Mais encanto para você com Cashmere Bouquet”, no canto direito da página, acima da imagem dos produtos pode-se ler “Amor! Sonho! Poesia! Romance! Tudo isso lhe inspira o sublime perfume de Cashmere Bouquet.”

Acreditava-se que para alcançar a felicidade era necessário casar-se com um “bom partido”. Um bom casamento dependeria, sobretudo, da moça e de sua família. A candidata ao casamento deveria ser reconhecida e respeitada socialmente como uma *moça direita, de família*. Ao contrário destas, as moças consideradas *levianas* eram aquelas que permitiam intimidades físicas com os rapazes antes do casamento. As *moças levianas* poderiam até ser cortejadas por vários rapazes, mas dificilmente conquistariam um bom casamento. Em torno do momento de transformação social vivido nos anos 1960 permaneciam os ideais de comportamento das décadas passadas e o imaginário romântico continuava fortemente presente. A esse respeito Mary Del Priore argumenta:

Vida doméstica, passividade? Sim. Pois essa revolução tinha sua face oculta: o discurso normativo, a pressão do grupo, a culpa, a diferença entre mulheres certas — as que “não davam” — e erradas — “as que davam”. A distinção entre namorada e amada, por exemplo, fica claramente expressa na canção musicada por Carlos Lyra, em que Vinicius de Moraes dirige-se de maneira delicada à primeira: “Se você quer ser minha namorada... somente minha... exatamente esta coisinha, essa coisa toda minha”. Mas o que entenece é o “jeitinho de falar devagarinho... me fazer muito carinho, chorar bem de mansinho”, tudo envolvido em sensibilidade, retraimento, timidez. Já a “amada”, que se entrega “pra valer”, fazendo com os braços o ninho, “no silêncio de depois”, é outra figura feminina fadada às dificuldades reais, como “o caminho triste”. Além da música e do cinema, também a televisão que invadira 4,61% dos domicílios brasileiros em 1960 continuava martelando o ideal do amor romântico. *Alô Doçura*, série de episódios sobre um “casal feliz”, protagonizado por John Herbert e Eva Wilma foi o maior sucesso da extinta TV Tupi, ficando no ar por 11 anos. Começava também a indústria de fabricação de novelas. Em 1963, por exemplo, estreia a primeira novela diária exibida na televisão brasileira, estrelada

por Tarcísio Meira e Glória Menezes, encarnando o modelo paradigmático do herói e da heroína apaixonados. (DEL PRIORE, 2005, p. 321).

Permaneciam, assim, as diferenciações entre o namoro sério, para casar, e o namoro apenas para diversão. Apesar de os casais de enamorados terem uma certa abertura para beijarem-se e acariciarem-se, ainda sobreviviam conceitos e valores que faziam da sexualidade feminina, em especial para a mulher solteira, algo errado, digno de culpa. Em um dos contos de *Querida*, a esposa que engravidara antes do casamento e que tivera a ‘sorte’ de desposar o pai da criança, lembra melancolicamente dos dias de glória de seu marido e toma unicamente para si a responsabilidade e culpa pela gravidez:

Só de me lembrar como ele era antes fez correr arrepios em minha espinha. Voltei a vê-lo, correndo feliz, em sua motocicleta, mas logo o vi como se tornara, um balconista soturno, calado e eternamente preocupado, indo a pé para o trabalho, tudo por causa de um gesto irresponsável que eu cometera em junho do ano passado. (*Querida* nº 316, p. 19, 1967).

De acordo com a revista *Querida* (nº 335, p. 08, 1968) “um pouco de timidez na mulher é necessário, principalmente em suas relações com o homem, e tem um nome mais simpático e muito útil para a segurança da mulher: recato.” Os homens sabiam como separar a “mulher para casar” da “mulher para divertir-se”. A “mulher para casar” deveria ser sexualmente recatada, pois se seu pretendente percebesse muita facilidade por parte dela ele logo a dispensaria. Para Mary Del Priore (2005, p. 301) “a longa espera, as dificuldades, a recusa em nome da pureza eram os ingredientes que atraíam o sexo masculino”. Em entrevista para Hanne Lore, repórter da revista *Querida* (nº 106, p. 89, 1958), o ator Cyll Farney fala sobre a sua “mulher ideal”:

- A mulher que eu amar será, acima de tudo, educada. Deverá apreciar a arte em geral e o lar, em particular. Não deve mesmo ser

demasiadamente bela, para não chamar a atenção dos outros. E que seja muito carinhosa. Quem é que não precisa de carinho?

-O que você pede não é muito e, certamente, não lhe será difícil encontrar a “mulher ideal”.

-Isso é o que você pensa, as garotas de hoje só querem viver de “rock n’roll” e “boites”. Eu não vejo conteúdo nisso e, assim, vou ficando em casa [...].

Desta forma o rapaz deveria buscar a moça em casa e depois levá-la de volta; só poderia entrar na casa da moça se houvesse mais alguém presente. A conta dos passeios do casal era de responsabilidade do homem. As ditas “moças de família” não deveriam beber, participar de conversas ou piadas picantes nem tampouco aceitar abraços e beijos envolventes do namorado, não importando os desejos ou a vontade de agir espontaneamente. Se agissem de forma contrária poderiam ser consideradas levianas e corriam o risco de ficarem sozinhas. Em reportagem intitulada “Seu tipo de mulher”, da edição de número 251, um entrevistado fala sobre a importância da pureza feminina: “Não é justificável uma mulher que tenha aceitado experiências antes do tempo [...]. A mulher de princípios firmes não cede, e resistindo, honra a si mesma e à sua educação moral.” (*Querida*, nº 251, p. 72, 1964).

Em um dos contos presentes nas revistas *Querida*, o rapaz, interessado em uma moça dita independente, tira suas dúvidas a respeito do local em que esta se hospedava quando viajava sozinha. Ele se sente tranquilizado por saber que esta se hospedava em local exclusivo para moças, com regulamento severo, o que lhes garantiria um bom comportamento, no sentido de não levar acompanhantes ao hotel:

-Você tem apartamento?

-Fico sempre no hotel Bonn, em Nova Iorque

Tim aprovou silenciosamente. O Bonn era um hotel exclusivamente para senhoras, de ótima reputação e regulamento severo. (*Querida* nº 168, p. 62, 1961).

O namoro sério não deveria durar muito ou levantaria suspeitas sobre as intenções do pretendente, além de colocar a moça numa situação delicada, passível

de comentários maldosos. Por outro lado um namoro que durasse muito pouco também não era bem visto, pois poderia precipitar importantes e definitivas decisões. Após o namoro vinha o noivado, período em que, com o compromisso matrimonial firmado, o casal poderia tentar avançar nas intimidades. À jovem noiva, que precisava manter-se virgem para entrar de branco na igreja, cabia conter as tentativas do rapaz, afinal era proibido ter relações sexuais antes do casamento, fosse por ter plena confiança no noivo ou mesmo por temer que este fosse buscar satisfação nos braços de outra.

Assim como eram poucos os homens que aceitassem que suas namoradas ou noivas tivessem trocado beijos e carícias com outros rapazes, eram ainda mais raros os homens que se casavam com as “defloradas” por outro. O Código Civil previa a anulação do casamento no caso do noivo ter sido enganado. A moça que tivesse se dado a certas liberdades com outro rapaz corria o risco de ficar sozinha. Na coluna *Seu problema sentimental*, Maria Helena aconselha uma jovem leitora de *Querida* (*Querida* nº 122, p. 69, 1959):

Depois do erro cometido é difícil voltar atrás e é o que infelizmente aconteceu com você. Creio que já é tempo de procurar ser mais sensata e cuidadosa. É claro que deve dizer a verdade a seu noivo. Como pretende ser feliz enganando-o sobre assunto tão importante? Saiba ao menos enfrentar a responsabilidade de seus atos e nunca se arrependa de agir com lealdade para com o rapaz, mesmo que as conseqüências de sua fraqueza lhe possam parecer a princípio pouco agradáveis. É possível que ele rompa o noivado, mas será que não prefere isto a maiores aborrecimentos futuros [...]. Vindo a conhecer a verdade depois de casados ele perderia a confiança em você e a desprezaria [...].

Nas mesmas páginas de revistas, liam-se as críticas às liberdades do cinema, do *rock n' roll*, dos bailes de Carnaval. Em resposta à carta de uma “mãe preocupada”, as seguintes palavras: “Não é conveniente que uma jovem de 14 ou 15 anos compareça com demasiada frequência a bailes e festas. O apropriado para essa idade é comparecer apenas a reuniões de colegas de estudo e aniversários de parentes e amigos, sem jamais se exceder.” (*Querida* nº 216, p. 31, 1963).

A partir de 1964 o Brasil inicia seu período de ditadura. Jovens participantes de movimentos estudantis começavam a posicionarem-se contrários ao sistema político

vigorante, questionando regras e modos de comportamento estabelecidos. Ao mesmo tempo, e adversamente a isso, encontrava-se uma cultura alienada, voltada para o individualismo e o romantismo, embalada pelo ritmo da jovem-guarda e influenciada pela indústria cultural; esta última que veio a tornar-se, talvez, a mais duradoura e eficaz forma de dominação. Segundo Miguel (2009, p. 18):

Sob a carapuça do entretenimento, da diversão, ou da informação idônea, séria e objetiva; valores morais, estéticos e políticos eram difundidos, participando, assim da construção de hábitos e comportamentos desejados e necessários para a manutenção da 'ordem', imposta pelo sistema vigente.

Deste modo, apesar de todas as transformações sociais que se iniciavam neste período e das liberdades mostradas pelo cinema norte-americano, no Brasil ainda havia um grande esforço para que as coisas fossem mantidas dentro dos preceitos morais de até então. Com relação à juventude, a preocupação maior era com jovens que bebiam cuba-libre, mentiam para os pais e cabulavam aulas, o que mostrava que não possuíam base moral para construir um lar. Os conflitos entre as mudanças almejadas pelos jovens e o antigo modelo repressivo eram muito fortes. Mary Del Priore (2005, p. 320) coloca:

Entre as décadas de 1960 e 1970 eclode o fruto tão lentamente amadurecido: a chamada "revolução sexual". Nessa história, novo ato se abre com o desembarque da pílula anticoncepcional no Brasil. Livres da sífilis e ainda longe da AIDS, os jovens podiam experimentar de tudo. Um desejo sem limite de experimentar a vida *hippie*, os cabelos compridos se estabeleciam entre nós. Tudo isso, somado ainda a transformações econômicas e políticas, ajudou a empurrar algumas barreiras.

Desta "revolução" citada pela autora, percebe-se alguns traços nas revistas *Querida* da metade da década de 1960. Não só o conteúdo escrito, mas também as imagens retratavam algumas marcas dos acontecimentos que lhes eram contemporâneos. Como o acervo desta pesquisa compreende um período de onze anos é possível perceber, com um olhar mais atento às capas das 31 revistas que

compõem tal acervo, que com o passar dos anos elas vão se modificando. As transformações sociais se faziam refletir nas fotografias e chamadas das capas destas revistas, como se pode observar em quatro¹⁸ capas selecionadas a seguir:

Figura 18 - Revista *Querida* nº 122, 1959.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 19 - Revista *Querida* nº 172, 1961.



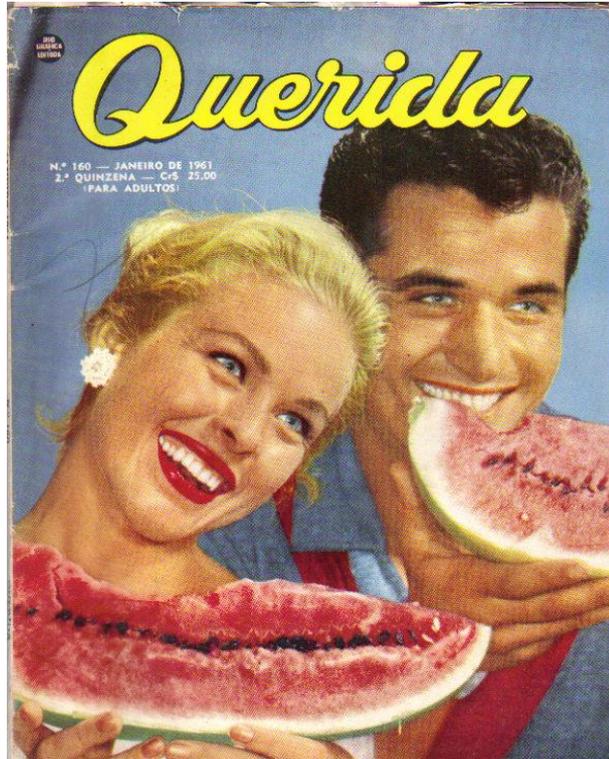
Fonte: Acervo pessoal da autora

As primeiras capas de *Querida*, como bem ilustram as figuras 18 e 19, trazem imagens de mulheres com os cabelos, que geralmente eram cacheados, muito bem penteados, maquiagens produzidas com cores fortes, lábios pintados com tons de vermelho e rosa vibrantes e traços bem marcados. É importante frisar que das 31 revistas analisadas, apenas uma apresentou a imagem de um homem em sua capa e, também por isto, foi escolhida como capa desta dissertação: a edição de número 160, de janeiro de 1961. Nela está um casal sorridente,

¹⁸ Por não ser possível analisar, neste momento, todas as capas das revistas que compõem o acervo para a presente pesquisa, estas serão colocadas em anexo (ANEXO 2) para que o leitor possa apreciar mais aprofundadamente as mudanças a serem referidas.

comendo uma melancia, fruta da estação. A mulher, com os lábios vermelhos, os cabelos presos e um enorme sorriso aparece em primeiro plano:

Figura 20 - Revista *Querida* nº 160, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora

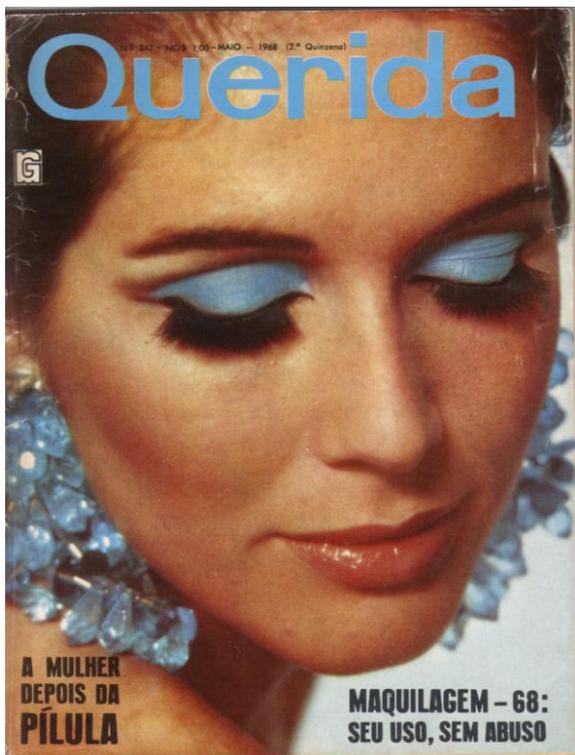
Havia uma tendência clara de focar a imagem da mulher, não apenas nas capas, mas nas reportagens e publicidades. A esse respeito a edição de número 176 da revista *Querida* trazia a seguinte afirmação:

A tendência da TV americana é de reduzir ao mínimo possível o número de homens em seus programas. Especialmente nos anúncios. Mesmo na propaganda de artigos masculinos as moças conseguem convencer mais que os rapazes. Também na publicidade de artigos neutros as mulheres são mais eficientes, porque as senhoras confiam mais nelas. A muitos homens causa até mesmo irritação ver outros homens tentando convencê-los de que este ou aquele produto é melhor do que os demais. (*Querida* nº 176, p. 18, 1961).

Sendo assim, a partir da análise realizada, pode-se perceber que as mulheres que ilustravam as capas de *Querida*, nas edições que vão do ano de 1958 até o ano de 1963, pareciam tiradas de uma pintura. Suas roupas, muito elegantes, transmitiam uma sensação de luxo e *glamour*. As letras do título da revista eram de um tipo de letra cursiva, as capas possuíam as palavras “para adultos” e suas chamadas evocavam principalmente artigos de moda e contos presentes nestes exemplares.

Entre os anos de 1964 e 1965 começam a surgir transformações nas capas de *Querida*. As mulheres que as ilustram aparecem com cabelos longos, lisos e soltos, as maquiagens tornam-se mais leves, utilizando-se de tons mais naturais na boca e enfatizando os olhos. Já não se percebe tanto as roupas das mulheres que aparecem nas capas, pois a ênfase maior é dada aos seus rostos. As letras do título da revista são agora de um tipo de letra de forma, assinalando a modificação do periódico, que passa a apresentar chamadas com apelo à pílula anticoncepcional e sexualidade feminina e já não traz as palavras “para adultos” em suas capas, dados que podem ser observados nas *figuras 21 e 22*.

Figura 21 - Revista *Querida* nº 342, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 22 - Revista *Querida* nº 351, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ao analisar capas da revista *Capricho* das décadas de 1950 e 1960, Miguel apontou para detalhes muito semelhantes aos encontrados nas capas das revistas *Querida* deste mesmo período:

...é possível perceber que com o passar dos anos elas vão se tornando mais “naturais” [...]. Até o ano de 1960, as capas são ilustradas por mulheres com os cabelos milimetricamente penteados, aparentando resistência às mais fortes ventanias graças ao laquê. As maquiagens são um tanto artificiais [...]. O rosto, como um todo, parece mais uma pintura do que o rosto de uma mulher de carne e osso [...]. A partir de 1961 nas capas predominam mulheres com os cabelos “naturalmente” soltos ou, mesmo quando penteados, são cabelos que transmitem movimento e leveza. Os rostos das mulheres vão deixando de parecer pinturas, principalmente a partir das edições da década de 1960 [...]. Ou seja, algumas permanências e algumas mudanças: mantem-se mulheres jovens, belas e brancas, mas, por outro lado, abandona-se, em parte (haja vista a forte maquiagem nos olhos), a artificialidade do rosto de pintura para aproximar-se de uma imagem de mulher mais real. (MIGUEL, 2009, p. 87-88).

Ainda de acordo com Miguel (2009, p. 88), “todas essas transformações nas fotografias que ilustram as capas estão em consonância com as mudanças em pauta, especialmente em meados dos anos 60: revolução sexual, movimentos feministas, maior escolaridade das mulheres, movimentos pacifistas [...]” Consoante a isso, as seções de cartas de *Querida* registram a necessidade de transformação da revista, em virtude das transformações sociais vividas por suas leitoras: “Por que tantos contos em *Querida*? Na verdade, além das seções costumeiras de culinária, decoração, beleza, etc, a revista pouco ou nada oferece de informação. Afinal a mulher moderna deseja conhecer outras coisas.”¹⁹ (*Querida* nº 316, p. 04, 1968).

No entanto é relevante lembrar que apesar das modificações trazidas nas capas e temas dos assuntos discutidos em *Querida*, a revista ainda trazia um discurso voltado aos valores morais conservadores presentes no início dos anos

¹⁹ Vale aqui novamente a ressalva já feita anteriormente a respeito das cartas de leitoras retratadas nas revistas *Querida*, lembrando que se está admitindo que existiram materialmente. De qualquer modo, tendo sido esta carta enviada por leitora, criada ou editada pelos editores de *Querida*, sua publicação indica uma intencionalidade em preparar sua leitora para possíveis modificações na revista.

50. Na seção de cartas de um exemplar de *Querida* do ano de 1968, constava a seguinte resposta a uma leitora que questionava o casamento:

Você fala em independência, o que à primeira vista é muito bonito. Procure conversar com as moças que você conhece e que sabe 'independentes'. Ficará surpreendida com seus recalques e frustrações. A mulher em geral fala em independência sem saber o que realmente deseja. O que ela quer é sentir-se realizada e realização sem família não existe. (*Querida*, nº 335, p. 08, 1968).

Nas grandes cidades os jovens começavam a encontrar-se em torno de festas, festivais de música, escolas e universidades, cinemas e clubes noturnos. Mesmo que a sexualidade continuasse a ser vista como um pecado para a Igreja Católica²⁰, as carícias e o beijo mais profundo, antes considerado um atentado ao pudor, começavam a ficar mais comuns.

Na moda, as saias, inicialmente compridas, tornam-se cada vez mais curtas. As páginas de moda das revistas *Querida* pesquisadas também retrataram dita mudança. Nas revistas que vão do ano de 1958 até o ano de 1965, as páginas de moda trazem sugestões de vestidos com saias que cobrem os joelhos das moças. Isso vale tanto para uma reunião mais elegante quanto para um momento mais informal, como se pode notar nas *figuras 23 e 24*. A elegância é bastante evocada no que concerne à moda feminina e as imagens retratadas são, muitas vezes, de mulheres em companhia de outras.

²⁰ Autores como Uta Ranke-Heinemann (1996), Ivan Aparecido Manoel (2004) e Marcus Levy (1996), trabalham com a questão da religião, de catolicismo e pecado e da moral religiosa. No entanto esta pesquisa não possui como um de seus objetivos aprofundar-se neste tema e deixa apenas as referências destes pesquisadores.

Figura 23 - Querida nº 133, p. 09, 1959.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 24 - Querida nº 133, p. 13 1959.



Fonte: Acervo pessoal da autora

No ano de 1964 surge a minissaia que, lançada pela estilista Mary Quant, aparece como “peça do vestuário feminino que combinaria com o espírito de sensualidade da juventude dos anos 60.” (SENA, 2007, p. 161). E em conformidade a isto, pode-se perceber que a partir das edições de 1965, as seções de moda de *Querida* apresentam as saias mais curtas e já é possível ver os joelhos das moças, tanto nos momentos mais formais quanto nos mais casuais (*figuras 23 e 24*). A elegância cede espaço ao conforto, a um certo apelo ao natural, e as imagens passam a apresentar mulheres sozinhas, em desfiles de moda ou outro cenário qualquer. Enquanto nas *figuras 23 e 24* as modelos vestem sapatos de salto alto, mesmo em um cenário de praia, na *figura 25* elas aparecem descalças e na imagem 26 os sapatos nem sequer podem ser visualizados.

Figura 25 - Querida nº 348, p. 31, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 26 - Querida nº 348, p. 32, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Mesmo com as transformações sociais promovidas na década de 60 a sexualidade, em especial a feminina, continuava reprimida. O pudor ainda fazia com que o sexo antes do casamento fosse algo ‘fora da lei’. Amar ainda não era se abandonar totalmente. É essencial lembrar que os adultos dos anos 60 foram educados por pais extremamente conservadores, sob severos preceitos de pudor. A esse respeito muitos dos contos trazem histórias de moças que tiveram relações sexuais antes do casamento e, por isso, acabaram sozinhas e sofreram com a maledicência do povo, além de terem que justificar-se com Deus, como retratam os seguintes trechos:

Por intermédio de perguntas hábeis revelei ao padre tudo o que ocorrera naquela noite de pecados com Tim em simples palavras:

- Sim, foi a primeira vez. Não, não pretendíamos que aquilo acontecesse. Sim, o rapaz é católico. Não, não podemos casar. Sim, somos menores de idade.

- Compreende então que deve evitar qualquer repetição de seu pecado? Assim, não quero que você volte a se encontrar com este rapaz [...]. (*Querida*, nº 274, p. 11, 1965).

Uma noite de loucura pode arruinar uma vida. Quantas vezes ouvira mamãe dizer-me esta frase? Mas não lhe dera ouvidos. Agora estou grávida, sem um marido e enfrentando a maledicência da cidade. (*Querida*, nº 216, p. 83, 1963).

Apesar de o sexo fora do casamento não ter sido assunto de destaque nas revistas pesquisadas, era através dos contos que eram transmitidas lições de moral contrárias à sexualidade feminina antes do matrimônio. A moça das estórias que se excedesse sexualmente, com um homem que não fosse seu esposo, estava fadada a ficar solteira, grávida ou ‘mal falada’. Mesmo com o advento da pílula anticoncepcional e com todos os câmbios que se davam na sociedade brasileira no final da década de 1960, as revistas *Querida* analisadas discutiam apenas a sexualidade das mulheres casadas, deixando claro, com a eloquência do silêncio, que fora deste caso a sexualidade feminina não era aceita.

4.2 A RAINHA DO LAR

Mesmo no final dos anos 50 ainda se acreditava que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres. Pensava-se que a felicidade feminina, nesse momento histórico, seria alcançada com a realização de um bom casamento, com a maternidade e com o cuidado da casa, dos filhos e do esposo. Aos homens cabia a participação no mercado de trabalho, a força, o sustento da família. De acordo com Michelle Perrot (1988, p. 177) era um discurso que tratava de “duas espécies com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.”

A presença da família na escolha do cônjuge era marcante e a anuência desta para com a união do casal era tida como fundamental para que o casamento desse certo. O “bom partido” era aquele capaz de dar conforto a sua família. A responsabilidade

masculina com relação ao sustento do lar aparece em muitos dos contos de *Querida*:

Que tipo de homem era eu que não conseguia dinheiro suficiente para casar e dar a minha esposa uma casa decente? (*Querida* nº 122, p. 67, 1959).

Embolsei as duas notas de duzentos que ela me deu, e saí dali o mais rápido que pude. Que espécie de homem era eu – ‘Tão alto, tão forte’ – que não conseguia dinheiro suficiente para casar com minha namorada e levá-la para longe de um cubículo de 1 metro por dois, numa casa que cheirava a repolho azedo? (*Querida* nº 177, p. 76, 1961).

Acreditava que um homem que não consegue sustentar com conforto sua família e se deixa intimidar não é digno de continuar a existir. (*Querida* nº 172, p. 80, 1961).

Inteligência também contava pontos na hora de escolher um marido; de acordo com Odete Valeri, uma das colunistas de *Querida*, “uma mulher inteligente – mais frequentemente que o homem - escolhe um homem de inteligência equivalente (o homem, por motivos masculinos, não aprecia a mulher muito inteligente)”. (*Querida* nº 109, p. 14, 1958).

O romantismo e a sensibilidade eram tidos como características femininas. Assim, era compreensível que a mulher se interessasse por romances e “vivesse para o amor”, mas há que se ressaltar que este amor deveria estar sempre cercado pela razão. Paixões femininas que excedessem os padrões da tradicional felicidade advinda do casamento legal não eram permitidas, assim como também se julgava errado enamorar-se por rapazes aventureiros, considerados irresponsáveis. Já os homens poderiam fugir às regras sem comprometer o bem estar moral.

O casamento era visto como a instituição que prometia a tão almejada felicidade. Ele representava, como coloca D’Incao (1997, p. 228), uma “etapa superior das relações amorosas” e qualquer relação entre homens e mulheres que não se firmasse dentro do matrimônio era considerada ilegítima e indecente. O amor conjugal, por sua vez, era sereno e saudável. Qualquer ameaça de uma paixão que pudesse abalar este amor deveria ser banida. O casamento tinha

também como finalidade a produção de uma prole legítima e era o único recôndito “seguro” em um ambiente urbano com tantos perigos e incertezas.

Mesmo depois de casados o homem e a mulher continuavam a vivenciar uma relação díspar. Para a esposa modelo a satisfação e o bem-estar do marido eram a medida necessária para a felicidade conjugal. Para tanto se fazia imprescindível que a mulher fosse prendada, ou seja, que cozinhasse bem, soubesse costurar, cuidasse muito bem dos filhos, e mantivesse a casa sempre limpa e organizada. Muitos dos contos de *Querida* retratavam essa dedicação da esposa ao lar e ao marido:

Mantive a promessa. Nas semanas que se seguiram, arrumei muito a casa e preparei boas refeições, de modo que ele não tivesse mais o menor motivo de queixa. (*Querida* nº 168, p. 89, 1961).

O quê? Ainda nem começou a fazer o jantar? – espantou-se Billy. (*Querida* nº 354, p. 91, 1968).

Eu entregava-me com delícia ao trabalho de arrumar e enfeitar a casa e preparar os pratos prediletos de Wade. (*Querida* nº 172, p. 33, 1961).

Com relação a isto, corroboro com Miguel, ao ressaltar que estes trechos que se referiam ao comportamento da boa dona de casa, tal qual as publicidades que também o faziam, mais do que apontar para um público alvo, sinalizam que a revista atribuía às mulheres a responsabilidade pela casa, pelos cuidados com a família, com o marido e com os filhos. Isso não quer, necessariamente, dizer que a revista fosse voltada apenas às donas de casa ou às moças casadoiras; as leitoras desta revista não eram obrigatoriamente mulheres dentro deste perfil. “O que a revista fazia era ecoar aquilo que estava associado, culturalmente, ao papel esperado das e pelas mulheres da época, independente de elas serem donas-de-casa ou não.” (MIGUEL, 2009, p. 21). No entanto, como bem sustenta Lílian Henrique de Azevedo (2009), esse comprometimento feminino com a casa e a família não deveria parecer empreitada estranha às mulheres, uma vez que estas foram educadas, desde meninas para tais tarefas:

Já é culturalmente internalizado pelas mulheres na nossa sociedade, desde a tenra infância, o cuidado com os bebês e crianças pequenas por meios das bonecas; das tarefas domésticas por meio dos brinquedos (geladeira, vassoura, tábua de passar roupa, fogão e outros aparelhos domésticos que simulam o teatro do cotidiano); do cuidado de si e das preocupações com a beleza e o consumo, também por bonecas como *Susi*, criada e fabricada no Brasil na década de 1960 e sua concorrente *Martinha*, da Trol, além da internacional *Barbie*. (AZEVEDO, 2009, p. 36).

Através das páginas de *Querida* eram divulgados discursos que levavam a entender que a boa esposa sabia que deveria assentir com as decisões do marido, nunca devendo criticá-lo, especialmente por questões de dinheiro:

Ele era agora meu marido, eu usava a aliança por ele colocada no meu dedo. Tinha os seus direitos e eu tinha de obedecer-lhe, como dissera-me mais de uma vez minha pobre avó [...]. Eu sabia ser de fato assim. Os montanheses não suportam crianças choronas ou esposas rebeldes. Até mesmo vovó dizia que, uma vez com a aliança no dedo, tinha-se que obedecer sempre ao homem. Coloquei o menino na cama e fui preparar o jantar. (*Querida* nº 168, p. 53, 1961).

Mas que importava ele beber um pouco, dissera-me mamãe. Os homens bebiam mesmo, o que restava às mulheres era acostumar-se com isso. (*Querida* nº 177, p. 65, 1961).

Era importante que a mulher casada soubesse vestir-se de forma elegante, porém sem muitos exageros que pudessem vir a provocar ciúmes no marido. O lugar dado à mulher era o de “completar” o homem. A esse respeito Del Priore (2005, p. 312) afirma:

Insatisfações femininas? Eram desqualificadas [...]. Brigas entre o casal? A razão era sempre do homem. Mas se razões houvesse, melhor para as mulheres resignarem-se em nome da tal felicidade conjugal. A melhor maneira de fazer valer sua vontade era a esposa usar o que a historiadora chamou de “jeitinho”: assim o marido cedia, sem saber. E, mais importante, sem zangar-se. Nada de enfrentamentos, conversa entre iguais ou franqueza excessiva [...]. Problemas no casamento? Nada de psicanalistas ou de tranquilizantes. Resolviam-se por meio dos conselhos de revistas femininas.

Sendo o casamento tão importante para a mulher da época, cultivá-lo fazia-se essencial. Muitas propagandas, colunas, anúncios e reportagens presentes nas revistas *Querida* (1958-1968) demonstram que o cuidado com a beleza era tido como a forma de atrair a atenção do marido e de não correr o risco de perdê-lo. Era um dos segredos para a tão aclamada “felicidade conjugal” já que “não só no setor matrimonial como no profissional, as excelentes qualidades de espírito e comportamento, de formação e de integridade moral, e até mesmo as aptidões, foram desprezadas e deixadas de lado na corrida pela beleza.” (*Querida* nº 122, p. 94, 1959). A revista enfatizava, através de seus artigos e contos, a importância de estar bonita para o marido:

Há algum tempo você era a garota dos sonhos dele [...]. E agora? Será que isto ainda acontece? Sejam honestas. Como você estava esta manhã, quando ele saiu para o trabalho? [...] Nesta hora, nada mais do que o rosto bem lavado e uma leve camada de pó. Afinal de contas, ele está saindo para o trabalho. Naturalmente na volta você deverá caprichar mais, se quiser que a volta ao lar seja um momento importante no dia de seu marido [...]. Limpa, perfumada e arrumada, você fará com que seu marido leve para o trabalho, todas as manhãs, a imagem fresca e jovial da ‘garôta dos seus sonhos’. (*Querida* nº 303, p. 66-B, 1966).

Não trabalhe demais – sussurrou Earl. – Ponha-se bem bonita para mim. (*Querida* nº 122, p. 64, 1959).

A mulher casada tinha a obrigação de concentrar sua energia em satisfazer o marido. As relações amorosas de um casal passavam por inúmeros cuidados com a aparência. As mulheres que queriam investir em um “casamento feliz” precisavam primar por sua beleza e manterem-se sempre bem vestidas para seus esposos, pois um “casamento dos sonhos” era construído à custa de empenhos para manter o marido feliz. Conforme a revista *Querida* (nº 122, p. 93, 1959) “o homem tem procurado através dos tempos a bondade e a beleza na mulher. Para si e para seus filhos.” Em uma reportagem intitulada “O glamour e a mulher casada”, constavam os seguintes aconselhamentos:

Qual a virtude em apresentar-se desleixada? A comprovação de que o dia lhe foi penoso, trabalhoso? Para seu marido significa apenas a positividade da sua metamorfose. Você já não é aquela jovem que ele conheceu, glamurosa e bela. É mais fácil – facílimo – manter os cabelos curtos, bem penteados em ondas, recorrendo a um bom permanente, do que exibir os monstruosos rolos todas as noites. Talvez seu marido não se queixe porque já se acostumou a eles como se habituou às peças do mobiliário. À velha suéter aposentada como ao mingau de aveia pela manhã. À toalha enrolada em turbante emoldurando o rosto oleoso de cremes. Já não nota como você parece, mas sabe distinguir perfeitamente como parecem as outras que encontra na rua [...]. O que aconteceu? Tarefas domésticas, obrigações, filhos, a rotina diária. É uma boa desculpa, mas é justo viver apoiada em justificativas? Encarregue-se da casa e filhos, de forma a reservar meia hora antes da chegada dele a sua “toilette”, criando um ambiente propício ao romance. Romance e amor valem mais do que sexo, creia, e conseguem envolver o homem. (Querida, nº 274, p. 34, 1965).

Claramente as tarefas diárias de cuidados com a casa e filhos não dispensavam a necessidade feminina de cuidar da aparência. E vale notar, como aparece no primeiro trecho citado, que a mulher descuidada corria o risco de ver seu marido mais interessado em outras. Tudo por sua culpa, porque não soube manter-se bela para ele, porque não reservou, em meio aos afazeres domésticos, tempo para tratar de sua beleza. A expectativa com relação ao homem não era a mesma, ao menos não foi encontrada nenhuma alusão à importância da beleza masculina. A publicidade também explorava a importância da beleza para a rainha do lar, como é possível notar na imagem subsequente:

Figura 27 - Querida nº 122, p. 45, 1959.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Este anúncio traz a imagem de um casal, ao fundo, e de uma mulher em primeiro plano. Todos os personagens estão muito bem vestidos e, a julgar pelo binóculo na mão da moça e pelo desenho do que poderia ser um balcão de camarote, pode-se afirmar que estão a assistir a um evento em um teatro. O homem, que aparece acompanhado, está a olhar para a moça, que parece estar desacompanhada. No alto da página está escrito: “Você é linda... mas por que ‘êlé’ olha para a outra?” No canto inferior direito da página constam os seguintes dizeres: “Faça irradiar do seu rosto aquele mesmo encanto que ‘Éle’ tanto admira nas outras mulheres. Use o novo compacto Rêve D’or – o moderno ‘milagre’ de Paris criado por L. T. Privér.”

Claramente a propaganda expõe que o motivo do homem estar a olhar para outra mulher é que a sua companheira já não lhe parece suficientemente bonita. Isto lhe confere escusas suficientes para admirar e desejar, até, outras mulheres. A ênfase dada à palavra “ele” no texto publicitário parece querer fazer com que a leitora se remeta não apenas ao homem retratado no desenho, mas àquele homem que faz parte de sua vida, seu marido ou noivo.

Ao passo em que as boas esposas desdobravam-se em cuidados para manterem-se belas e deixar seus maridos felizes e satisfeitos, eles não se privavam dos “casos” ou “affaires” com os quais se encontravam às escondidas. Se descoberto o romance extraconjugal do esposo, o jeito seria tentar reconquistá-lo com muito carinho, procurando estar sempre bonita para ele e, principalmente, controlando os ciúmes, pois os maridos não deveriam ser importunados com interrogatórios ou crises de ciúmes. Era mister que eles tivessem a liberdade para sair com os amigos e suas pequenas conquistas amorosas deveriam ser relevadas por aquelas que quisessem manter um bom convívio conjugal. Em um conto de *Querida* a esposa compreensiva conversa com o marido após a morte de sua amante:

Ela nunca desejou o meu lugar, Cesar. Não era uma questão de concorrência. Ela o amou à sua maneira de criança dependente, mimada, doente talvez. Mas *eu sou sua mulher*. Quero que saiba que fiz todo o possível para salvá-la, mas não há esperança. Não permiti que você soubesse antes para não causar-lhe preocupação. Agora é o fim. (*Querida* nº 316, p. 34, 1967).

Outros contos de *Querida* traziam também a questão da esposa traída pelo marido:

Às três horas ouvira sua camioneta e saíra da cama para vê-lo subir as escadas com passo incerto. Se tivesse voltado para a cama e fingido estar dormindo... mas não. Enfrentara-o e vira batom no rosto e no colarinho do marido. (*Querida* nº 168, p. 70, 1961).

Você está sendo muito severa, minha filha. Há milhares de homens que bebem demais de vez em quando e têm pequenos casos que nada significam. (*Querida* nº 168, p. 72, 1961).

O coração gritava que ele me traía, mas a consciência me acusava: eu era a culpada. E lembrei-me das noites em que o deixava só, dos beijos negados, dos carinhos que eu desprezara, absorvida, imantada, em devoção exclusiva primeiro ao meu filho, depois à filha adotiva... (*Querida* nº 176, p. 93, 1961).

É importante ressaltar que em todos os excertos era a esposa a culpabilizada pela traição: “Se tivesse voltado para a cama e fingido estar dormindo”, “você está sendo muito severa”, “eu era a culpada”. Fosse por ter enfrentado o marido quando ‘devesse’ fingir estar tudo bem, fosse por ser demasiado severa por acusar o esposo pela traição ou fosse por ter se doado mais ao filho que ao marido, o erro estava sempre na mulher. Nestes contos o homem tinha sempre a seu lado uma boa desculpa para ter procurado uma amante.

Em relação à sexualidade e o casamento, a mulher “burguesa” era considerada a base moral da sociedade e, portanto, na visão de D’Incao (1997, p. 230) “a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole”. A relação conjugal estava baseada mais no respeito do que no prazer. A mulher que fosse infiel era veementemente criticada e não deveria esperar compreensão alguma por parte do cônjuge, de sua família ou amigas. A esposa adúltera demonstrava que não tinha condições plenas de cuidar de seus filhos.

Mas eram as separações, ou os desquites, que realmente assustavam as mulheres casadas, pois neste aspecto o que estava em jogo não era apenas o lado afetivo, mas também as necessidades econômicas. É importante lembrar que neste período muitas das mulheres de classe média dependiam do marido para sustentá-las. A edição de número 285, apresenta uma reportagem intitulada “Lei de amparo aos fracassados no Amor”. O subtítulo da mesma, que já indica o rumo a ser tomado na discussão, é “Enfraquecer a família é suicídio social”. Nesta reportagem, que trata sobre a possibilidade de legalização do divórcio no Brasil, advogado Murilo Navarro Pereira, faz as seguintes considerações:

Ainda que acusem o povo brasileiro de subdesenvolvido, ninguém encontrará argumentos convincentes para acusá-lo de divorcista. No Brasil, a mentalidade conjunta por si mesma não aceita, sem restrições, um esfacelamento da união matrimonial [...]. A média de salário entre os jovens não vai além de 250 mil cruzeiros mensais. O que seria destes jovens um dia divorciados, tendo duas famílias para sustentar? - Uma calamidade social. (*Querida* nº 285, p. 23, 1965).

O desquite era a única possibilidade de separação legal dos casais na década de 1950, mas ele não dissolvia os vínculos conjugais nem admitia novos casamentos. Além disso, desquitados de ambos os sexos eram vistos como má companhia, mas as mulheres sofriam mais com a situação, pois eram evitadas pelas demais mulheres casadas e qualquer ato seu, que fosse considerado desvio de conduta pelo juiz, poderia fazê-las perderem a guarda dos filhos. A revista *Querida* (nº 335, p.14, 1968) advertia: “A mulher divorciada ou desquitada, por causa dos preconceitos, tem que enfrentar sérias consequências. Ao lado das complicações morais, alinham-se contra ela todos os problemas de caráter financeiro e material.”

A partir de uma leitura, dentre as possíveis, de três publicidades veiculadas em revistas *Querida*, é possível perceber de que forma as identidades de gênero são apresentadas e o que é mostrado como natural. É importante lembrar que a indústria publicitária lança mão de muitos recursos para vender. O fato de estar inscrito em uma propaganda não significa só um comportamento a ser afirmado, é também uma estratégia de mercado.

Figura 28 - *Querida* nº 122, p. 45, 1959.

**ALEGRIA!
BOM HUMOR!
PRAZER DE VIVER!
HUMOR MUSICAL ODEON PARA VOCÊ!**

O ambiente de sua casa é um reflexo do seu estado de espírito. Só você, como mãe, é capaz de proporcionar a seus filhos uma atmosfera sadia onde eles possam crescer alegres e felizes. Só você, como esposa, é capaz de fazer do seu lar, o ambiente acolhedor que o seu marido espera encontrar quando volta de noite. Mas, para isso, é preciso que você viva sempre alegre e bem disposta. É preciso que você mantenha o seu espírito leve e bem humorado, ouvindo boa música durante o dia; a boa música dos discos Odeon, especialmente planejados para estimular o seu prazer de viver.

COME DANCE WITH ME - voz de **FRANK SINATRA** - **SOMETHING'S GOTTA GIVE** - **DANCE IN THE DARK** - **THE SONG IS YOU** etc.

CANÇÕES PRAIRAS - voz de **J. Carlos** - voz e violão. Um ótimo conjunto de melodias modernas que são tão admiradas de excelsos virtuosos.

CARLOS JOSÉ - voz e violão. Um ótimo conjunto de melodias modernas que são tão admiradas de excelsos virtuosos.

SONHANDO CONTIGO - para ouvir e dançar. O prodigioso **FRANK SINATRA** em uma linda voz e harmonias inspiradas que tornam dele o cantor do momento.

LOVE IS THE THING - voz de **FRANÇOISE HARDY** - voz e violão. O prodigioso **FRANK SINATRA** em uma linda voz e harmonias inspiradas que tornam dele o cantor do momento.

FRANK SINATRA - voz e violão. Um ótimo conjunto de melodias modernas que são tão admiradas de excelsos virtuosos.

Escolha e ouça os discos Odeon, na sua loja preferida. E não se esqueça de ouvir também o Suplemento Sonoro Odeon, com todos os lançamentos do mês, para sua maior facilidade de escolha.

FRANK SINATRA - voz e violão. Um ótimo conjunto de melodias modernas que são tão admiradas de excelsos virtuosos.

Fonte: Acervo pessoal da autora

A imagem apresentada neste anúncio publicitário é a de uma mulher com um amplo sorriso estampado em seu rosto. No alto da página estão as figuras de um homem e um bebê, que poderiam ser seu marido e filho, respectivamente. No final da página estão imagens de discos da Odeon. No centro do anúncio constam os seguintes dizeres: “Alegria! Bom humor! Prazer de viver! Humor musical Odeon pra você! O ambiente da sua casa é um reflexo do seu estado de espírito. Só você, como mãe, é capaz de proporcionar a seus filhos uma atmosfera sadia, onde eles possam crescer alegres e felizes. Só você, como esposa, é capaz de fazer do seu lar, o ambiente acolhedor que seu marido espera encontrar quando volta de noite. Mas, para isso, é preciso que você viva sempre alegre e bem disposta. É preciso que você mantenha o seu espírito leve e bem humorado, ouvindo boa música durante o dia: a boa música dos discos Odeon, especialmente planejados para estimular o seu prazer de viver.”

Nesta propaganda está bem clara a responsabilidade da mulher, como esposa e mãe, pelo ambiente do lar. A publicidade enfatiza a importância de sentir-se alegre e bem disposta, não por motivos de saúde ou satisfação própria, mas para que essa alegria fosse refletida em sua casa, na acolhida do marido, quando este retornasse do trabalho, no trato e no zelo com os filhos. A esse respeito Miguel (2009, p. 221) afirma:

Uma vez que zelar pelo outro, cuidar da casa, dos filhos e do marido são ingredientes essenciais para que seja assegurada a felicidade conjugal; cuidar do outro pode ser visto, então, como um cuidado de si. Ou seja, a partir do momento em que cuido do outro, eu estou cuidando de mim, já que garanto minha “felicidade” como esposa e como mãe [...]. Num cenário como o dos anos 50 e 60, onde a esfera da sedução e a esfera do doméstico cercam e perseguem as mulheres (ainda mesmo na segunda metade dos anos 60, com tantas conquistas por ela alcançadas), não é difícil entender que esta confusão ocorra. Ambos permanecem imiscuídos, entrelaçados, e a publicidade, parece fazer questão de acentuar esta imbricação entre si/sedução e outro/doméstico.

Este cuidado com o outro, que parecia ser um compromisso assumido por uma boa dona de casa, esposa e mãe, surgia como uma espécie de pré-requisito

para o sucesso da vida conjugal. (MIGUEL, 2009, p. 219). O zelo pela família torna a aparecer em outros anúncios publicitários, como o selecionado a seguir:

Figura 29 - Querida nº 168, p. 93, 1961.



Fonte: Acervo pessoal da autora

A figura 29 apresenta um modelo nuclear de família, mãe, pai e filhos, em que a mãe é a responsável pelo bem estar de todos. Como anunciado nesta propaganda, o lar deveria ser a maior alegria desta mulher e, portanto, inspira muitos cuidados, dentre eles a preocupação com a saúde e o bem-estar de todos. Ao marido cabe preocupar-se em sustentar financeiramente este lar, dando a sua esposa e filhos o maior conforto possível em termos materiais. Um bom marido é aquele que além de dar conta das despesas rotineiras de uma família, ainda consegue presentear a sua esposa. Na figura 30, a seguir, este aspecto é bem visível.

Figura 30 - Querida nº 133, p. 89, 1959.

TÃO APRECIADA QUANTO UMA JOIA!

A máquina **SINGER** — uma lembrança para sempre!

Presente que é uma "joia"! O aparelho Ziguonque Singer foi inventado por um dos melhores... veja que maravilha! É completamente automático e de uso tão fácil que qualquer pessoa pode usá-lo! Não a menor caprichosa faz trabalhos com a perfeição do trabalho de um Ziguonque Singer!

Para quem já tem Singer... é fácil encontrar! O nome Singer pode ser aplicado a qualquer máquina de costura! É silenciosa, rápida, e não requer nenhuma atenção especial! Uma verdadeira joia... a qual não há nada a igualar! Ela promete resultados apreciáveis!

O nome Singer garante a eterna lembrança do seu presente. E há uma Singer para cada gosto... uma para cada orçamento. Neste Natal, faça a escolha de 150 milhões de compradores satisfeitos! Quem não ficaria encantada com uma Singer?

O NOME GARANTE O PRODUTO

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

MÁQUINAS SINGER PARA COSTUR

— a sempre-a das melhores prestações!

Fonte: Acervo pessoal da autora

A mulher, que aparece sorridente, está feliz por ter sido presenteada com uma máquina de costura, anunciada na publicidade como algo tão apreciado quanto uma jóia. Não é de se admirar, uma vez que saber costurar bem era um valioso atributo de moça de família prezada e caprichosa. Além disso o sonho de ter um eletrodoméstico estava sendo constantemente “vendido” nas propagandas veiculadas nas páginas das revistas femininas da década de 60 (XAVIER FILHA, 2005). De acordo com Vizentini (2003, p. 205) “o governo JK havia retomado o projeto de industrialização, só que agora apoiado no setor de bens de consumo durável para as classes de média e elevada renda.” O homem aparece também sorridente, pois pode comprar o presente de sua amada em suaves prestações. Aqui é importante lembrar novamente, que a responsabilidade de pagar pelas coisas da casa era do homem, que tinha o papel de provedor, dando a sua família todo o conforto.

Apesar de tais valores morais e concepções de gênero a respeito dos modos de comportamento de moças direitas e boas esposas, as revistas *Querida* pesquisadas começam a registrar, a partir do ano de 1966, artigos relacionados à sexualidade feminina, a como conciliar trabalho à lida de dona de casa e mãe; junto aos contos surgem imagens mais ousadas de beijos calorosos. Tudo isso está afim com o que vem a afirmar Lílian Henrique de Azevedo:

Desde fins do século XIX, sobretudo após a proclamação da república, as mulheres foram convocadas para educarem as crianças que seriam os futuros homens públicos e as “rainhas do lar” da nação. Este pensamento passou a ser colocado publicamente em xeque e de forma incisiva a partir dos anos sessenta, por ter demonstrado estar corroído e maculado por uma ordem de poder impossível de ser sustentada sem maiores conflitos. As críticas em relação ao casamento, a luta pelo direito ao divórcio e a decisão de ter ou não filhos por escolha, bem como o direito ao prazer e ao aborto no Brasil, foram questões tratadas socialmente como revolucionárias em um período de afirmação da mulher na cena pública. (AZEVEDO, 2009, p. 36-37).

As transformações da época apareciam nas páginas de *Querida*, embora os antigos preceitos morais não houvessem ainda desaparecido. Nas revistas *Querida* os temas amor e casamento apareciam de forma a mostrar os conflitos que a sociedade vivia nesse sentido. Em conformidade a isso, Miguel (2009) afirma que apesar de algumas permanências a imagem da mulher começa a se modificar. Em resposta à carta de uma leitora, mãe solteira, *Querida* demonstra um pouco das modificações que a sociedade brasileira vinha sofrendo, ao afirmar que esta mulher, com um passado ‘manchado’ por sua conduta sexual, poderia ainda conseguir casar-se: “É duro viver sem um companheiro e sem um pai para sua filha. Desde que tenha juízo e não se exponha a situações perigosas, poderá casar, pois, felizmente, os homens estão aprendendo a ver a mulher através do que ela possa representar para ele, e não pelo seu passado.” (*Querida*, nº 352, p. 13, 1968).

As modificações sociais pareciam refletir os acontecimentos da época, como a abertura da sexualidade feminina através da pílula anticoncepcional, aumento da escolaridade e maior participação das mulheres no mercado de trabalho. São

exemplos destas mudanças os seguintes excertos, retirados dos exemplares analisados:

Já passou a época de se dizer que mulher atualmente tem direitos e deveres iguais aos do homem. Já não é mais hora de constatar que, afinal de contas, mulher também “é gente”. Tudo isto, se bem que ainda seja discutido com ardor, já está ultrapassado. O tempo agora é de verificar o que faz a mulher para merecer tais direitos. (Querida, nº 335, p. 69, 1968).

Limitação da natalidade é tema que continua em debate, quer na palavra da cúpula (Igreja, Medicina, Estado), quer no diálogo de comadres ou no noticiário leigo da imprensa. Embora tenha sido assunto perigoso até bem pouco tempo, uma espécie de tabu hipócrita (mesmo as piedosas senhoras que ainda se escandalizam à simples menção da palavra “diafragma”, sempre utilizaram seus secretos truquezinhos anticoncepcionais...), hoje é conversa das mais populares. É argumento de filme e livro: “Prudência e a pílula”. É a base para inúmeras piadas: “Como se chama a mulher que não toma pílula: mamãe...” É definição: Mulher A.P. e Mulher D. P. – antes e depois da pílula. (Querida, nº 342, p. 36, 1968).

Muito se tem falado na limitação da família, pois a necessidade de reduzir-se a extensão da prole, no mundo inteiro, vem assumindo um caráter de urgência. Afora os métodos convencionais de limitação, até então usados, as pílulas anticoncepcionais, de criação recente, estão despertando viva celeuma em todos os recantos do mundo, provocando debates acalorados e manifestação de setores religiosos e governamentais. Se V. pretende limitar sua família, pense bem em todos os ângulos da questão e principalmente consulte seu médico. As pílulas são realmente eficazes, mas não devem ser tomadas sem a devida orientação. (Querida, nº 350, p. 11, 1968).

A frigidez masculina sempre existiu. Ela, entretanto, é essencialmente uma doença moderna. Nunca, como hoje, o homem sofreu tanto a ameaça da impossibilidade sexual. O que ainda não existe é um debate franco em torno do problema. A mulher receia abordá-lo e o homem se recusa a aceitá-lo, sem prevenção. A questão, porém, está nas mãos do bom senso, pois não se trata de um problema sem solução. O assunto também pertence à mulher e ela, mais uma vez, está diante de um desafio. (Querida, nº 351, p. 35, 1968).

Percebe-se, através dos trechos recortados das revistas, todos do ano de 1968, que estava a ocorrer uma maior abertura em torno dos debates sobre

sexualidade, controle de natalidade, direitos e deveres das mulheres. A revista *Querida*, que como afirma Carla Bassanezi (1996), poderia ser considerada ousada para a época, apóia e trata de modo natural o uso de métodos contraceptivos, bem como a utilização da pílula anticoncepcional como forma de limitar o número de filhos ou, até mesmo de evitar a gravidez. Assuntos relativos à sexualidade como a frigidez masculina também são abordados abertamente. Em um determinado momento da reportagem que discute este tema, a sexualidade refreada das mulheres é posta em xeque, atitude extremamente arrojada tomada pela edição da revista:

Há meios que ordinariamente a mulher teme utilizar, com medo de ser mal compreendida pelo marido, que pode compará-la a uma mulher vulgar. No entanto, entre a hipótese referida e a esperança de salvar uma união matrimonial, não há escolha possível. A mulher, assim, deve ter sempre em mente que, antes de tudo, o homem aprendeu a ter relações sexuais, pois isto era necessário à perpetuação de sua espécie, à confecção de sua imagem natural. Dessa forma, ela deve partir em busca dos caminhos que possam erotizar seu marido, concebendo-o simplesmente como o macho que deve ir em busca de sua fêmea. O homem é um animal e a coisa mais instintiva e animaléscica é o sexo. Dirão alguns: mas isso é sexo sem amor! Nós perguntamos: existirá sexo sem amor? Procurar o sexo é procurar o amor. (*Querida*, nº 351, p. 37, 1968).

Pode-se entender este excerto como ousado para a época porque, apesar de, como coloca Miguel (2009), os anos 60 terem marcado o início do fim de amores que tinham de parar no último estágio e de as mulheres começarem a desobedecer às normas sociais e familiares, o sexo antes do casamento, de um modo geral, continuava a ser fortemente recriminado. Não existia uma preocupação relacionada à vivência do sexo, à felicidade sexual, mas sim com a preparação para a vida matrimonial e com a procriação. Também neste trecho a mulher, esposa, só teria 'permissão' para ousar na cama a fim de 'salvar' seu marido da frigidez.

Nos exemplares do final da década de 1960, estava presente uma maior ousadia nos contos e nas imagens adjacentes a eles. Apesar do fato de que as lições de moral a favor dos "bons costumes", da moça direita, de família continuavam a fazer parte das estórias, podia-se ler em seus parágrafos cenas

“quentes” de beijos e carícias entre os casais. As ilustrações dos contos também traziam cenas de beijos e abraços ardentes, como se pode perceber na *figura 31*, que apresenta um homem deitado sobre uma mulher. A mulher aparece de olhos fechados e a boca semi-aberta, como que em uma demonstração de prazer. O homem está a beijar seu pescoço e, aparentemente, a tirar-lhe a blusa, já que é possível vislumbrar seus ombros nus. Há que atentar-se para o fato de que esta imagem é retratada por uma revista do ano de 1968.

Figura 31 - Querida nº 348, p. 09, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Diante do exposto, é possível afirmar, como bem lembra Carla Bassanezi, que as desigualdades entre homens e mulheres, a sexualidade, a maternidade, os relacionamentos familiares, as relações de trabalho, os jogos de poder, etc. são “concebidos e representados de maneiras diferentes configurando relações de gênero distintas em vários espaços e momentos históricos.” (BASSANEZZI, 1996, p.11).

A mulher conquistava novos lugares nessa sociedade e, assim, não cabia mais limitá-la ao antigo papel de esperar em casa pelo marido. Porém, o que se almejava, afinal, desta nova mulher? Infelizmente, apenas com os exemplares utilizados nesta pesquisa, que vão até o ano de 1968, não é possível chegar a uma idéia que de alguma forma se aproxime de uma possível resposta a esta pergunta. Seria plausível, talvez, buscar esta resposta através uma pesquisa que abrangesse também as edições posteriores de *Querida*, que vão do ano de 1989 a 1998.

5 PARA ALÉM DAS PÁGINAS DE *QUERIDA*

Eu guardava no fundo do coração o meu secreto amor, agarrava-me à esperança de que Mário voltaria para dizer que me amava e que faria de mim sua esposa (*Querida* nº 109, p. 38, 1958).

Ao longo desta pesquisa e por meio dos textos e imagens presentes nas revistas *Querida* analisadas, foram encontrados discursos que de certa forma indicavam condutas femininas consideradas ideais para a época. Condutas, plural, porque eram prescritos preceitos de comportamento para as mulheres solteiras, diferentes daqueles para as mulheres casadas; preceitos estes que foram sofrendo modificações ao longo do período estudado, ainda que sutis em alguns aspectos.

A imprensa feminina desempenhou, e continua a desempenhar, importante papel na educação de mulheres letradas. As revistas direcionadas ao público feminino, grandes amigas e conselheiras de suas leitoras, em especial para as donas de casa da metade do século XX, poderiam ser vistas como a mídia que, aparentemente, menos interferia negativamente no andamento dos trabalhos domésticos. Sua leitura era associada a momentos de relaxamento e descanso, podendo ser facilmente retomada por não exigir tanta concentração quanto a leitura de um livro.

Deste modo, através de suas páginas, seus artigos, contos, publicidades, colunas etc., a revista *Querida*, entendida aqui como objeto veiculador de pedagogias culturais, participou da educação de um grupo de mulheres, suas leitoras. Prescreveu modelos de conduta para as mulheres que almejavam casar-se com um “bom partido” e alcançar a “felicidade conjugal”. Tudo isso em um período de industrialização no país, de inovações tecnológicas, de alteração nos padrões de

consumo da sociedade brasileira. Período que presenciou uma valorização da juventude, da cultura de massa e da inserção da mulher no mercado de trabalho.

A coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, assinada por Maria Thereza Weiss, fez circular preceitos de civilidade para a mulher da época através de pequenas regras de como portar-se à mesa, receber convidados, vestir-se, noivar, namorar, presentear ou receber presentes etc. Com isso a coluna não apenas ensinou normas de civilidade para suas leitoras, como também contribuiu para forjar um imaginário acerca da mulher moderna.

Não somente por meio da coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, mas através de seus contos, artigos, seções imagens e anúncios publicitários, a revista reverberou modelos de comportamento para moças solteiras, ensinando-as a serem recatadas, sexualmente contidas, vestirem-se com discrição, aprenderem a cozinhar, costurar, lavar e passar; tudo isso voltado para arranjar bons maridos e tornarem-se boas donas de casa que, de acordo com o conteúdo veiculado nas revistas *Querida*, era o ideal de toda moça de família.

As rainhas do lar tiveram muito o que aprender com *Querida*. A revista ecoou modos de ser uma boa esposa e conquistar a felicidade conjugal. Para isso a mulher deveria dedicar-se ao lar e ao marido. O cuidado com o outro, sendo este o esposo e os filhos, marcava o caminho para a satisfação pessoal, uma vez que esta satisfação estava vinculada à tão aclamada prosperidade matrimonial.

Cuidar da beleza também fazia parte das atribuições da rainha do lar, o que não impediria que seu marido tivesse casos extraconjugais. Se fosse este o caso, calar-se, ou melhor, procurar meios de melhor agradá-lo era tido como a forma correta de se proceder. Cenas de ciúmes apenas a levariam a desestruturar ainda mais o casamento e, como a mulher divorciada não era bem vista perante a sociedade, o divórcio ou a separação deveriam ser evitados a todo custo.

Nestes onze anos de revistas (1958-1968), contudo, alguns conceitos foram se modificando e, apesar de haverem ainda algumas permanências com relação aos comportamentos femininos indicados pelos exemplares estudados, os direitos das mulheres passam a ser debatidos e já se percebe o que poderia delinear novos preceitos de condutas femininas através das páginas de *Querida* no final dos anos sessenta. Uma mulher que não precisava mais negar sua sexualidade e que tinha agora a chance de decidir se realmente desejava ser mãe, que poderia limitar o número de filhos através do uso de métodos anticoncepcionais. Uma mulher mais

escolarizada, que estava a buscar seu espaço no mercado de trabalho, mas que ainda precisava dividir estas atribuições às de dona de casa, esposa e mãe, que continuava sendo vista como a responsável pelas atribuições domésticas, que ainda precisava preocupar-se em estar bonita para atrair seu marido.

O conjunto de revistas *Querida*, tomado por fonte da presente pesquisa, estampava essas mulheres, além de indicar modos de comportamento para aquelas que as liam. Estes discursos para o feminino vão além das páginas de *Querida* porque estas revistas, entendidas aqui como veiculadoras de pedagogias culturais, ensinaram modos de ser, de portar-se, reverberaram padrões de conduta, de certo e errado para as mulheres da época. É bastante provável que tais discursos mais idealizem que propriamente transmitam a realidade, mas o público leitor, se não os reflete, ao menos se guia por eles e tem, ou busca, nesses veículos midiáticos, que são as revistas femininas, informações ou padrões de conduta.

Não posso deixar de citar, ainda, o quão aventuroso foi trabalhar com objetos ordinários, como o são as revistas de entretenimento. Foi difícil estranhar o que me era comum pois, traiçoeiramente, em alguns momentos, este comum chegava a parecer certo ou, ao menos, normal. Olhar para estas revistas como objetos que educaram mulheres leitoras de uma época e buscar em suas páginas preceitos de comportamentos indicados para estas mulheres foi tarefa árdua, porém gratificante e que contribuiu para que pudesse compreender um pouco mais da minha própria história.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos consultados

ALMEIDA, Nukácia M. de Araújo. Revistas Femininas e Educação da Mulher: o *Jornal das Moças*. Dissertação de Mestrado. Ceará: UEC, 2006.

AZEVEDO, Lílian Henrique de. A construção da nova mulher nas revistas *Querida e Cláudia* (Décadas de 1960 e 1970). Tese de doutoramento. Assis: UNESP, 2009.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista de Ensino do Rio Grande do Sul (1951–1992). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.), Educação em Revista. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. (Org.); CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.); MIGNOT, A. C. V. (Org.). Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. 1ª. ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002.

_____. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O *Jornal das Famílias* (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n. 2, p. 169-214, 2002.

_____. Divertir, educar e formar: Cacique - a revista da garotada gaúcha (1954-1963). Revista Educação e Cidadania, v. 5, p. 49-62, 2006.

BASSANEZI, Carla. "Mulheres dos Anos Dourados". In: DEL PRIORE, Mary (org.), História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Virando as Páginas, Revendo as Mulheres – Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1996.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Ide por todo mundo: A Província de São Paulo, campo da missão presbiteriana 1889-1982. Campinas: Centro de Memória - Unicamp, 1996. (Coleção Campiniana, 3).

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. A imprensa feminina. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. Em P. Burke (Org.), A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo:UNESP, 1992.

CAMPO, Daniela Queiroz. A civilidade em traços e letras: Preceitos de civilidade na coluna Garotas da revista "O Cruzeiro". TCC. UDESC, 2007.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1999.

_____. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. SP: UNESP, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, nº 23, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Armadilhas da Sedução. Os Romances de M.Delly. Belo Horizonte: Editora Autêntica 1999.

_____. BASTOS, M. H. C. e MIGNOT, A. C. V. (orgs). Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

_____. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. In: Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III - Século XX.. Petrópolis: Vozes, 2005, v. III, p. 347-362.

_____. Imagens de civilidade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação. Departamento de História/UDESC, 2006.

_____. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007.

_____. No tom e no tema: Escritas Ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do séc.XX). In: Marcus Levy Albino Bencostta. (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. 01 ed. São Paulo: Cortez Editores, 2007, v. 01, p. 79-99.

_____. Essa coisa de guardar... Homens de letras e acervos pessoais. História da Educação (UFPEl), v. 12, p. 109-130, 2008.

_____; TEIVE, G. M. G. . Da mão sobre o papel. Atos de escritas em cadernos escolares. In: Ana Chrystina Venancio Mignot. (Org.). Não me esqueça num canto qualquer. Rio de Janeiro: Laboratório de Educação e Imagem, 2008, v. 01, p. 01-13.

DARTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter.(org.) A Escrita da História. Novas perspectivas. trad. Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

DEL PRIORE, M. (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto; 1997.

_____. Fazer história, interrogar documentos e fundar memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador. Revista Territórios e Fronteiras [PPGHistória/UFMT], v.3, n.1, 2002, p. 9-20.

_____. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. Belo Horizonte: Revista Ciências & Cognição, Vol 10: 28-37, 2007.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1994.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

FISCHER, R. M. B. Identidade, cultura e mídia. Porto Alegre:UFRGS, 2000.

_____. Mídia e educação da mulher.Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FORNAZARI, Luciana. Gênero em revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.

GIROUX, H. McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T.T. (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em e Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GLEZER, Raquel. A história e o tempo presente. In: Decifrando o tempo presente. BRUNI, José Carlos - BARRETO, Luiz Menna - MARQUES, Nelson (orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação da liberdade, 2001.

GOMEZ, Antonio Castillo. Historia de La cultura escrita: Del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada. Sotiello-cenero: Ediciones Trea, 2002.

HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente. Vol.5. São Paulo: Ebradil, 1991.

ISMÉRIO, Clarisse. As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). Dissertação de Mestrado. Bagé: URCAMP, 2007.

KORNIS, Monica de Almeida. A era da bossa nova. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente. Vol.5. São Paulo: Ebradil, 1991.

LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. Entre história e memória: os anos dourados do curso de formação de professores no Instituto de educação do Rio de Janeiro. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MANOEL, Ivan Aparecido. O pêndulo da História. Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. A escrita nossa de cada dia: sonhos impressos em iniciativas de preservação da memória escolar. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

_____. Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. 1ª. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

_____. Papéis guardados. 1ª. ed. Rio de Janeiro: UERJ/REDE SIRIUS, 2003.

_____. (Org.) ; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.) . Práticas de memória docente. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

_____. (org). Traços da escola: memória e escrita cotidiana. Rio de Janeiro. DP&A. 2005.

_____. Um certo objeto memória: apontamentos sobre cadernos escolares. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. Guardados de professoras. Usina de Olhares (Campos dos Goitacazes), v. 2, p. 33-46, 2006.

_____. ; CUNHA, Maria Teresa Santos . Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Educação em Questão, v. 25, p. 40-61, 2006.

_____. ; VEIGA, R. L. . Um Rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares. História da Educação (UFPel), v. 12, p. 225-247, 2008.

_____. (Org.). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. (Org.). Não me esqueça num canto qualquer. 1. ed. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. De “moça prendada” à “menina super-poderosa”: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista Capricho (1952 – 2003). Dissertação de Mestrado. UFSC, 2005.

_____. A revista Capricho como um “lugar de memória” (décadas de 1950 e 1960). Tese de doutoramento. Florianópolis, UFSC, 2009.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh, vol.23, nº 45, 2003.

PEREIRA, Daniela Scridelli. Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2003.

PEREIRA, Simone Luci. Juventude e metrópole no Rio de Janeiro dos anos 1950 e 1960. Santos: Editora da UCS, 2005.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, S.J. História & História Cultural. BH: Autêntica. 2003.

RANKE-HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1996.

REVEL, Jaques. Os Usos da Civilidade in: ARIÉS, Philippe (org). História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Schwarcz, 1991.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Porto Alegre: PGEDU/UFRGS, 1999.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PGEDU/UFRGS, 2004.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Feliz1958 - O Ano que não Devia Terminar. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

SENA, Tito. Os relatórios Kinsey, Masters e Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. Tese de doutoramento. Florianópolis: UFSC, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STEPHANOU, Maria; Maria Helena Camara Bastos. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III - Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Ser e viver como mulher moderna: educação feminina segundo manuais de etiqueta dos anos 40 a 60 do século XX. Uberlândia: UFU, 2006.

_____. Jogo de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In: Elizeu Clementino de Souza; Maria da Conceição Passeggi. (Org.). Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória. 1 ed. Natal; São Paulo: Editora da UFRN; Paulus, 2008, v. 07, p. 19-53.

TEIXEIRA, Heitor D. Duarte. O outro lado do American Way of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do século XX. In: Universos da História. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.

VENTURA, Zuenir. 1968 - O ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. 1968 - O que fizemos de nós. Rio de Janeiro: Editora Planeta, 2008.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional desenvolvimentismo à política externa independente (1945-1964). IN: O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática. Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (org). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

XAVIER FILHA, Constantina. Discursos da intimidade: imprensa feminina e narrativas de mulheres-professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - ESTADO DA ARTE

ADIB, Ivani Vecina. Argumentação e Publicidade: O universo feminino e o percurso da sedução. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2002.

AGUIAR, Elaine Puntel Ribas de. O Imaginário Cultural Moderno e a Constituição do Sujeito Adolescente: contribuição ao estudo da adolescência através da análise de uma revista feminina. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1998.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista BOA FORMA. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ANGHINONI, Evary Elys. Persuadir entre ler e ver. Dissertação de Mestrado. Tuiuti: UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, 2002.

AZEVEDO, Lilian Henrique de. Mulher em revista: representações sobre o feminino nas revistas paulistanas "O Pirralho" e "A Cigarra" (1914-1918). Dissertação de Mestrado. Assis: UNIVERSIDADE ESTADUAL JÚLIO DE MESQUITA FILHO, 2000.

BABO, Thays. Amor e Sexo nas Páginas de Revista do Final do Século 20. Dissertação de Mestrado. RJ: PUC, 2002.

BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz. Retratos de mulher: análise da representação do corpo feminino nas capas das revistas mensais brasileiras Playboy e Nova no ano de 2005. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2007.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. Envolvimento e estilo conversacional: quando o sexo faz a diferença - Análise de cartas do (a) editor(a) em revistas femininas e masculinas. Dissertação de Mestrado. RJ:PUC, 1996.

BARROS, Natália Conceição Silva. As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife dos anos vinte. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2007.

BENATTI, Grahal. DA TRIP À TPM: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS NO MERCADO DE REVISTAS. Dissertação de Mestrado. Campinas: UEC, 2005

BERTHO, Paula Renata. A Revista Feminina em dois Tempos. Dissertação de Mestrado. Assis: Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2002.

BRAGA, Adriana Andrade. Corpo-verão estratégias discursivas e agendamento corporal na imprensa feminina. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UNISINOS, 2003.

CÂMARA, Adriane Peixoto. Gênero e Sexualidade na revista SEXY: um roteiro para a masculinidade heterossexual. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:UFRGS, 2007.

CAMAROTTO, Maria Helena Velozo. Discurso Publicitário de Veja: o sincretismo da mulher contemporânea. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2007.

CAMPOS, Breno Martins. Mulheres em revista: Uma sociologia da compreensão do feminino no Brasil presbiteriano (1994-2002). Tese de Doutorado. São Paulo:PUC, 2006.

CANET, Eny de Moraes Diniz. Representações femininas na revista Voz Missionaria. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1987.

CARDOSO, Patrícia Ferreira. As Revistas Femininas e a Abordagem da Sexualidade. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Gama Filho, 2002.

CARVALHO, Cristiane Portela de. A construção da identidade feminina em veja. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2001.

CARVALHO, Kátia de. A CIDADE DAS REVISTAS: IMPRENSA FEMININA NO RIO DE JANEIRO, ANOS 20. Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 1995.

CARVALHO, Nelly de Medeiros. O lexico da publicidade. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 1993.

CASALI, Caroline. Revistas: configuração do relacionamento entre homem e mulher como estratégia de segmentação do público. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UNISINOS, 2006.

CASTRO, Ana Lucia de. Revistas femininas: aspectos historicos, producao e usos sociais. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC,1994.

CATANI, Denice Barbara. Educadores a meia-luz (um estudo sobre a revista de

ensino da associacao beneficente do professorado publico de São Paulo: (1902-1918). Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1989.

COUTO, Ivette Maria Savelli Sanches do. AS CARTAS DE IRACEMA: texto crítico das crônicas da Revista da Semana (1914-1918). Dissertação de Mestrado. RJ: UFF, 2004.

COUTO, Wanessa Gonçalves dos Santos. Imagens da adolescência feminina na revista Capricho. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES, 2002.

COSTA, Carlos Roberto da. A revista no Brasil, o século XIX. Dissertação de Mestrado. São Paulo:USP,2007.

COSTA, Kátia Regina Rebello da. Mulher-signo e significados da mulher na publicidade: reinado ou reificação? Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 2004.

COSTA, Maria Paula. Da mulher para a mulher: uma análise historiográfica do correio de leitores da revista O CRUZEIRO (1950-1963). Dissertação de Mestrado. Assis: UNIVERSIDADE ESTADUAL JÚLIO DE MESQUITA FILHO, 2003.

COSTA, Rosyane Cristina Rodrigues da. Um armazém sortido e agradável: discursos e representações de gênero em NOVA e Marie Claire. Dissertação de Mestrado. Belém: UFP, 2004.

COSTA, Valmir José da. Repórter Eros. O sexo no jornalismo de revistas masculinas, femininas e gays. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2001.

_____. Nas páginas de Eros: o jornalismo erótico em revistas brasileiras e norte-americanas. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006.

DELIA, Otávio Augusto Moreira. Sociedade disciplina e sexualidade: a construção da feminilidade na mídia impressa. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2004.

DIAS, Ana Luísa Antunes. A mulher na publicidade: novas representações e velhas ideologias. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DE MARÍLIA, 2005.

DIAS, Suelly Maria Maux. Marie Claire: Cartas e Histórias de Vida - Um Estudo de Gênero e Comunicação Epistolar. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. MENINAS NO PAPEL. Dissertação de Mestrado. Porto alegre: UFRGS, 2002.

DUARTE, Carolina Faustino. A construção discursiva das identidades em revistas femininas. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2005.

DULAC, Elaine Beatriz Ferreira. Beleza, sedução e juventude: a revista da globo ensinando feminilidade. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FIGUEIREDO, Debora de Carvalho. The use and abuse of your sexual power: cosmopolitan/nova and the creation/maintenance of a conservative view of female sexuality. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1995.

FERREIRA, Maria Cristina. “As vozes negadas do feminino: Uma análise discursiva em cartas de aconselhamento”. Dissertação de Mestrado. RJ: UERJ, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FREITAS, Irene de Lima. A Construção de Identidade de Garotas Adolescentes em Revistas Femininas. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2000.

FREITAS, James Deam Amaral. Anúncios publicitários e identidade de gênero: uma análise comparativa das revistas Elle e Capricho. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2005.

FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, Mães e Médicos -Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, 2006.

FREIRE, Otávio Bandeira de Lamônica. Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2007.

GALVÃO, Ademir dos Santos. Mulher, margarina, clichês e outros ingredientes um estudo sobre mudanças conceituais na criação da propagandade margarina. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Metodista, 1997.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras: um estudo de cartas enviadas a revistas femininas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2000.

GAZEL, Alice Regina Lanza Brandão. Processos Lingüístico-Discursivos: a construção de sentido em textos de revistas femininas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

GOMES, Anderson. E por falar em mulheres: relatos, intimidades e ficções na escrita de Marina Colasanti. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2004.

GRECO, Eliana Alves. Polifonia em artigos publicados na revista feminina NOVA. Dissertação de Mestrado. Assis: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1999.

GUTIERREZ, Silas. Revistas femininas para adolescentes: uma relação amigável de poder e dominação. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2005.

HOLLENBACH, Gabriela Boemler. Sexualidade em revista: as posições de sujeito em Nova e TPM. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

KNOLL, Graziela Fraine. RELAÇÕES DE GÊNERO NA PUBLICIDADE: PALAVRAS E IMAGENS CONSTITUINDO IDENTIDADES. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2007.

LEAL, Maria Rita. Mulher para toda obra - a representação social do trabalho feminino na mídia dos anos 90. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2004.

LEOTTI, Maria José. A imagem da mulher ou a mulher da imagem: um estudo discursivo sobre o imaginário feminino na publicidade. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2007.

LIMA, Luísa Guimarães. Quem é Você Mulher: construção e representação do feminino em revista. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2005.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Espelho da mulher-revista feminina 1916-1925. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1991.

LONARDONI, Marinês. CARTAS DE LEITORES: um estudo do discurso e da construção argumentativa das cartas de leitores em revistas. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004.

MAGALHÃES, Maria Cristina Terra. A mulher na revista Veja nas décadas de 80 e 90. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade São Marcos, 2006.

MARTINS, Ferdinando Crepaldi. "ISTO É NOVO! ISTO É O BOM: imagens femininas na Revista Nova". Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1998.

MESQUITA, Leticia Nassar Matos. A construção de homens e mulheres na revista Nova: um olhar sociossemiótico. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2003.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. A Bela é a Fera: o Discurso sobre a Mulher nos Editoriais da Revista Nova nas Perspectivas da Heterogeneidade Discursiva e da Psicanálise. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOTA, Ilka de Oliveira. O Corpo no Imaginário Nacional - Uma Textualização do Corpo Feminino no Espaço Discursivo da 'Brazil Sex Magazine: Uma Revista 100% Nacional'. Dissertação de Mestrado. Campinas: UEC, 2004.

NADAF, Yasmin Jamil. Sob o signo de uma flor: estudo da revista "A VIOLETA".

publicacao do gremio literario "JULIA LOPES" - 1916 A 1950. Dissertação de Mestrado. Assis: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1993.

NAHES, Semíramis. Revista FON-FON: A imagem da mulher no Estado Novo (1937/1945). Dissertação de Mestrado. Marília: UEM, 2003.

NECKEL, Roselane. Pública Vida Íntima: A Sexualidade nas Revistas Femininas e Masculinas (1969-1979). Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2004.

NETO, Cláudia Borba Fernandes. A mulher consumidora de duas gerações: análise discursivo-comparativa de textos publicitários. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

OLIVEIRA, Édson Correia de. Identidade de gênero e linguagem - estratégias internacionais na imprensa especializada feminina. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2003.

OLIVEIRA, Irene Scótoló de. "Retratos do real": As revistas femininas sob a ótica das leitoras. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2003.

OLIVEIRA, Flávia Moreira. Discurso Psicológico em Revista Femininas no Século XX. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. As Páginas da Beleza... As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960 - 1980). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.

OLIVEIRA, Sandra Maria do Nascimento de. A configuração dos textos de aconselhamento para adolescentes nas revistas Atrevida e Todateen. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2002.

PAIM, Zélia Maria Viana. O texto publicitário: normas de discurso, normas de conduta. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. A fala-a-menos: poesia e imprensa feminina no final do século XIX e início do século XX, no Brasil. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

PEDRETTI, Andrea Cassia Efângelo. Corpo, racionalidade e emoção: a arte de persuadir em artigos de revistas femininas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2007.

PEDRO, Quelen Cristina Torres. Uma odisséia pelo corpo feminino na revista Claudia: de 1961 a 2001. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.

PEREIRA, Eveline Torres. As faces de pandora: a mulher na família, no trabalho e no lazer. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF, 2005.

PEREIRA, Marcia Aparecida Alves. O discurso da propaganda: a mulher en-cena. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

PIETROLUONGO, Marcia Atalla. "Espelho, espelho meu, existe mulher mais apaixonante do que eu" - para ler MARIE CLAIRE. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

PIRES, Monique Vidal. Mulheres em profusão: imagens das mulheres na propaganda impressa brasileira (1957 a 1997). Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2007.

RAMOS, Roberto Paes de Carvalho. Feminae: processos de identificação e construção de sentido em editoriais de revista feminina. Dissertação de Mestrado. RJ: UERJ, 2004.

RIBEIRO, Marlene Fernandes. REVISTA PEDAGOGIUM: um olhar sobre a educação do Rio Grande no Norte (década de 1920). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

RIOS, Gilma Maria. Mulheres "modernas", mulheres "perigosas": gênero, corpo e comportamento sociais em Araguari/MG (1940-1960). Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2005.

ROCHA, Adriana Regina da. "A mulher e a família na dramaturgia de Nelson Rodrigues (anos 50 e 60 do século XX)". Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2002.

ROSA, Aliete Gomes Carneiro. Publicidade científica: um estudo do modo de organização do discurso argumentativo em revistas femininas. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2005.

SABAT, Ruth. Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SALGADO, Maria das Graças Santana. Perguntar ofende? Estruturas interrogativas e a representação do feminino no discurso publicitário. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

SANTANA, Jacimara Souza. Mulher e notícias: os discursos sobre as mulheres de Moçambique na revista Tempo (1975-1985). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFB, 2006.

SANTONIERO, Maria Ursulina de Moura. A identidade da mulher nos anúncios do

sabão em pó Omo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

SANTOS, Claudia Amaral dos. A Invenção da Infância Generificada: a Pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SANTOS, Jacqueline Rios dos. Minha Amiga Cláudia. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Metodista, 1996.

SANTOS, Vera Lucia dos. A revista do Patrocínio: textos e imagens de periódico educacional dedicado à formação feminina (décadas de 20 e 30, século XX). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2004.

SCHMITZ, Daniela Maria. Mulher na moda: recepção e identidade feminina nos editoriais de moda da revista Elle. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UNISINOS, 2007.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Donas de si? A Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SERRA, Giane Moliari Amaral. "Saúde e Nutrição na Adolescência: o Discurso sobre Dietas na Revista Capricho". Dissertação de Mestrado. São Paulo: Fundação Oswaldo Cruz, 2001.

SEVERO, Marza da Silva. De mulher para mulher: papéis femininos veiculados em revistas femininas. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1994.

SILVA, Alômia Abrantes da. As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos: Imagens de Mulheres na Imprensa Parahybana dos Anos 20. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2000.

SILVA, Ana Teles da. Mulher e Diferença cultural em uma revista feminina popular. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SILVA, Gisleine Crepaldi. Uma mulher educada educa cem homens: a revista "A Violeta" e a educação feminina durante o período estadonovista, em Cuiabá. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: UFMG, 2003.

SILVA, Josineide de Meneses. Leitoras e revistas femininas: repensando estereótipos. Dissertação de Mestrado. Recife: UFP, 1996.

SILVA, Mara Cristine Vitorino da. Ideologia e Poder nos Enunciados Discursivos na Revistas Femininas: um perfil da mulher burguesa. Dissertação de Mestrado. Cascavel: UNIOESTE, 2004.

SILVA, Maria da Conceição Fonseca e. Discurso de gênero em revistas femininas: o caso CLAUDIA. Dissertação de Mestrado. Campinas, UEC, 1999.

_____. Os Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade em Claudia, Nova e Playboy. Tese de Doutorado. Campinas: UEC, 2003.

SILVA, Merli Leal. Publicidade e Ideologia: um estudo dos anúncios de produtos de beleza em NOVA. Dissertação de Mestrado. Porto alegre: PUC, 1997.

SILVA, Patrícia Rocha da. Jornalismo em primeira pessoa: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM. Dissertação de Mestrado. Porto alegre: UFRGS, 2007.

SILVA, Simone Bueno da. A construção do corpo na mídia semanal. Dissertação de Mestrado. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

SILVA, Vânia Polly da. Identidade e Distinção: moda nas revistas brasileiras na década de 90. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

SODRE, Marcia Luiza Machado Figueira. Representações do corpo adolescente feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda. Dissertação de Mestrado. Porto alegre: UFRGS, 2003.

SÓRIA, Claudia Bardal. O percurso histórico da relação mulher e trabalho e a sua imagem em revistas brasileiras. Dissertação de Mestrado. Tuiuti: Universidade Tuiuti do Paraná, 2003.

SOUSA, C. P. Sobre livros e leituras em revistas católicas: entre a vigilância, a censura e a edificação do caráter. In: I Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 1998, Lisboa. Actas do I Congresso Luso-Brasileir de História da Educação. Porto : Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998.

SOUZA, Carla Zottolo Villanova. No mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista (1941-1953). Dissertação de Mestrado. RJ: URJ, 2007.

STRAZIERI, Cecília. O feminino na publicidade. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade São Marcos, 2000.

TANIO, Maria Cristina. Mulheres de TPM: construindo modelos de identificação. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2003.

TOPKE, Denise Rugani. Miss Anos Dourados: as representações da mulher nos anúncios de Seleções do Reader's. Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 2007.

TORRES, Andrezza Kamille Régis. Transformações em concepções a respeito de mulher casada: um estudo com mulheres de três gerações baseado em afirmações

extraídas de uma revista feminina. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES, 2005.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. Imagens femininas nos jornais mato-grossenses (1937-1945): Identidade e Controle Social. Dissertação de Mestrado. Dourados: UFGD, 2007.

WATANABE, Miguel Mishuo. Para ele / para ela: concepções de feminino e de masculino no discurso publicitário dirigido. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCP, 2005.

VISCARDI, Adriana Woichinevski. Caprichos femininos: Investigação de anúncios publicitários na Revista Capricho (1955-2005). Dissertação de Mestrado. RJ:UFRJ, 2007.

ZAIDE, Irene Cohen. Discursos divergentes, propostas coincidentes. Um estudo sobre três revistas femininas brasileiras. Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 1993.

ZUCCO, Luciana Patrícia. Mulher maravilha sexualidade feminina em discursos nas revistas "Claudia" e "Mulher dia-a-dia". Tese de Doutorado. RJ: Fundação Oswaldo Cruz, 2007.

ANEXO B – CAPAS DAS REVISTAS QUERIDA QUE COMPÕEM O ACERVO PESSOAL DA AUTORA E QUE NÃO CONSTAM NO DECORRER DA DISSERTAÇÃO

Figura - Querida nº 106, 1958.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 109, 1958.



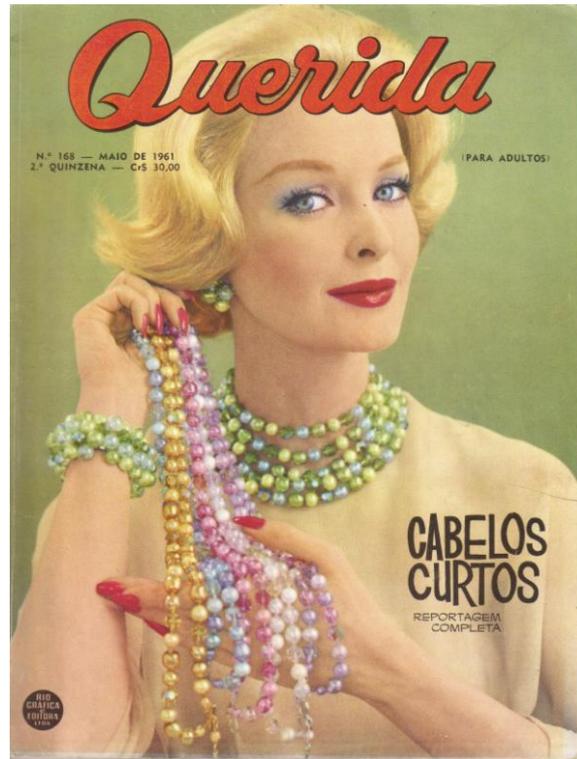
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 133, 1959.



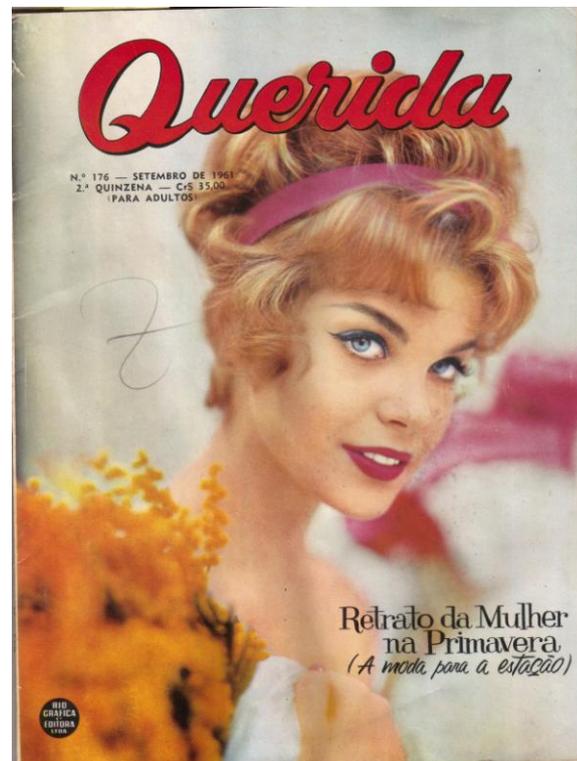
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 168, 1961.



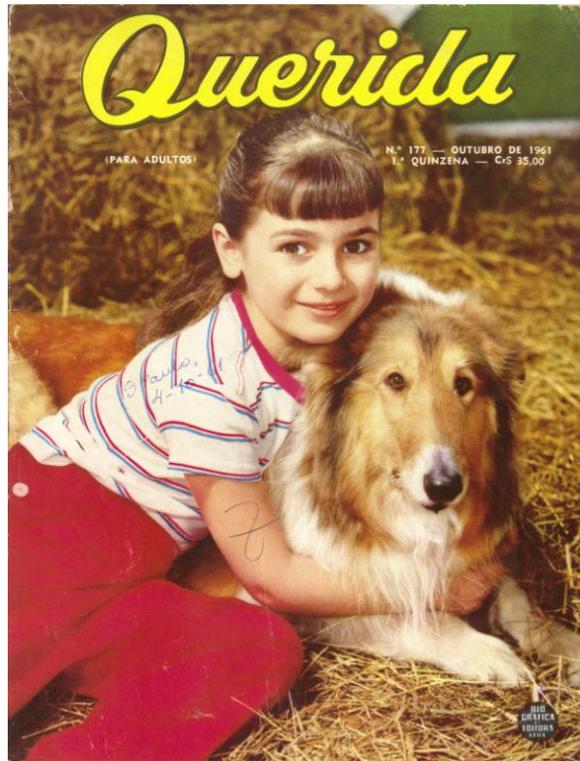
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 176, 1961.



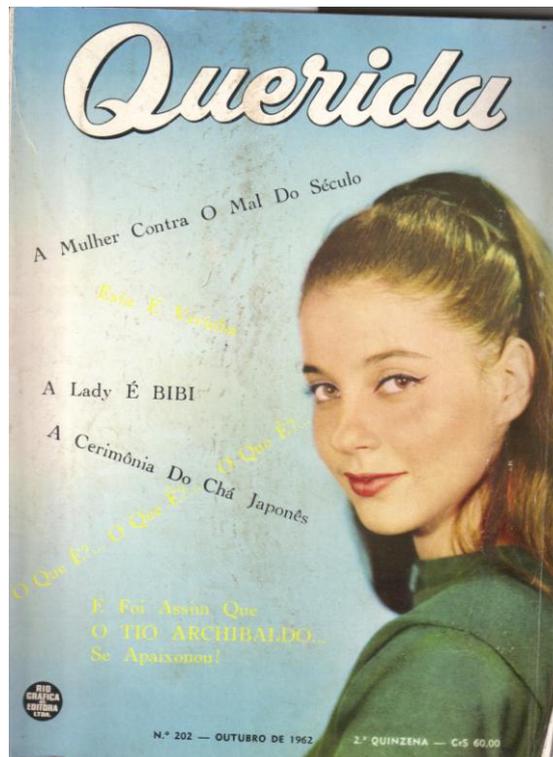
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 177, 1961.



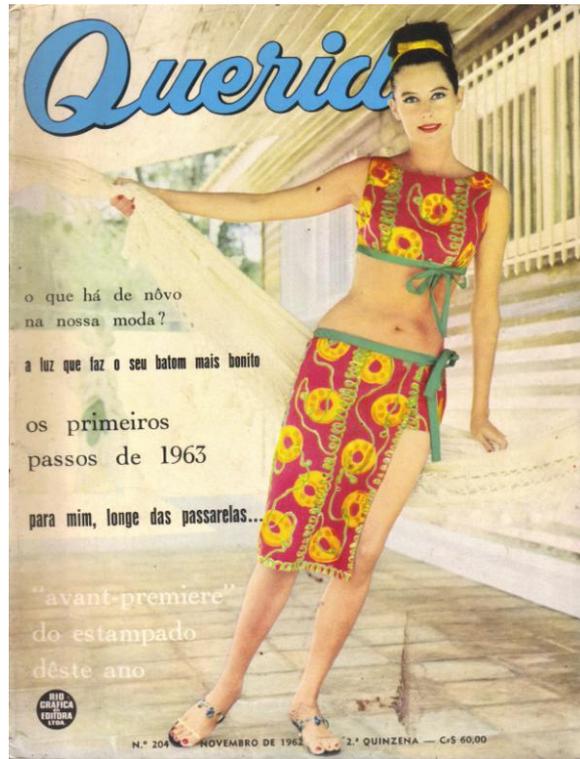
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 202, 1962.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 204, 1962.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 216, 1963.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 245, 1964.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 246, 1964.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 251, 1964.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 268, 1965.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 270, 1965.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 274, 1965.



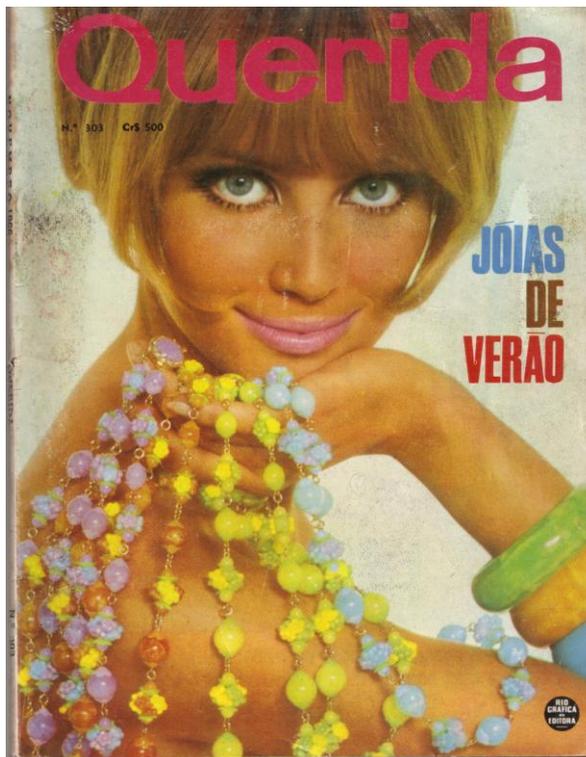
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 285, 1966.



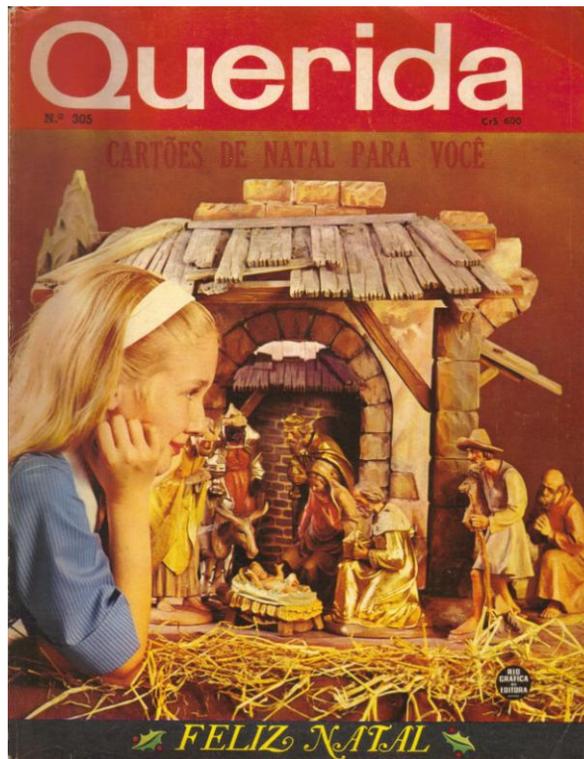
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 303, 1966.



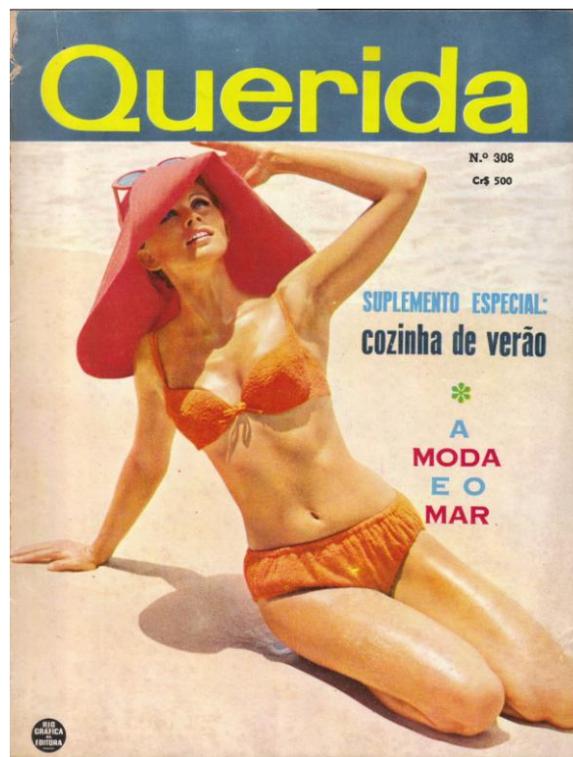
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 305, 1966.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 308, 1967.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 316, 1967.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 335, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 343, 1968.



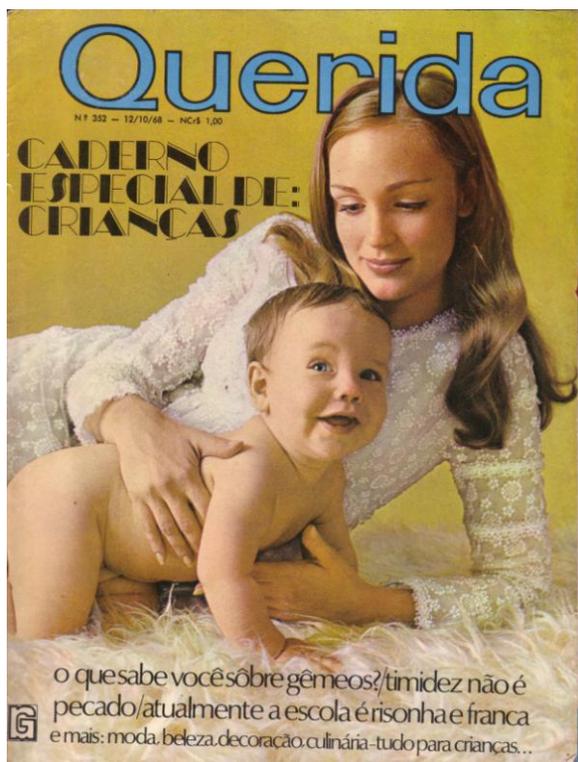
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 350, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 352, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura - Querida nº 354, 1968.



Fonte: Acervo pessoal da autora